

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

REVISTA

conexão

Literatura

Outubro / 2019

nº 52

DICAS DE LIVROS,
ENTREVISTAS COM
ESCRITORES,
CONTOS, CRÔNI-
CAS E MUITO MAIS

A MAGIA DOS LIVROS



CONHEÇA O LIVRO *JORNAL EM SÃO CAMILO DA MARÉ*, POR ADEMIR PASCALE, PÁG. 04

FEITA POR LEITORES
PARA LEITORES



www.revistaconexaoliteratura.com.br

Editorial: por Ademir Pascale, pág. 03

Literatura: Eça de Queiroz, o Brasileiro, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 05

Poema: Poe(ma)tizando os ofícios dos(as) professores e demais profissionais da educação - Viva o "Dia 15 de Outubro"!, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 08

Dicas de livros: pág. 13

Resenha literária: "A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo, de Luiza Moura, por Erick Bernardes, pág. 15

Parceiros da Revista Conexão Literatura, pág. 17

Artigo científico: "Gestão pedagógica democrático-participativa na escola brasileira de educação básica do século XXI: o que é e como, quando e por que(m) se faz?", por Marcos Pereira dos Santos, pág. 18

Entrevista com a Profª Elena Vássina, pág. 29

Entrevista com o escritor e editor Waldir Pedro, pág. 34

Entrevista com a escritora Vera Carvalho Assumpção, pág. 38

Conto: "Poe Forever", por Míriam Santiago, pág. 42

Conto: "Porque Eles não vêm", por Rogério Macedo, pág. 45

Conto: "A maçã de inverno", por Roberto Schima, pág. 49

Conto: "Caçada ao planeta duplo - Parte II", por Roberto Schima, pág. 55

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 111

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da Capa: Ademir Pascale

Patrocinam esta edição: Míriam Santiago - Roberto Schima - Marcos Pereira dos Santos - Gilmar Duarte Rocha - Luiza Moura - Dirma Fontanezzi - Rogério Macedo - Sandra Boveto - Mayanna Velame - Editora Orel Books - Cida Simka e Sérgio Simka - Vera Carvalho Assumpção

Para saber como anunciar, divulgar o seu livro ou editora, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

Para entrar em contato: ademirpascale@gmail.com

c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

Fanpage: @conexaoliteratura

Twitter: @ademirpascale

Instagram: @revistaconexaoliteratura

LIVRODESTAQUE

Especialista em divulgação de livros e autores

Veja dicas incríveis para uma boa divulgação do seu livro, acesse

www.livrodestaque.com.br



EDITORIAL

Outubro chegou com mais uma incrível edição da Revista Conexão Literatura, com dicas de livros, entrevistas com escritores, contos e muitas informações para quem ama livros.

A nossa luta continua e hoje, somando os seguidores de nossas redes sociais, já somos mais de 124 mil leitores.

Compartilhe a nossa edição, pois o seu compartilhamento é muito importante para que possamos alcançar e ampliar o nosso objetivo de incentivo à leitura, pois ela proporcionará aprimoramento no vocabulário, favorecimento no aprendizado e visão ampliada de mundo. LEITURA É PODER!

E como dizia Stan Lee: *Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades*

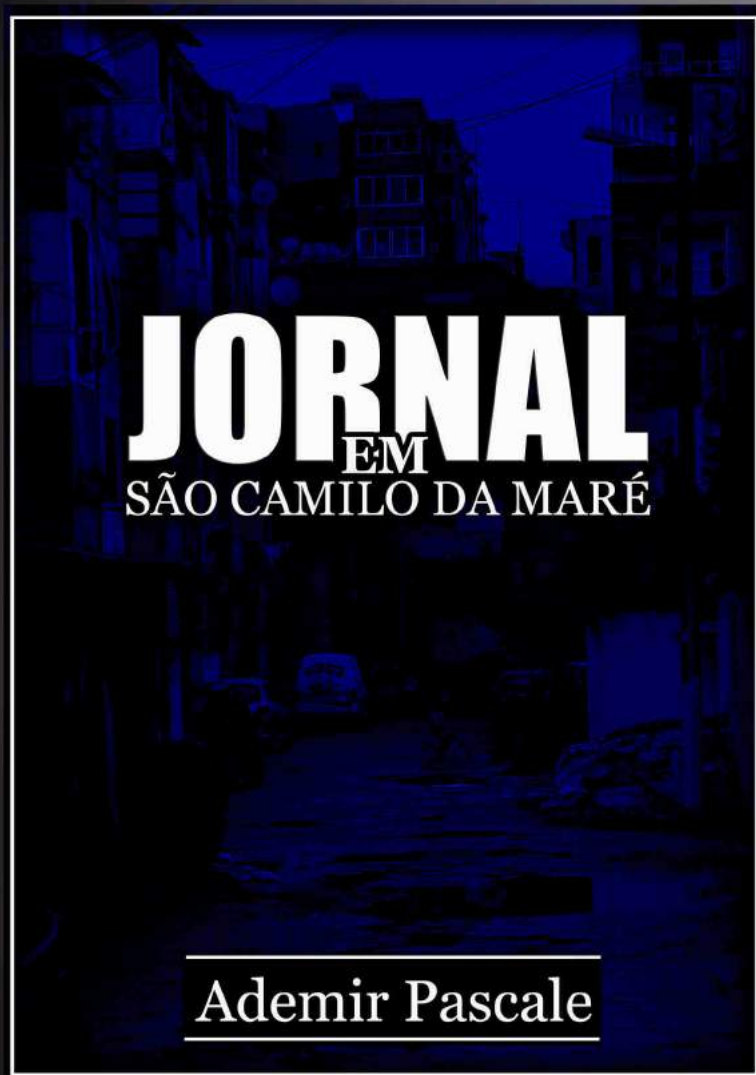
Visite o nosso site

www.revistaconexaoliteratura.com.br

— *visite* —
conexão
LITERATURA



Ademir Pascale
Editor-chefe



O livro *Jornal em São Camilo da Maré* é um poderoso antídoto às feridas que a nossa sociedade perpetua, pois o ser humano da qual faz parte é um ser, muitas vezes, abjeto, cuja índole e, por consequência seus atos, o levam a um patamar dificilmente superado pelos animais mais ferozes.

Não concorda? Por que, então, o ser humano discrimina o outro ser humano? Jamais deveria humilhá-lo por causa de o outro ser pobre, afrodescendente, andar malvestido, ser estudioso, não usar drogas, respeitar as pessoas, os professores, não tolerar injustiças.

Pois é o que ocorre com o protagonista da história, o “nosso” Camilo. E será logo “seu”, pois, à medida que a leitura for se sucedendo, o leitor torcerá para que o seu rival, o Alemão, cara supermalvado, entre pelo cano, pague por todas as brigas levadas a cabo. Camilo, garoto brilhante, após ser constantemente humilhado, resolve ir à luta. Mas a sua arma não é a violência, num contexto de mais violência, e sim a inteligência: resolve denunciar as injustiças, não só pessoais mas de sua comunidade, publicando um jornal.

A força do jornal, naquela comunidade pobre em todos os sentidos, é avassaladora. E... E o leitor precisa ler, vai se obrigar a ler até o final.

Pascale tem uma narrativa fluida, não escreve para encher linguiça, utiliza diálogos rápidos e cortantes, com sabedoria, vai direto ao ponto, dá a sua mensagem.

E a mensagem que o livro traz é a de esperança.

Ainda existem pessoas boas no mundo.

Ainda prevalece o Bem, apesar do cenário de violência, injustiça, desordem, desumanidade, caos.

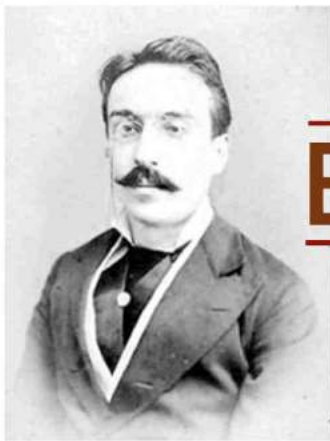
Mas antes que o Bem prospere, ele deve vir de dentro das pessoas.

Sérgio Simka

Mestre e doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, é professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil.

ADQUIRA JÁ. ACESSE





EÇA DE QUEIROZ, O BRASILEIRO

Por Gilmar Duarte Rocha

Literatura

Se o magistral escritor português Eça de Queiroz (1845-1900) vivo fosse e andasse a observar as paragens brasileiras carregando certo livro em mãos, decerto rotularia a si mesmo em algumas ocasiões da andança como profeta; noutras o tacharia de visionário alucinado, impregnado de elucubrações. O livro a que me refiro é Os brasileiros, compilação de textos diversos de Eça (*) cuja temática é o Brasil e os seus viventes. Textos escritos em parceria com o literato lusitano Ramalho Ortigão (1836-1915), seu amigo e irmão siamês, cúmplice na feitura do romance O mistério da estrada de Sintra.

Pois bem. De rastro o bardo de Póvoa do Varzim já saberia que o nosso país não é mais governado por homem de cetro e coroa, como atestou nos seguintes trechos da obra: “... *A surpreendente facilidade com que a república se substituiu ao império, provém de que há muito no Brasil nada separava a república da*

monarquia – senão o imperador. E o imperador tinha a tal ponto se desemperalizado que, entre monarquia e república, não havia realmente senão um fio – tão gasto e tão frouxo que, para cortar de um golpe brusco, bastou a espada do



marechal Fonseca. Todo mundo no Brasil era republicano – mesmo os diplomatas, os bispos e os camaristas do paço. O próprio imperador, por vezes, em viagem, nas salas de hotel, se declarava republicano...”

Nota-se à primeira vista, nesse trecho, a verve mordaz e irônica, marca recorrente da prosa de Eça.

Caminhando ele um pouco mais através dos nossos rincões – sempre com o livro em mãos -, veria que

algumas observações suas continuam persistindo, indubitavelmente com pequenos retoques, tornando-o merecedor do rótulo de vate.

Confirmam os seguintes excertos:

“... Assim, o livre gênio da Nação (brasileira) é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original - em tudo: na Política, pelas doutrinas da Europa, em Literatura, pelas



escolas da Europa, na Sociedade, pelas modas da Europa.”

“... Percorri todo o Brasil à procura do novo e só encontrei o velho há cem anos na nossa Europa – as nossas velhas ideias, os nossos velhos hábitos, as nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho, gasto até o fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo sol...”

“... Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete feito com remendos da civilização europeia, e recobrando o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo...”

No entanto, o escritor, intermitentemente, após castigar nas farpas, alivia o peso da pena e, desprovido de eufemismo ou de compaixão, apalpa-nos os pelos da cabeça:

*“... E haverá remédio para tão duro mal? Decerto! **Arrancar o tapete sufocante.** Mas que Hércules genial empreenderá esse trabalho santo? Não sei.”*

Há também predições que, felizmente, não se concretizaram, como em “... Este nome de Brasil, que começava a ter grandeza, e para nós portugueses representava um tão glorioso esforço, passa a ser um antigo nome da velha geografia política. Daqui a pouco, o que foi império estará

fracionado em repúblicas independentes, de maior ou menor importância...”

Os brasileiros, edição primorosa da carioca Língua Geral (2008), com o apoio do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas, parece-me não ter caráter oportunista, seja no sentido de exploração do momento político em que atravessa o nosso país; seja em colocar mais uma vez na ribalta o papel estratégico que o Brasil representa na América Latina, tendo sempre que carregar a cruz de emular com o sucesso retumbante do nosso parceiro saxão do norte, descoberto e explorado concomitantemente com o nosso, mas colonizado e emancipado de forma diversa.

A obra, objeto deste artigo, corrobora o talento e amplitude de um homem que viveu com plenitude as incertezas e desafios do seu tempo, traduzindo com maestria em belas-letas tudo que estava ao seu alcance, seja na Europa num período efervescente em todos os aspectos; seja no distante, misterioso e auspicioso lugar chamado Brasil.

(*) A compilação reúne artigos postados na coluna *As Farpas* do periódico português Diário de Notícias; comentários sobre reportagens concernentes ao Brasil, publicadas pelo diário londrino Times e correspondências trocadas por Eça com o amigo brasileiro Eduardo Bueno.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasiliense de Letras, é autor de sete livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de Diretor de Bibliotecas da Associação Nacional de Escritores-ANE. Acaba de mandar para o prelo mais uma cria literária, O berço de Judas, romance que deve ser lançado em novembro deste ano.

Apoie a Revista Conexão Literatura



APOIA.se

Agora você pode apoiar o trabalho de incentivo à leitura da
Revista Conexão Literatura

Sabemos que não é fácil promover o incentivo à leitura no Brasil, pois falta apoio dos nossos governantes. Um povo que lê mais, certamente terá mais cultura e uma visão diferente de mundo e é isso que estamos fazendo desde junho de 2015, quando tivemos a ideia da criação da Revista Conexão Literatura.

Tudo isso leva tempo, trabalho e dedicação. Por isso pedimos o seu apoio para que esse trabalho continue com força, atingindo cada vez mais leitores. Faça parte desse projeto e seja um apoiador da nossa causa.

APOIADORES: Sandra Boveto, Roberto Schima, Mayanna Velame
Dirma Fontanezzi

FAÇA PARTE DO TIME DE APOIADORES, ACESSE
<https://apoia.se/conexaoliteratura>

Poe(ma)tizando os ofícios dos(as) professores(as) e demais profissionais da educação – Viva o “Dia 15 de Outubro”!

Por Marcos Pereira dos Santos

Este texto literário tem como principal finalidade poe(ma)tizar, de forma deveras singela, alguns ofícios desempenhados pelos(as) professores(as) e demais profissionais da educação em geral que atuam como docentes ou não na Educação Básica escolar e/ou na Educação Superior junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e também de pós-graduação *lato sensu* (cursos de especialização) e *stricto sensu* (cursos de mestrado, doutorado, pós-doutorado e livre-docência).

Trata-se, outrossim, de uma *meritória homenagem* a todos(as) os(as) educadores(as), ativos(as) e aposentados(as) – ativistas e militantes – e professorandos(as) do Brasil e do mundo.

Eis, portanto, o poema livre engendrado visando *parabenizar e felicitar* a todos(as) e a cada um(a), em especial, dos(as) docentes e outros(as) profissionais da educação:

Viva “15 de outubro”!!!
Data célebre, memorável, comemorativa e festiva.
É o “Dia dos(as) Professores(as)”!!!
E dos(as) demais profissionais da educação em geral:
Cientistas educacionais;
Pesquisadores(as) da área educacional;
Educadores(as) dos diversos campos do saber científico;
Professores(as) das diferentes disciplinas curriculares;
Pedagogos(as) escolares;
Psicopedagogos(as) clínicos(as) e escolares;
Neuropsicopedagogos(as) clínicos(as) e escolares;
Administradores(as) escolares;
Diretores(as) escolares;
Gestores(as) educacionais;
Supervisores(as) educacionais;
Orientadores(as) educacionais;
Inspetores(as) escolares;
Coordenadores(as) pedagógicos(as);
Assessores(as) pedagógicos(as);
Bibliotecários(as) escolares;
E de muitos(as) outros(as) ...
Que exercem suas atividades educacionais
Docentes e também não docentes,
Em espaços educativos formais:
Universidades, faculdades, colégios, escolas, etc.
E ainda em espaços educativos não formais:
Empresas, hospitais, sindicatos,

Organizações Não Governamentais (ONGs), dentre outros ...

Seja na zona urbana, seja na área rural.

A todos(as) e a cada um(a) de vocês ...

Eis esta singela homenagem poética!

Parabéns!!! Felicitações!!!

Vocês são, grosso modo, em algumas palavras:

Ensinantes e, ao mesmo tempo, aprendentes,

Exercendo uma belíssima atividade educativa *dodiscente*.

Guias que conduzem ao reto caminho.

Guardiães da(s) Ciência(s).

Detentores(as) de didática, técnicas e métodos de ensino.

Conselheiros(as) educacionais admiráveis.

Amigos(as) da escola para todas as horas.

Parceiros(as) de labuta na jornada educativa.

Empreendedores(as) de informações científicas.

Visionários(as) de um futuro promissor.

Mestres(as) do amor (*ágape*) sem limites.

Tutores(as) midiáticos(as) educacionais.

Artesãos(ãs) da sapiência ilimitada.

Protagonistas do ensino qualiquantitativo.

Funcionários(as) educacionais zelosos(as).

Defensores(as) da vida humana digna.

Engenheiros(as) da escola de educação integral.

Artífices da(s) pedagogia(s).

Parâmetros educacionais.

Oleiros(as) da qualidade de vida.

Proprietários(as) do *habitus* professoral.

Retratos vivos de vocação ao magistério.

Possuidores(as) da nobre missão de educar e ensinar.

Mediadores(as) do conhecimento científico.

Sacerdotes e sacerdotisas do saber erudito.

Luzes que brilham na escuridão da ignorância.

Lâmpadas que iluminam a caverna do senso comum.

Apaziguadores(as) de conflitos escolares.

Organizadores(as) da disciplina em sala de aula.

Juízes(as) de paz.

Fontes de sabedoria(s).

Intelectuais orgânicos(as).

Missionários(as) da erudição.

Críticos(as) (auto)reflexivos(as).

Aportes e arcabouços teóricos-científicos.

Referenciais de boa índole e boa conduta.

Árbitros do 'jogo' da vida na/da escola.

Oficiais do processo ensino-aprendizagem.

Sujeitos de formação, informação e transformação.
Promotores(as) da justiça e da ordem.
Aplicadores(as) da ética, da moral e dos bons costumes.
Propagadores(as) do bem, da harmonia e da concórdia.
Transmissores(as) dos saberes e conhecimentos científicos.
Formadores(as) da formação de novos(as) formadores(as).
Profissionais formadores(as) de todas as profissões.
Esperança dos(as) oprimidos(as).
Mananciais de intelectualidade suprema.
O futuro das nações.
Idealizadores(as) de um mundo melhor.
Projetistas de uma sociedade mais justa e igualitária.
Construtores(as) das gerações vindouras.
Panaceia para (quase!?) todas as agruras educacionais.
Redentores(as) da Educação.
Transformadores(as) da realidade social existencial.
Exemplos de vida, coragem, ousadia, compromisso e honestidade.
‘Mapas conceitual, atitudinal e procedimental’.
Abnegação, doação, amor incondicional ao próximo.
Altruísmo, alteridade, resiliência, perseverança.
Ponderação, temperança, paciência, diálogo.
Determinação, vontade, iniciativa, entusiasmo.
Empatia, civilidade, otimismo, respeito.
Empenho, desempenho, proatividade.
Militantes em prol de uma educação democrática e de melhor qualidade.
Condutores(as) de análises crítico-reflexivas.
Despertadores(as) de consciências.
Gestores(as) das salas de aula.
Manejadores(as) da disciplina em classe.
Mobilizadores(as) de ações concretas significativas.
Instigadores(as) e investigadores(as) em busca de verdades científicas.
Vencedores(as) de lutas, guerras e batalhas educacionais.
Pais, mães, psicólogos(as), terapeutas, assistentes sociais, etc.
Apagadores(as) de diversos ‘incêndios escolares’.
Pérolas preciosas.
Jóias raras de valores incalculáveis.
Tesouros a (re)descobrir, enfim.
Tudo isso e muito além disso ...
Um pouco de tudo.
E de tudo um pouco.
Vocês são, outrossim, o que coube a mim aqui elucidar a bel prazer;
Cujas mui qualidades e virtudes extrapolam, sobremaneira,
As lindas páginas deste periódico literário-científico.
Vocês são gente como a gente, são seres humanos.

São homens. São mulheres.
São mortais e, ao mesmo tempo, imortais.
Vocês são o que são ...
Vocês são como são ...
Vocês são quando são ...
Vocês são porque são ...
Vocês são o que querem e desejam ser ...
Bons e boas ...
Docentes!!
Não docentes!!
Porém, trabalhadores(as) e agentes da(s) educação(ões).
E operadores(as) do ensino e da aprendizagem.
De ontem, de hoje, de amanhã.
Dos tempos passado, presente e futuro.
De todos os séculos dos séculos sem fim.
Imortalizando-se e eternizando-se ...
Nas palavras, ações, memórias e lembranças
De cada aluno(a), ex-aluno(a) e profissional
Que, durante um curto, mediano ou longo período de tempo,
Passou pelos bancos escolares e/ou universitários,
Tanto de cursos de graduação quanto de pós-graduação,
Tendo, contudo, a vivaz recordação de seus tempos de escolarização
E também de seu/sua primeiro(a) e/ou último(a) professor(a).
Portanto:
Salve, salve, o “Dia 15 de Outubro”!!!
Parabéns a todos(as) os(as) profissionais da educação!!!
Docentes ...
E não docentes ...
Desse imenso e rico Brasil, de “Brasis”.
E do mundo inteiro.
De outrem, do aqui-agora e do porvir.

Referências (consultadas):

- ALVES PINTO, Z. **Uma professora muito maluquinha**. 6.ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.
- AMARAL, A. L. Gestão da sala de aula: o “manejo de classe” como nova roupagem? In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, p.87-99, 2005.
- BEHRENS, M. A. **Formação continuada dos professores e a prática pedagógica**. Curitiba: Champagnat, 1996.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos – v.20).
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: MEC/SEF, 1999.
- CORTESÃO, L. **Ser professor: um ofício em risco de extinção**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2002. (Coleção Prospectiva – v.6).

- CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 13.ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 4.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 2000.
- FREIRE, P. R. N. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 14.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Coleção Leitura).
- GATTI, B. A. **Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas: Autores Associados, 1997. (Coleção Formação de Professores).
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Questões da Nossa Época – v.67).
- _____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MORENO, E. G. Profissão professora: um contentamento descontente. In: BUENO, B. O.; CATANI, D. B.; SOUSA, C. P. (Orgs.). **A vida e o ofício dos professores**. 2.ed. São Paulo: Escrituras, p.129-136, 2000.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6.ed. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, 1993. (Coleção Nova Enciclopédia – v.46; Série Temas de Educação – nº 3).
- PIMENTEL, M. G. **O professor em construção**. Campinas: Papirus, 1993. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- SACRISTÁN, J. G. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, p.81-87, 2002.
- RIBAS, M. H. **Construindo a competência: processo de formação de professores**. São Paulo: Editora Olho D'Água, 2000.
- SBORGIA, R. C. **História sobre a profissão professor: dia 15 de outubro – dia do professor**. Disponível em: <<https://www.revde.com.br/blog/renata-carone-sborgia/historia-sobre-a-profissao-professor-dia-15-de-outubro-dia-do-professor>>. Acesso em: 15/10/2012.
- SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Instituto de Inovação Educacional, p.77-91, 1995. (Coleção Nova Enciclopédia – v.39; Série Temas de Educação – nº 1).
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Você sabe a origem do dia do professor?: conheça a história por trás do 15 de outubro**. Disponível em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/voce-sabe-a-origem-do-dia-do-professor?-conheca-a-historia-por-tras-do-15-de-outubro>>. Acesso em: 14/10/2011.
- SOUSA NETO, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. In: **Cadernos CEDES**. São Paulo: Cortez; Campinas: CEDES, v.25, n.66, p.249-259, mai./ago., 2005.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- VASCONCELLOS, C. S. **Para onde vai o professor?: resgate do professor como sujeitos de transformação**. 10.ed. São Paulo: Libertad, 2003. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad – v.1).
- VEIGA, I. P. A.; ARAÚJO, J. C. S. Ética e magistério. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, p.107-111, 2000.
- WENZEL, R. L. **Professor: agente da educação?** Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- XAVIER, L. N. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. In: **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro: ANPEd, v.19, n.59, p.827-849, out./dez., 2014.

Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Ilustre pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ), junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu*, em Ponta Grossa/PR. *Endereço eletrônico:* mestrepedagogo@yahoo.com.br



Mulher Quebrada
Daiana Barasa

Acesse



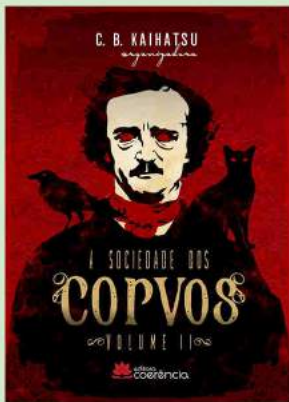
Os mundos de Liz
Daniel Brandão

Acesse



Qualquer coisa é só chamar
Raul Azambuja

Acesse



A Sociedade dos Corvos VII
C. B. Kaiatsu

Acesse



Sala de Cirurgia
Vários autores

Acesse



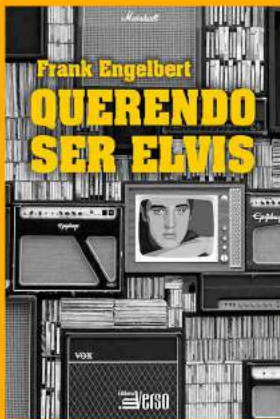
Quarteto Fantástico
Coleção Histórica Marvel

Acesse

“As palavras têm a leveza do vento e a força da tempestade.”
– Victor Hugo

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





A Filha do Reich
Querendo ser Elvis

Acesse



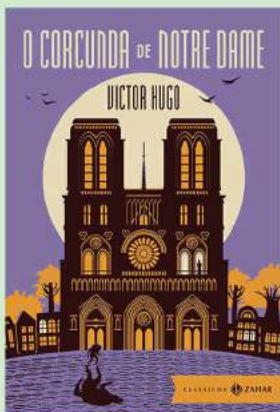
Sonet
Eduardo Maciel

Acesse



Ria de Tudo Isso
Luiz Cláudio Siqueira

Acesse



O Corcunda de Notre Dame
Victor Hugo

Acesse



Imagem Restaurada
Alyrio Cobra

Acesse



As incríveis aventuras da
Liga Vingadora
Hugo Maximo

Acesse

“A vida é uma pedra de amolar:
desgasta-nos ou afia-nos,
conforme o metal de que somos
feitos.”
– George Bernard Shaw

Veja mais dicas de livros em nosso site:
www.revistaconexaoliteratura.com.br





"A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarelo" um livro de Luiza Moura

Por Erick Bernardes

Resenha Literária

O livro *A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarelo*, de Luiza Moura, é uma narrativa em terceira pessoa, voltada para crianças de diversas idades, e cuja natureza serve de pano de fundo para o contexto de fábula que alicerça o todo da obra.

Versada na arte e nos campos sócio-cognitivos, a autora oferece ao público um quase poema em prosa, dado o caráter poético implícito em seus enunciados. Também, pudera, a própria escritora é poeta e, não raramente, publica seus poemas no Portal do Diário da Poesia, dentre outras mídias digitais.

Embora a obra em questão constitua uma narrativa direcionada ao público infantil, não há como não perceber a inteligente carga simbólica de que Luiza Moura se serve em seu enredo. Acrescido de ilustrações belíssimas de autoria de Fábio Haendel, suas páginas são compostas por um cromatismo alternante, ora majoritariamente sob fundo amarelo ora em azul celeste, pontuando em seus espaços com outros tons não menos importantes. Ademais, em vez de um protocolo de leitura voltado só para os jogos de palavras a que o gênero literário geralmente está ligado, a obra *A pequena Flor-de-lis*, o

Beija-flor e o imenso amarElo articula elementos sobremaneira significativos, capazes de levar o leitor à reflexão — e isso sem perder de vistas o viés de simplicidade que a literatura infantil exige, obviamente. Refiro-me ao elemento lúdico, ao reflexivo, à cor-fundamento, segundo os quais se interligam ao vocábulo “amor”, por meio da evocação da nobreza de sentimento, a amorosidade. Há dois personagens protagonizando a cena e um outro mais oculto e inanimado na história: os dois primeiros, indicativos de nobreza, a flor-de-lis e o beija-flor e, o terceiro, representado pelo deserto, na cor amarela (o ouro), revelando assim o próprio “Elo” simbólico dessa colcha de tecidos finos minuciosamente composta por quem sabe bem o que faz.

A flor-de-lis, para quem não sabe, representa (dentre outras coisas), ao menos para o mundo ocidental, os vários núcleos dos estudos das letras. E isso se dá porque cada componente, pétalas, caule, cores, toda a sua floração evoca uma simbologia específica de língua e literatura. Por outro lado, tal procedimento estético e simbólico flerta com o clássico livro *O pequeno príncipe*,



de Antoine de Saint Exupéry, mas o faz de modo inverso, para mostrar que a realeza subentendida no universo ficcional da criança, e em seu mundo diminuto, estaria para além do material, do palpável, das relações de poder.

Assim, o livro de Luiza Moura oferece ao leitor uma excelente história, cujo eixo narrativo conduz o leitor para uma lição de amor, amizade e cumplicidade. Você também está convidado a adentrar o universo infantil e sair recheado de fantasia. Leia *A pequena Flor-de-lis, o Beija-flor e o imenso amarElo*, e se deixe debruçar sobre o horizonte encantado.

SOBRE A AUTORA:

Luiza Moura de Souza Azevedo é natural de Feira de Santana/BA, Enfermeira, Hipnoterapeuta e Psicanalista em Formação. Também Compositora e Produtora Fonográfica. Imortal da Academia de Letras do Brasil/Suíça. Chanceler Honorária da Sociedade Filosófica Ateniense na Cidade de Feira de Santana. Publicou pela editora *Mente Aberta* o livro *Bordejões Poéticos* em conjunto com outros escritores e participou também do Livro: *Antologia Poesia Agora*, editora *Trevo*, São Paulo e do Livro “Amor é o que nos faz gigantes, do Concurso da Farmácia Pague Menos. Tem participações confirmadas em outras antologias. Instagram: @luiza.moura.ef



* **Erick Bernardes** é Mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, crítico literário, escritor e professor. Quem quiser entrar em contato, para assuntos profissionais, só procurar por cel.: (21) 98571-9114, por e-mail ergalharti@hotmail.com ou pelo site <https://escritorerick.weebly.com>

conexão Literatura

Visite Nossos Parceiros:

www.livrodestaque.com.br

Grupo no Face: My Books

www.submersaempalavras.com

dose-of-poetry.blogspot.com.br

www.edgarallanpoe.com.br

www.encantoliterario.com.br

www.divulgalivros.org

tomoliterario.blogspot.com.br

www.bookstimebrasil.com.br

Grupo no Face: Os Escritores

www.livreando.com.br

coleccionadoromances.blogspot.com.br

ateultimapagina.wordpress.com

literaleitura2013.blogspot.com

www.literagindo.com.br

Grupo no Face: Livro Destaque

miriammorganuns.blogspot.com.br

www.sonhandoatravesdepalavras.com.br

Grupo no Face: Notícias Literárias

www.cafeinaliteraria.com.br

Curta nossa Fanpage:

www.facebook.com/conexaoliteratura



Visite nosso site:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

GESTÃO PEDAGÓGICA DEMOCRÁTICO-PARTICIPATIVA NA ESCOLA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO SÉCULO XXI: O QUE É E COMO, QUANDO E POR QUE(M) SE FAZ?

Por Marcos Pereira dos Santos

Artigo Científico

Educação Básica! Pedagogia! Escola! Gestão! Democracia!

Palavras de ordem no atual momento histórico brasileiro!!!

O presente artigo acadêmico-científico tem como objetivo primordial trazer a lume na estrutura de seu *corpus* textual alguns (breves) apontamentos crítico-reflexivos concernentes à definição conceitual e aos processos constitutivos de como, quando e por que(m) se faz gestão pedagógica democrático-participativa (também denominada gestão colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada ou emancipatória) na escola brasileira de Educação Básica do século XXI; a qual, de acordo com o Artigo 21, Inciso I, da vigente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei federal nº 9.394, sancionada em 20 de dezembro de 1996 pelo Congresso Nacional brasileiro, é “[...] formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio” (BRASIL, 1996); sendo este segundo nível de ensino/escolarização categorizado como Ensino Fundamental I ou Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano – antiga 1ª a 4ª série do ensino primário) e Ensino Fundamental II ou Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano – antiga 5ª a 8ª série do ensino ginásial) no âmbito do que atualmente se denomina *Ensino Fundamental de Nove Anos* (1º ao 9º ano do Ensino Fundamental), que se constitui em:

[...] uma proposta educacional do governo federal brasileiro, mais precisamente da pasta alusiva ao Ministério da Educação (MEC). A ampliação do ensino fundamental começou a ser discutida no Brasil em 2004, mas o Programa só teve início em algumas regiões brasileiras a partir de 2005. A intenção é fazer com que aos seis anos de idade a criança esteja no primeiro ano do ensino fundamental e termine esta etapa de escolarização aos 14 anos. O objetivo é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo no convívio escolar, dando a elas maiores oportunidades de aprender e um ensino de qualidade. Assim sendo, o prazo para que o ensino fundamental de nove anos, regulamentado pela Lei federal nº 11.274, de 07 de fevereiro de 2006, seja implantado em todo o Brasil é até o ano de 2010 (SAMWAYS; SAVELI, 2011, p.2971).

Para que seja possível melhor compreender como se configuram os processos de engendramento, implantação, execução e avaliação da gestão pedagógica no contexto educativo escolar da Educação Básica, no Brasil contemporâneo, torna-se mister esclarecer, *a priori*, o que a literatura educacional especializada concebe efetivamente por gestão em termos de veras abrangentes.

Gestão, vocábulo originário do latim *gestione*, pode ser conceitualmente definida, em sentido amplo, como a ação de gerenciar, dirigir algo (instituições, empresas, escolas, etc.) ou outrem (pessoas, trabalhadores, funcionários, colaboradores), administrar, orientar planejamento(s), distribuir bens e a produção dos mesmos, gerir a vida, os destinos e as capacidades dos sujeitos sociais; apresentando uma visão humanística e abarcando em seu bojo funções técnico-administrativas (ANDRADE, 2001). É, segundo Garay (2011, p.17), o “processo de dirigir a organização e, a partir daí, tomar decisões acertadas levando em conta as demandas do ambiente e os recursos disponíveis”, estando de forma direta ou indireta relacionada ao aspecto administrativo empresarial (ato de planejar, organizar, dirigir e controlar os recursos da empresa para que os objetivos sejam alcançados).

Analogamente, assemelha-se ao período gestacional materno, onde a mãe cuida e protege com todo carinho o(a) bebê em seu ventre, uma vez que este(a) está sendo gestado(a), concebido(a), passo a passo, etapa por etapa, ciclo após ciclo, a cada dia e noite, a fim de que no tempo determinado (em geral após nove meses de gestação materna – tempo máximo considerado normal pela Medicina e Biologia) a criança (menino ou menina) possa nascer e, *a posteriori*, crescer e se desenvolver com plena saúde, vivacidade e vigor.

Existem, de acordo com Oliveira e Menezes (2018), várias tipologias de gestão: gestão empresarial, gestão hospitalar, gestão de pessoas (também nominada de gestão de recursos humanos, gestão de capital humano ou gestão de recrutamento e seleção de pessoal), gestão de liderança, gestão ambiental, gestão política, gestão eclesiástica, gestão financeira, gestão comercial, gestão de *marketing*, gestão sindical, gestão governamental,

gestão do território, gestão pública, gestão da sala de aula, etc. Todavia, cada qual apresenta particularidades, singularidades, identidades, especificidades e características notadamente distintas; tendo em vista os objetivos norteadores, a categoria e/ou o cargo ou a função profissional em foco.

Posto isto, entendemos que para melhor situar e contextualizar a temática em pauta faz-se profícuo salientar, inicialmente, que são inúmeros os vocábulos e as expressões terminológicas existentes na literatura educacional brasileira especializada sobre a gestão desenvolvida no espaço educativo escolar na contemporaneidade.

Dentre as várias terminologias identificadas na literatura educacional especializada (“estado da arte” ou “estado do conhecimento”) podemos citar, por exemplo: administração escolar, administração educacional, administração educativa, administração educacional escolar, administração colegiada, gestão escolar, gestão educacional, gestão da educação, gestão da educação escolar, gestão educacional escolar, gestão pedagógica, gestão pedagógica escolar, gestão pedagógica educacional, gestão pedagógica educacional escolar, gestão didático-pedagógica, gestão didático-pedagógica escolar, gestão didático-pedagógica educacional, gestão didático-pedagógica educacional escolar, gestão institucional, gestão institucional escolar, gestão institucional educativa, gestão institucional educativa escolar, gestão pedagógica institucional, gestão pedagógica institucional escolar, gestão pedagógica institucional educativa, gestão pedagógica institucional educativa escolar, gestão institucional pedagógica, gestão institucional didático-pedagógica, gestão colegiada, gestão compartilhada, gestão emancipatória, gestão democrática, gestão participativa, gestão descentralizada, gestão colaborativa, gestão emancipatória, gestão democrático-participativa (VIEIRA, 2003; LIBÂNEO, 2004; ROSA, 2004; OLIVEIRA; MENEZES, 2018), dentre muitas outras derivações possíveis.

Contudo, temos observado que, tanto em termos teóricos quanto práticos, as expressões terminológicas mais comuns e usuais/triviais utilizadas por pesquisadores(as) da área de Educação/Pedagogia – subárea Gestão da Educação Básica, pedagogos(as), coordenadores(as) pedagógicos(as), educadores(as), professores(as) e demais profissionais da educação em geral têm sido, em específico: *gestão educacional*, *gestão escolar*, *gestão educacional escolar*, *gestão da educação*, *gestão da educação escolar*, *gestão pedagógica* e *gestão pedagógica escolar*; conforme apontam Libâneo (2004), Aranha (2005) e Corrêa e Pimenta (2005).

Grosso modo, todas estas terminologias são usadas como sinônimas pela maioria dos(as) autores(as) supracitados(as) que pesquisam e escrevem cientificamente sobre a temática “Gestão da Educação Básica Escolar” nos dias atuais, embora alguns(mas) outros(as) estudiosos(as) do assunto estabeleçam diferenças teórico-conceituais (ou de definição conceitual) e de práticas gestoras na escola brasileira de Educação Básica no que tange a tais expressões terminológicas.

Isto se deve, em linhas gerais, ao fato de que o aspecto educacional é mais abrangente do que o pedagógico e este, por sua vez, do que o aspecto escolar. Outrossim, tal assertiva nos remete a postular que a esfera *educacional* possui uma dimensão de significativa amplitude, tendo como subáreas, sub-ramos ou subconjuntos as categorias *pedagógica* e *escolar*.

Ou seja: numa linguagem matemática corrente/descritiva alusiva à Teoria dos Conjuntos (ALENCAR FILHO, 1971; ABE; PAPAVERO, 1991), pode-se dizer que a

dimensão educacional (conjunto) contém as categorias pedagógica e escolar (subconjuntos ou partições), ou que as categorias pedagógica e escolar estão contidas na dimensão educacional.

Portanto, em linguagem matemática simbólica temos que $A \supset B$ (A contém B) e $A \supset C$ (A contém C) ou ainda $A \supset B \wedge C$ (A contém B e C), considerando-se: $A = \{\text{conjunto dimensão educacional}\}$; $B = \{\text{subconjunto categoria pedagógica}\}$; $C = \{\text{subconjunto categoria escolar}\}$; e $\wedge = \text{conectivo/operador lógico de ligação/conexão/conjunção que significa e}$. De outra forma simbólica, tem-se que $B \subset A$ (B está contido em A) e $C \subset A$ (C está contido em A) ou ainda $B \wedge C \subset A$ (B e C estão contidos em A).

Ademais, à guisa de curiosidade e esclarecimento complementar, vale destacar que numa representação gráfico-geométrica utilizando diagramas de Euler-Venn (nos formatos oval, quadrangular ou retangular) também é possível efetuar esquematizações concernentes à representação matemática simbólica relativa à Teoria dos Conjuntos.

De posse destas informações, cabe-nos indagar o seguinte: Em que consiste os constructos educacional, pedagógico e escolar no contexto da gestão do processo ensino-aprendizagem na escola brasileira de Educação Básica?

Para responder a esta indagação, vamos apresentar, a princípio, levando-se em consideração a ordem hierárquica de abrangência (e não exatamente de relevância!), a definição conceitual de: 1º) gestão educacional; 2º) gestão pedagógica; e 3º) gestão escolar.

Sendo assim, temos então que:

Gestão educacional: está baseada na organização dos sistemas de ensino federal, estadual e municipal e das incumbências desses sistemas; bem como das várias formas de articulação entre as instâncias que determinam as normas, executam e deliberam no setor educacional, e da oferta da educação pelos setores público e privado. Cada sistema tem um papel a desempenhar no contexto educacional do País. No que diz respeito à Educação Básica, por exemplo, cabe aos Estados, Distrito Federal e Municípios ofertá-la. Por sua vez, o Ensino Médio é um dever dos Estados e do Distrito Federal, e a Educação Infantil dos Municípios. [...] Portanto, a gestão educacional é compreendida através das iniciativas desenvolvidas pelos sistemas de ensino (OLIVEIRA, 2019, p.1-2).

Em contrapartida, e de forma subsequente, é imprescindível destacar o seguinte:

Gestão pedagógica: é o pilar mais importante da gestão escolar. Por meio das práticas dessa forma de administração de ambientes

educacionais é que são definidas as principais diretrizes para a atividade-fim de uma escola – a formação pessoal e acadêmica dos seus alunos. A gestão pedagógica é uma área específica de instituições de ensino. Ela é a responsável pelo planejamento pedagógico da escola, assim como pela definição das diretrizes e práticas educacionais que devem ser adotadas. Dessa forma, esse setor se conecta diretamente com a atividade-fim da sua escola. É ele que vai colocar a sua missão, visão e valores em prática, fornecendo insumos e diretrizes para que os seus colaboradores e professores ofereçam a melhor educação aos alunos. O principal responsável pela gestão pedagógica é o coordenador pedagógico da escola. Além das funções já citadas, é ele que também deve preparar o corpo docente para as atividades a serem realizadas, assim como mensurar os resultados do desempenho de professores e alunos da escola.

Gestão escolar: consiste num sistema de organização interna da escola, envolvendo todos os setores que estão relacionados com as práticas escolares. Desta forma, a gestão escolar visa garantir um desenvolvimento socioeducacional eficaz na instituição de ensino. A gestão escolar é o setor responsável pela área administrativa. Assim como outros negócios, a sua escola precisa administrar os recursos disponíveis, contratar e demitir colaboradores, organizar documentos e burocracias, e gerenciar o dinheiro da instituição. Dessa forma, a gestão escolar é a encarregada de realizar esses processos, sendo quem cuida também do pagamento de contas, colaboradores e fornecedores, solicita materiais e estuda o mercado no qual a instituição está inserida (FERREIRA, 2018, p.2-3).

Apesar de cada uma destas três categorias de gestão alusivas aos processos de ensino e aprendizagem ser responsável por aspectos distintos, elas precisam estar alinhadas em torno dos mesmos objetivos norteadores (gerais, específicos, conceituais, atitudinais e procedimentais) e trabalhar em conjunto/parceria para que a escola de Educação Básica atinja a sua real missão, que é a de exercer a sua função socioeducativa (FELIZ; SANTOS, 2018), transmitindo aos educandos os saberes/conhecimentos científicos social, histórica e culturalmente elaborados/acumulados ao longo das gerações.

Desta forma, é possível assegurar, em conformidade com os estudos científicos desenvolvidos por Valerien e Dias (1993), que há diferentes modelos, categorias ou níveis de gestão educacional, pedagógica e escolar, tais como: autoritária, *laissez-faire*, autocrática, meritocrática, autocrítica, de cadeia de valor, de ciclo de inovação, de foco em processos, de foco em resultados, democrático-participativa (colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada ou emancipatória), dentre outras; sendo que esta última é a que mais nos interessa no momento, a qual se configura como a principal temática de abordagem científica trazida à baila no escopo deste artigo acadêmico-científico.

Diante do exposto, vale salientar que optamos por utilizar aqui a expressão *gestão pedagógica* ao invés de gestão educacional ou gestão escolar, haja vista que a primeira diz respeito, em específico, aos aspectos alusivos ao *âmbito pedagógico do processo educativo escolar* em termos de ensino, aprendizagem, metodologias e técnicas de ensino, ensinagem, inter/multi/pluri/transdisciplinaridade, currículo escolar, avaliação da aprendizagem, planejamento didático, planos de aulas, projeto político-pedagógico escolar, formação continuada/permanente de docentes, cultura escolar, cultura da escola, clima escolar, organização do trabalho pedagógico escolar, assessoramento didático-pedagógico, inspeção escolar, supervisão e orientação escolar, práticas profissionais docentes, coordenação pedagógica, gestão da sala de aula, dentre outros elementos congêneres.

Nesse contexto, a gestão pedagógica a ser exercida na escola, preferencialmente (porém não necessária ou obrigatoriamente!) por um profissional da educação com formação (inicial e/ou continuada) específica na área de Educação – subárea Pedagogia, não deve ocorrer de forma impositiva ou outorgada por outrem apenas por interesses particulares, políticos e/ou escusos, mas ser conquistada (paulatinamente) face às competências, habilidades e capacidades mil do(a) gestor(a) pedagógico(a) eleito(a) por meio de voto direto e secreto ou nomeado(a) para o exercício do cargo/função através de aprovação em concurso público para o magistério, necessitando ser desenvolvida de forma democrático-participativa, onde todos(as) os(as) agentes escolares – diretor(a) escolar, coordenador(a) pedagógico(a), supervisor(a) e orientador(a) escolar, educadores(as), professores(as), alunos(as), técnicos(as) administrativos(as), secretários(as) escolares, bibliotecários(as) escolares e pais de alunos(as) – podem e devem ter “voz” (ativa) e “vez”; tendo (relativa) autonomia para opinar, concordar, discordar, criticar, sugerir e decidir sobre a qualidade do trabalho pedagógico “real” e “ideal” na/da escola brasileira de Educação Básica.

Dizemos ‘autonomia relativa’, porque cabe ao(à) gestor(a) pedagógico(a), na perspectiva de uma política educacional de gestão pedagógica democrático-participativa, alicerçada nos moldes da pedagogia histórico-crítica (ou crítico-social dos conteúdos) proposta por Saviani (1995) e retroalimentada, *a posteriori*, por Gasparin (2005), balizar/equacionar os “prós” e “contras” concernentes ao trabalho pedagógico realizado na escola onde atua, tendo como fonte de referência primaz a “escuta ativa” – vozes explícitas, implícitas, ocultas, silenciosas e silenciadas – de agentes escolares, a fim de que possa tomar a decisão mais acertada para a melhoria dos rumos da qualidade da educação escolar *in loco*; ressignificando e redimensionando teorias educacionais, práticas pedagógicas locais/pontuais e saberes profissionais docentes e pedagógicos específicos.

Por conseguinte, é sempre imprescindível e urgente a efetivação, na atual escola brasileira de Educação Básica, de uma gestão pedagógica de viés democrático-participativo, a qual necessita ser desenvolvida de maneira colegiada, compartilhada, colaborativa, descentralizada e libertadora/emancipatória (GUTIERREZ; CATANI, 2001; BASTOS, 2002; FERREIRA, 2004; HORA, 2004; LÜCK, 2013), valorizando assim o poder de opinião (*doxa*) e decisão (parcial) de cada agente escolar para que o trabalho didático, metodológico e pedagógico exercido na instituição-escola seja cada vez mais eficaz, eficiente e deveras significativo para educadores(as), docentes, discentes, pais de alunos(as) e comunidade externa à escola.

Afinal de contas, vivemos em uma sociedade democrática e num Estado Democrático de Direito, no qual deveres (Deontologia) e direitos (Diceologia) devem ser juridicamente efetivados. Com base nesta assertiva, não é por acaso, pois, que a atual LDBEN/1996, em particular no Artigo 14, Incisos I e II, e no Artigo 15 (BRASIL, 1996), determina que:

Art. 14 – Os sistemas de ensino definirão as normas da *gestão democrática* do ensino público *na educação básica*, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15 – Os sistemas de ensino assegurarão às unidades escolares públicas de educação básica que os integram *progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira*, observadas as normas gerais de direito financeiro público (BRASIL, 1996; grifos nossos).

Daí ser de suma importância que o(a) gestor(a) pedagógico(a) democrático(a) possua algumas qualidades/virtudes/características valorativas basilares para bem exercer o seu papel de mediador(a), assessor(a) e parceiro(a) dos(as) agentes escolares, quais sejam, por exemplo: serenidade, responsabilidade, compromisso, dedicação, altruísmo, alteridade, resiliência, empatia, cordialidade, simpatia, conhecimento educacional científico (“conhecimento de causa”), honestidade, sinceridade, moral, ética profissional, benevolência, compreensão, magnanimidade, tolerância, probidade, boa-fé, esperança, perseverança, disciplina, organização, dentre inúmeras outras elencadas por Veiga e Araújo (2000) acerca do exercício da profissão docente e não docente (porém de cunho educacional) na instituição-escola.

Seguindo esta linha de pensamento, torna-se salutar enfatizar o seguinte aspecto, fazendo nossas as palavras de Ferreira (2018, p.5; realces nossos):

O projeto político-pedagógico escolar fica praticamente todo nas mãos da gestão pedagógica. Afinal, é ela que vai analisar a missão da escola, assim como as principais estratégias e práticas educacionais que devem ser adotadas para que o projeto se cumpra. Porém, à gestão escolar compete definir o público-alvo da instituição escolar, bem como identificar as principais necessidades do mercado. Essas informações devem ser passadas à gestão pedagógica para que o planejamento educacional e a proposta pedagógica da escola estejam alinhados ao que sociedade demanda. Portanto, para ter uma boa gestão da escola como um todo, é

essencial que se invista tanto na gestão pedagógica quanto na gestão escolar da instituição. E, não só isto! É preciso também investir na integração e colaboração entre esses dois setores para que ambos trabalhem em conjunto rumo aos objetivos estratégicos da escola. Dessa forma, seremos capazes de ofertar um ensino de qualidade para todos os alunos e ainda administrar os recursos didáticos e financeiros com eficiência, criando um diferencial competitivo para a escola.

Sem mais delongas, e à guisa de finalização (e não exatamente de conclusão!) deste artigo acadêmico-científico, almejamos que, de forma direta ou indireta, as discussões crítico-reflexivas (brevemente) apresentadas possam contribuir para a ampliação do arcabouço teórico existente no campo da Educação – subárea Pedagogia e o desenvolvimento de futuras pesquisas educacionais científicas em Gestão Pedagógica Escolar, bem como servir de valiosa fonte de estudos (individuais e coletivos) e leituras dirigidas a pedagogos(as) escolares, psicopedagogos(as) e neuropsicopedagogos(as) escolares/institucionais, gestores(as) escolares, coordenadores(as) pedagógicos(as), assessores(as) pedagógicos(as), inspetores(as) escolares, supervisores(as) e orientadores(as) escolares, educadores(as), professores(as), professorandos(as) e demais profissionais da educação em geral que, dentro e fora do Brasil, lutam e labutam cotidianamente, de modo militante, em prol da conquista de uma Educação de melhor qualidade para todas as pessoas; independente de raça, etnia, cor de pele, gênero sexual, classe e/ou *status* social, credo religioso, ideologia(s) e valores ético-morais.

Quiçá que possamos *pensar-fazer*, coletiva e verdadeiramente, uma **gestão pedagógica democrático-participativa** real e ideal nas escolas brasileiras de Educação Básica, hoje, amanhã e sempre; enfim.

É o que sinceramente idealizamos!

Viva 20 de maio – Dia do(a) pedagogo(a)! Viva 15 de outubro – Dia do(a) professor(a)! Viva a todos(as) os(as) profissionais da educação!

Referências:

- ABE, J. M.; PAPAVERO, N. **Teoria intuitiva dos conjuntos**. São Paulo: Makron/McGraw-Hill, 1991.
- ALENCAR FILHO, E. **Teoria elementar dos conjuntos**. 11.ed. São Paulo: Livraria Nobel S.A., 1971.
- ANDRADE, B. H. C. L. **Dicionário de sinônimos da língua portuguesa**. São Paulo: Elfez, 2001.
- ARANHA, A. V. S. Gestão e organização do trabalho escolar: novos tempos e espaços de aprendizagem. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens**. Petrópolis: Vozes, p.75-86, 2005.
- BASTOS, J. B. Gestão democrática da educação: as práticas administrativas compartilhadas. In: _____. (Org.). **Gestão democrática**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, p.7-30, 2002.

- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- CORRÊA, M. L.; PIMENTA, S. M. Teorias da administração e seus desdobramentos no âmbito escolar. In: OLIVEIRA, M. A. M. (Org.). **Gestão educacional: novos olhares, novas abordagens.** Petrópolis: Vozes, p.22-39, 2005.
- FELIZ, P. N.; SANTOS, M. P. Função socioeducativa da escola e suas relações com o contexto histórico da Grécia clássica. In: **Revista Científica Intellecto.** Venda Nova do Imigrante: Editora da FAVENI, v.3, n.1, p.56-68, jan./jun., 2018.
- FERREIRA, F. **As diferenças entre gestão pedagógica e gestão escolar.** 05 f. Disponível em: <<https://www.proesc.com/diferencas-entre-gestao-pedagogica-e-gestao-escolar>>. Acesso em: 19/09/2018.
- FERREIRA, N. S. C. Gestão democrática da educação: ressignificando conceitos e possibilidades. In: FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos.** 4.ed. São Paulo: Cortez, p.295-316, 2004.
- GARAY, A. Gestão. In: CATTANI, A. D.; HOZLMANN, L. (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia.** 2.ed. Porto Alegre: Zouk, p.17-19, 2011.
- GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica.** 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2005. (Coleção Educação Contemporânea).
- GUTIERREZ, G. L.; CATANI, A. M. Participação e gestão escolar: conceitos e potencialidades. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 3.ed. São Paulo: Cortez, p.59-75, 2001.
- HORA, D. L. **Gestão democrática na escola: artes e ofícios da participação coletiva.** 11.ed. Campinas: Papirus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).
- LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática.** 5.ed. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LÜCK, H. **A gestão participativa na escola.** 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (Coleção Série Cadernos de Gestão – v.III).
- OLIVEIRA, E. **Gestão educacional e gestão escolar.** 02 f. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/gestao-educacional-e-gestao-escolar>>. Acesso em: 10/09/2019.
- OLIVEIRA, I. C.; MENEZES, I. V. Revisão de literatura: o conceito de gestão escolar. In: **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.48, n.169, p.876-900, jul./set., 2018.
- ROSA, C. **Gestão estratégica escolar.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- SAMWAYS, A. M.; SAVELI, E. L. Ensino fundamental de nove anos: revisão de literatura. In: **Anais do X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE).** Curitiba: Editora Champagnat, p.2966-2978, nov./2011.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara e onze teses sobre educação e política.** 29.ed. Campinas: Autores Associados, 1995. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo – v.5).
- VALERIEN, J.; DIAS, J. A. **Gestão da escola fundamental: subsídios para análise e sugestão de aperfeiçoamento.** São Paulo: Cortez; Paris: UNESCO; Brasília: MEC, 1993.

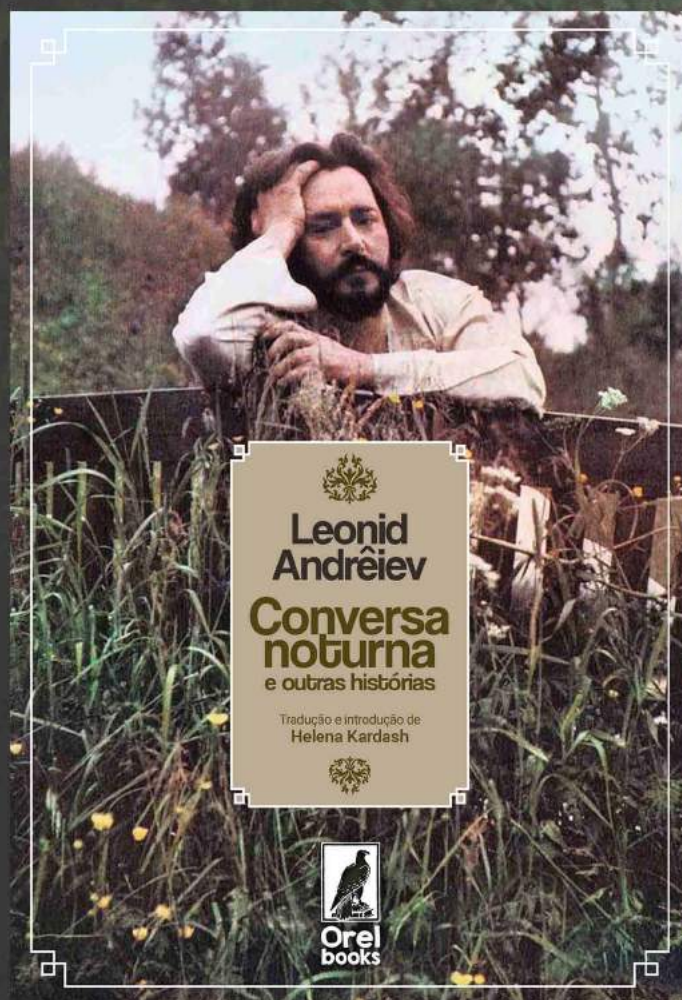
VEIGA, I. P. A.; ARAÚJO, J. C. S. Ética e magistério. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. Rio de Janeiro: DP&A, p.107-111, 2000.

VIEIRA, A. T. Organização e gestão escolar: evolução dos conceitos. In: VIEIRA, A. T.; ALMEIDA, M. E. B.; ALONSO, M. (Orgs.). **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, p.39-51, 2003.



Marcos Pereira dos Santos – Brasileiro. Natural do município de Ponta Grossa/PR, onde reside atualmente. Pós-Doutor (PhD) em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) – Ituiutaba/MG. Ilustre pesquisador em Ciências da Educação. Literato profissional. Membro fundador, titular, efetivo e correspondente imortal de várias Academias de Ciências, Letras e Artes em nível nacional e internacional. Professor adjunto da Faculdade Rachel de Queiroz (FAQ), junto a cursos de graduação (bacharelado, licenciatura e de tecnologia) e de pós-graduação *lato sensu*, em Ponta Grossa/PR. *Endereço eletrônico:* mestrepedagogo@yahoo.com.br

OREL BOOKS LANÇA "CONVERSA NOTURNA E OUTRAS HISTÓRIAS" DE LEONID ANDRÊIEV



Leonid Andréiev foi um dos maiores escritores da chamada Era de Prata da literatura russa, entre o fim do Século XIX e início do Século XX. Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andréiev não desfruta hoje do reconhecimento e da divulgação que merece junto aos leitores lusófonos. Este livro visa preencher esta imensa lacuna editorial, oferecendo aos leitores brasileiros um volume exclusivo e inédito em português de obras de Andréiev, em cuidadosa tradução direta do russo. São ao todo 19 textos, sendo 18 contos e novelas e uma peça de teatro, em mais de 400 páginas, com esmerada produção editorial e gráfica. O leitor encontrará nos textos desde a ternura e compaixão de Andréiev pelas pessoas simples do povo russo, como também reflexões filosóficas sobre o sentido da vida, passando, ainda, pelo lado sombrio e soturno característico de sua obra e finalizando com um toque de humor.

Dados técnicos:

Título: Conversa noturna e outras histórias

Autor: Leonid Andréiev

Tradutora: Helena Kardash

Capa: brochura

Páginas: 417

Editora: Orel Books

Edição: 1ª (agosto de 2019)

Idioma: Português

ISBN: 978-65-80695-00-3

Formato: 23 x 16 x 2,5 cm (sem embalagem)

Peso: 800g (com embalagem)

ADQUIRA JÁ. ACESSE



ENTREVISTA COM ELENA VÁSSINA

Pesquisadora russa, atualmente trabalha como professora dos cursos de graduação e de pós-graduação da USP, participando nos projetos da pesquisa do Programa da Pós - graduação em Literatura e Cultura Russa e orientando mestrandos e doutorandos. Organizadora, autora e tradutora dos livros “Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental” (2005), “O cadáver vivo”, de L. Tolstói (2007), “Liev Tolstói: Os últimos dias”(2011), “Teatro russo: literatura e espetáculo” (2011), “Stanislávski: Vida, obra e Sistema” (2015), “Eugênio Onêguin”, de A. Púchkin (2019), entre outros. Em 2016, foi finalista do premio Jabuti e do prêmio Aplauso Brasil.



Por Ademir Pascale

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como surgiu seu interesse em estudar a língua e a literatura russas e como foi sua vinda para trabalhar no Brasil?

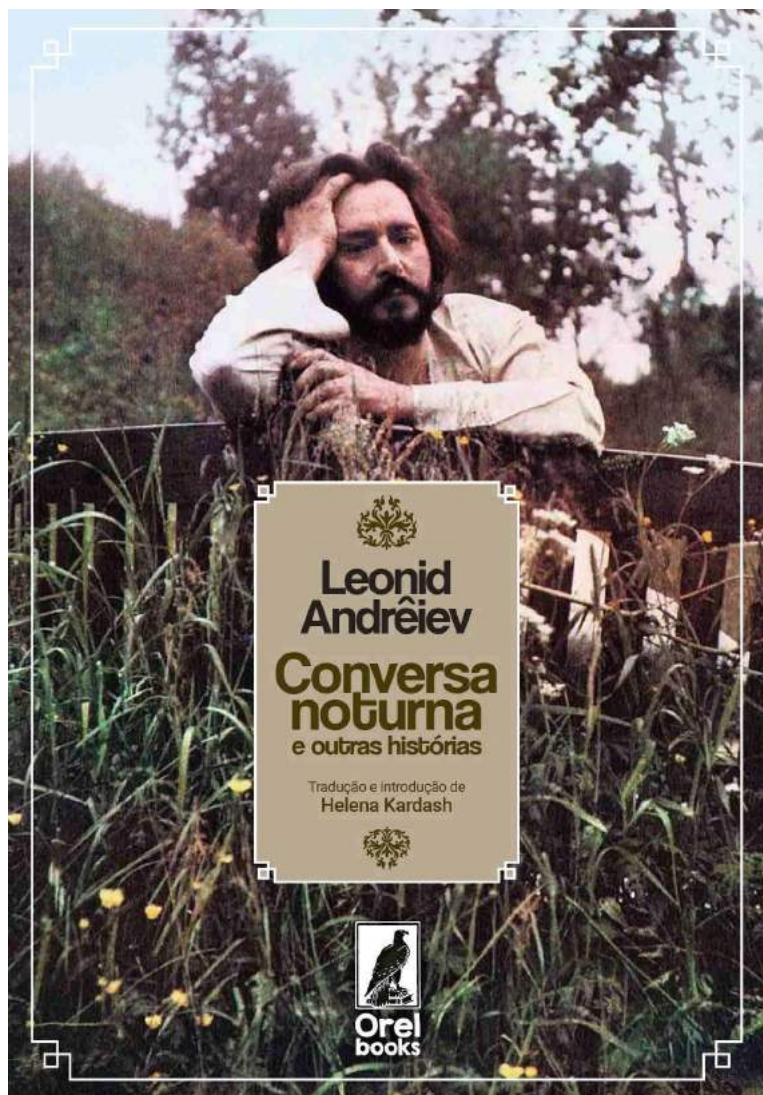
Profª Elena Vássina: Não fui eu que escolhi, foi predestinação (risos...)

Conexão Literatura: Leonid Andrêiev foi escritor, dramaturgo, crítico, ensaísta, pintor e fotógrafo e considerado o pai do expressionismo russo. Sua obra também é representativa dos estilos do realismo e do naturalismo. Entretanto, para alguns estudiosos, ele é tido como um “autor menor”. Qual sua opinião sobre isso e qual a importância de Andrêiev para a literatura russa?

Profª Elena Vássina: Eu chamo Leonid Andrêiev de um “esquecido” entre os grandes escritores russos. E é verdade que ele, um dos incontestáveis clássicos da literatura russa, se tornou um grande esquecido no meio da avalanche das publicações dos escritores russos no Brasil nas duas últimas décadas.

Conexão Literatura: Andrêiev tem fama de autor sombrio, trágico e pessimista. Este rótulo faz justiça à sua obra como um todo?

Profª Elena Vássina: Leonid Andrêiev entrou na literatura no final de século XIX quando, em 1898, foi publicado seu primeiro “conto natalino”, “Bargamot e Garaska”, e logo chamou atenção dos leitores que sentiram na criação do jovem escritor sua proximidade à obra de Tchekhov e Górkki. Este último, ao perceber “revoltas dentro da alma humana” como o tema



central de Andréiev, ajudaria muito a ascensão rápida da carreira literária do jovem colega, admirando este “homem de raros originalidade e talento e muito corajoso na sua busca de verdade”. Porém, o leitmotiv de “revolta”, tão importante também na criação de Górkki, é tratado por Andréiev de maneira diferente: fortemente marcado pelo pessimismo social, o escritor não vê nenhuma possibilidade de resolver as profundas angústias existenciais que, ao seu ver, fazem parte integrante da trágica condição de vida humana. E nesse sentido, Andréiev foi um filho fiel do novo Século XX com todas as suas crises humanísticas e metafísicas. Talvez por causa dessa consonância com a atmosfera da nova era, ele se virou um dos contistas russos mais lidos no início do Século XX.

Conexão Literatura:
Embora muito famoso e popular em seu tempo, Andréiev é um autor pouco divulgado em língua portuguesa. Em sua opinião, o que justifica essa situação?

Profª Elena Vássina: O processo de “descobrimento” da literatura russa no mundo lusófono está ligado com as traduções diretas para o português que tem começado faz pouco tempo e por isso ainda foi impossível apresentar toda a riqueza e diversidade que nossa literatura tem. Antes de mais nada, as editoras brasileiras ficaram interessadas na publicação das obras mais conhecidas – como, por exemplo, as de Dostoiévski ou de Tolstói ou de Tchekhov.

Conexão Literatura: A Editora Orel Books está lançando o importante livro “Conversa noturna e outras histórias”, de

Leonid Andrêiev, cujo centenário da morte completa-se neste ano de 2019. Como a Sr^a avalia a importância deste lançamento para o público brasileiro?

Prof^a Elena Vássina: Certamente essa publicação é muito importante, ela abre para os leitores brasileiros novo e fascinante universo literário russo apresentando diferentes facetas da criação de Leonid Andrêiev na tradução direta e cuidadosa de Helena Kardash.

Conexão Literatura: O que os leitores podem encontrar na obra de Andrêiev?

Prof^a Elena Vássina: Ao meu ver, Andrêiev, como nenhum outro escritor russo do início do Século XX, conseguiu refletir todas as “questões malditas” da existência humana, revelando irracionalidade do mal dentro da natureza humana e abrindo as feridas doloridas da alma humana. E tudo isso por meio da linguagem literária expressiva, plena de trágicos contrastes e das imagens simbólicas. Interpretando as ideias filosóficas de Schopenhauer e mergulhando nos abismos do “homem subterrâneo” de Dostoiévski, o escritor é veemente em sua crítica da solidão humana na sociedade e na cultura urbana. Seu universo literário é tão intenso e denso que não deixa ninguém impassível: suas obras provocam e tiram os leitores da zona de conforto. Em uma das suas últimas obras, “SOS”, Andrêiev escreve: “Assim como um telegrafista no navio que no meio de escuridão está afundando, manda o ultimo pedido: “Socorro! Rápido! Estamos afundando! Salvem-nos!”, eu, movido pela fé na bondade do homem, lanço ao espaço e à escuridão meu clamor sobre as pessoas que estão afundando... A noite é escura... E o mar está assustador! Mas o telegrafista acredita e, teimoso, chama, chama até o ultimo minuto, até o ultimo fogo apagar e até seu telégrafo ficar mudo para sempre”.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você considera especial no livro “Conversa noturna e outras histórias”?

Prof^a Elena Vássina: “Uma inflexível e enigmática fatalidade pairou sobre Vassíli Fivéiski durante toda a sua vida. Como se amaldiçoado por um feitiço desconhecido, desde a juventude ele carregou um pesado fardo de tristeza, doença e pesar, e as feridas que sangravam em seu coração jamais cicatrizavam. Ele se sentia solitário em meio às pessoas, como um planeta em meio aos outros planetas, e parecia que um ar peculiar, destrutivo e pernicioso, rodeava-o como uma nuvem invisível e transparente.” (A vida de Vassíli Fivéiski (1904) p.273)

Conexão Literatura: Perguntas rápidas:

Um livro: “O idiota”, de F. Dostoiévski.
Um autor ou autora: Lev Tolstói
Um ator ou atriz: Daniel Day-Lewis
Um filme: tantos... não posso escolher apenas um

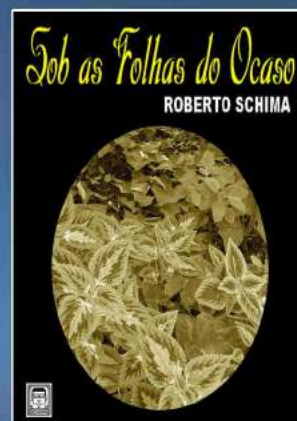
Um dia especial: 21 de março – início do novo ano astrológico, energias renovadas



Acesse
<http://www.orelbooks.com>

Sob as folhas do Ocaso

Roberto Schima



Com dezoito histórias de fantasia, ficção científica, terror e nostalgia, a maioria das quais publicada a partir do nº 37 da revista digital "Conexão Literatura", cujo download pode ser efetuado gratuitamente em: <http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>.

Fica, então, a inevitável pergunta: se todos os exemplares da revista podem ser obtidos gratuitamente pela Internet, qual a vantagem ou interesse em publicar um livro para venda ao público?

Ah, sejamos francos, aproximem-se aqui ao pé do ouvido. Eu não nutro ilusão alguma em relação a vendagem e nem almejo qualquer "vantagem" nesse sentido. A autopublicação é mais uma satisfação pessoal. Afinal, que autor não deseja ver suas histórias em um livro que seja só seu? Se lanço livros dessa forma é porque, bem ou mal, além de eu satisfazer um gosto, dispô-los na rede não deixa de ser uma forma de divulgação: ao menos, estão lá.

E, seja através de que meio for, se, eventualmente, alguém ler uma ou outra de minhas histórias e vier a gostar, isso sim será motivo de regozijo e orgulho. São mundos povoados por florestas tenebrosas, cotidianos nostálgicos e naves espaciais. Se houver uma pontinha de tristeza, será pela efemeridade das coisas de maior significado, todavia, talvez justamente por isso, elas foram maiores e significativas.

Agora, sem maiores delongas, viremos a página como quem, sorrateiramente, abre a porta de um casarão antigo e abandonado. As dobradiças rangem, a escuridão nos acolhe e, em seu interior, sozinhos, ouvimos o som de passos... que não são os nossos.

PARA ADQUIRIR, ACESSE
AMAZON - AGBOOK
CLUBE DE AUTORES

ENTREVISTA COM WALDIR PEDRO

Jornalista e filósofo. Nasceu em São Paulo. Ainda criança mudou-se com a família para São Vicente, cidade do litoral paulista. Trabalhou no ofício de artes gráficas e, ainda jovem, montou uma livraria, que se tornou ponto de encontro de personalidades da região, principalmente poetas e intelectuais da Baixada Santista. Estudou Filosofia na Universidade de Santos e em seguida na mesma universidade tornou-se bacharel em Comunicação Social. Trabalhou no jornal A Tribuna de Santos, primeiro no Projeto Jornal-Escola (projeto desenvolvido pela empresa jornalística para estimular o uso de jornais na sala de aula) e depois ajudou no suplemento infantil. Atualmente é editor da Wak Editora, do Rio de Janeiro.



Por Cida Simka e Sérgio Simka

Entrevista

Todo empreendedor quando chega a algum local, um restaurante, por exemplo, já começa a imaginar mudanças. Se trocasse essa mesa... Se servisse tal prato... Se fizesse uma promoção... A cabeça do empreendedor é muito criativa.

Tem um restaurante perto de casa que toda quinta-feira serve um frango com batatas delicioso, mas sempre que vou pedir a atendente diz: acabou, é que vende muito. Ora, se vende muito por que não incorporar ao cardápio ou aumentar a quantidade? (risos)

Creio que eu tenha um pouco dessa veia de empreendedor.

Nos anos 90 eu vim morar no Rio de Janeiro. Por já ter passado por algumas experiências em trabalhar com livro, fui convidado a ingressar na equipe de uma grande distribuidora de livros que estava remanejando sua atuação na cidade.

Essa função me fazia visitar as livrarias da cidade. Enquanto esperava ser atendido eu ficava esperando e observando a dinâmica das livrarias. Entrava muito gente atrás de algum livro e o atendente dizia: não temos.

Havia uma demanda e pessoas querendo ler e que não encontravam o livro desejado. Nesse momento, a cabeça do empreendedor começou a pensar: se houvesse um local em que a pessoa pedisse e encontrasse todo livro que desejasse ler. Eu, por trabalhar muito tempo com livros e ter contato com quase todas as editoras e distribuidoras, comecei a elaborar um projeto de venda de livros por telefone. Uma espécie de disque-livros. As pessoas ligavam e perguntavam: tem o livro x? Mesmo não tendo esse livro eu



soubessem da existência desse serviço (projeto). Na época, a venda pela Internet praticamente não existia. Eu imprimi alguns folhetos anunciando venda de livros e comecei a distribuir em faculdades e escolas. Na verdade, em qualquer lugar que eu estava eu falava do meu “negócio”. Até quando estava no ônibus e via alguém lendo eu entregava o folheto e dizia: oi, você gosta de ler? Quando precisar de algum livro pode me pedir. Convenci dois amigos a se unirem a mim e fui em frente. Em pouco tempo o telefone não parava de tocar e aquilo, que era uma “doidice”, começou a dar certo. Às vezes, até de bicicleta eu fazia a entrega para não ter custo na entrega.

Resumindo, um dia recebi uma ligação de uma cliente pedindo para entregar um livro em um curso de pós-graduação. Eu fui e fiz a entrega na sala de aula e quando entreguei o livro dela, quase todos os outros alunos me pediram livros que estavam com dificuldade de encontrar nas livrarias. Eu e o Alan (hoje meu sócio na editora)

dizia: tem. Combinava a entrega, pegava o livro na editora e entregava para o leitor. Acreditei tanto nessa ideia que pedi demissão do trabalho e fui me aventurar na execução do projeto. O primeiro passo seria fazer que as pessoas

ficamos pulando de alegria não acreditando em tantos pedidos de livros.

Aquela pós-graduação era o projeto “A vez do Mestre”, hoje AVM. Como funcionava todos os sábados comecei a ir aos sábados levar livros para os alunos que pediam daquela turma. Porém pensamos: se uma sala precisa do nosso serviço imagina se atendêssemos todas as turmas?

Preparei-me a semana toda para falar com o coordenador, imaginei um discurso, suei muito e quando chegou o dia fomos.

Ele nos recebeu em sua sala e quando comecei o meu discurso ele falou: “O que querem? Expor livros aqui no meu curso? Podem colocar uma mesa ali naquele canto e só tem uma coisa, se algum aluno falar algo contra vocês, eu tiro vocês daí na hora”.

Assim, começamos com uma mesa expondo livros e fazendo

amizades. Amizade com professores que tinham apostilas que deixavam para que a gente vendesse para eles.

Um dia eu comentei com uma professora: por que não transforma essa apostila em livro?

Dessa pergunta começou a ser germinada a Wak Editora.

Esse primeiro livro foi o pontapé inicial para que outros professores começassem a nos procurar e pedir nossa ajuda em editar seus livros.

Hoje, depois de 20 anos, estamos com mais de 600 obras editadas, com autores do Brasil todo e de outros países.

E saber que tudo começou de um sonho em atender bem quem queria ler, hoje se transformou em um fazedor de sonhos de muitas pessoas que desejam ter seu livro editado.

Link da editora:

<https://wakeditora.com.br>

Links para os livros de Waldir Pedro:

<https://wakeditora.com.br/produto/em-busca-da-transformacao-e-book>

<https://wakeditora.com.br/produto/dinamicas-para-aulas-de-filosofia>

<https://wakeditora.com.br/produto/colecao-cidadania-vem-de-berco>

<https://wakeditora.com.br/produto/guia-pratico-de-neuroeducacao>

Cida Simka é licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Coautora do livro *Ética como substantivo concreto* (Wak Editora, 2014) e autora dos livros *O acordo ortográfico da língua portuguesa na prática* (Wak Editora, 2016), *O enigma da velha casa* (Editora Uirapuru, 2016), *“Nóis sabe português”* (Wak Editora, 2017) e *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019). Organizadora dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019) e *Contos para um mundo melhor* (Editora Xeque-Matte, 2019). Integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

Sérgio Simka é professor universitário desde 1999. Autor de mais de cinco dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Idealizou, com Cida Simka, a série *Mistério*, publicada pela Editora Uirapuru. Organizador dos livros *Uma noite no castelo* (Editora Selo Jovem, 2019) e *Contos para um mundo melhor* (Editora Xeque-Matte, 2019). Autor, dentre outros, do livro *Prática de escrita: atividades para pensar e escrever* (Wak Editora, 2019). Membro do Conselho Editorial da Editora Pumpkin e integrante do Núcleo de Escritores do Grande ABC.

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

**VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL**

**FANPAGE: + DE 83 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES**

ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT: CLIQUE AQUI

**Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publieditorial, capa da revista etc**

**Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com**

ENTREVISTA COM VERA CARVALHO ASSUMPÇÃO

Nasceu e viveu na cidade de São Paulo. Foi premiada em diversos concursos de contos. Criou o detetive Alyrio Cobra, paulistano que atua na cidade de São Paulo e protagoniza os livros: Paisagens Noturnas, Rigor da Forma, Peças Fragilizadas, Royal Destiny (finalista no 1º. Concurso ABERST de literatura), Serpente Tatuada, Mandalas Translúcidas e Imagem Restaurada. Em 2016 esteve presente na BAN Buenos Aires Negra falando sobre: Cocaína, a rainha das drogas e as investigações do detetive Alyrio Cobra. Em 2018 participou do PORTO ALEGRE NOIR coordenando a mesa “Detetives de ficção: ontem e hoje” Em 2019 participou da “Quinta Noir” na FLIPOÇOS.



Por Ademir Pascale

Entrevista com escritores

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Vera Carvalho Assumpção: Entrei nos meios literários ainda no final do último milênio. Escrevi diversos contos que foram premiados em concursos e foram publicados em antologias, inclusive a antologia GeraçãoSubZero. Até que resolvi me aventurar pelo romance e escolhi o gênero policial. Em 2003 foi publicada a primeira investigação do detetive Alyrio Cobra, PAISAGENS NOTURNAS pela Editora Landscape. Desde então já estou publicando a 7ª. Investigação do detetive: IMAGEM RESTAURADA. Posso dizer que Alyrio Cobra já é uma série de romances policiais.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Alyrio Cobra – Imagem Restaurada”. Poderia comentar?

Vera Carvalho Assumpção: Como já disse, IMAGEM RESTAURADA é a 7ª. investigação do Detetive Alyrio Cobra publicada em e-book. Alyrio Cobra é um detetive paulistano que atua quase que exclusivamente na cidade de São Paulo. Em Imagem Restaurada, ele é contratado para encontrar um sujeito desaparecido. Começa pela delegacia que registrou a ocorrência. Lá encontra a policial Luiza, amiga que o leva ao Breja's Island, bar que

pertence ao melhor amigo do desaparecido, é gerido por mulheres poderosas e está sendo disputado por facções criminosas. É neste bar, localizado numa região nobre da cidade de São Paulo, que muitas histórias acontecem e se entrelaçam, inclusive a história de uma imagem que protegia o bar e que foi roubada e quebrada. É quando esta imagem é restaurada e recolocada em seu pequeno altar no fundo do bar que vidas vão se revelar, outras se acabar, e ainda outras, inclusive a do bar, restauram a própria imagem.

**Conexão Literatura:
Como foram as suas**



pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Vera Carvalho Assumpção: Em geral levo um ano para concluir um livro. **IMAGEM RESTAURADA** envolve muito da violência praticada pelas facções criminosas, especialmente o tráfico de drogas em São Paulo. Li muito em jornais, revistas e na

internet sobre o assunto. Também os telejornais sensacionalistas dão muitas dicas de como os criminosos atuam e como o tráfico acontece. Em outros livros do detetive uso um pouco da história de São Paulo, o que envolve mais pesquisa. Neste usei somente fatos da atualidade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do qual você acha especial em seu livro?

Vera Carvalho Assumpção:

“— O mundo é muito mais simples do que parece, — ela (a poderosa Amélia, esposa do traficante Marlon) esboçou um sorriso. — Todo mundo quer grana e poder. No momento, o poder absoluto é o poder da cocaína! Dizem que no mundo, só perde em vendas para o petróleo. Particularmente acredito que já ultrapassou o petróleo.

Alyrio olhou-a. Seus olhos eram olhos de loba faminta. — Preciso admitir, — disse Alyrio. — Deixei passar alguma coisa enquanto investigava o desaparecido. Perdi algum detalhe importante. Um detalhe que talvez minha amiga Luiza tenha tido a sorte de captar.

— Isto costuma acontecer no seu trabalho de investigador, — Amélia franziu a testa. — Também

acontece no meu trabalho. Sempre há alguma coisa que deixamos passar. Algo simples, completamente banal. Este algo banal pode nos levar ao céu ou nos prejudicar muito.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir um exemplar do seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Vera Carvalho Assumpção: **IMAGEM RESTAURADA** está à venda na Amazon. Mesmo quem não possui o Kindle pode baixar o aplicativo em tablets, computadores ou celulares e ler o livro. Para me conhecer melhor, tenho o site www.veracarvalhoassumpcao.com.br ou o site do detetive www.alyriocobra.com.br. Também tenho a página do detetive no Facebook.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Vera Carvalho Assumpção: Há sempre uma nova investigação do Alyrio Cobra sendo

alinhavada. Tenho um conto protagonizado pelo Alyrio Cobra que está saindo no livro O MELHOR DO CRIME NACIONAL, publicado pela LUVA EDITORA.

Perguntas rápidas:

Um livro: difícil!!!! Leio e releio muitos livros. Os que mais reli: 100 Anos de Solidão, Boneco de Neve, A Forma da Água

Um (a) autor (a): Jo Nesbo; Andrea Camilleri

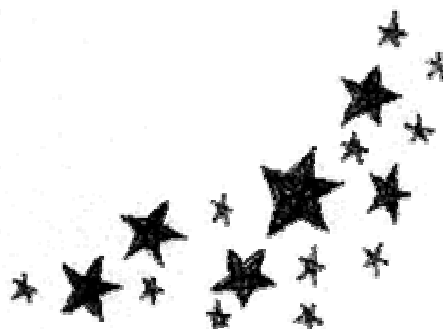
Um ator ou atriz: Sean Connery

Um filme: O Nome da Rosa

Um dia especial: Hoje

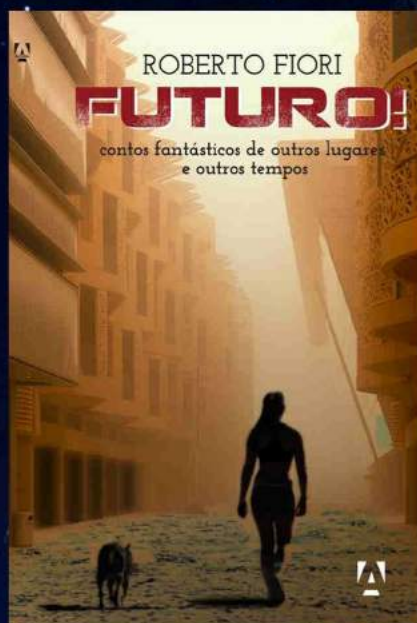
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Vera Carvalho
Assumpção: As investigações do Detetive Alyrio Cobra vêm aumentando suas vendas e se tornando mais populares. Acredito que já tem histórias suficientes para que cada uma seja um episódio de uma série para TV. Ainda não consegui, mas sonhar é preciso!



Acesse

www.veracarvalhoassumpcao.com.br



CONTOS INSTIGANTES, COM O PODER DE
TELETRANSPORTAR ÀS MAIS REMOTAS
FRONTEIRAS DE NOSSO UNIVERSO E
DIFERENTES DIMENSÕES

Uma obra do autor Roberto Fiori

[clique aqui]

POE FOREVER

Por Míriam Santiago



Conto

Nós amamos com um amor que era mais do que amor.
(Edgar Allan Poe)

O calendário sinalizava dia 03 de outubro de 1849. Depois de eu procurá-lo em sua residência, percorri por várias ruas de Baltimore até encontrá-lo na mais profunda solidão em uma pracinha, sem uma viva alma, a poucos minutos das seis da manhã de outono. Poe trajava roupas que não pareciam suas, pois eu conhecia as poucas vestes de meu mestre, e posso afirmar que a calça e camisa eram de outra pessoa. Aproximei-me dele e vi que falava e gesticulava, não notando minha presença.

Fiquei ali em pé e toda sua face se contorcia num olhar vazio e triste. Seus lábios trêmulos, assim como o resto de seu corpo repetiam uma palavra o tempo todo. Pelo estado em que se encontrava não poderia deixá-lo ali, como um “Zé ninguém”. Com sacrifício o levei para casa. Consegui fazer o mestre deitar-se, ele pegou no sono em poucos segundos, precisava descansar. Dormiu por 24 horas ininterruptas. Ao acordar eu estava sentado ao lado da cama e ele muito fragilizado disse que

não tinha fome, mas mesmo assim, fiz com que tomasse um pouco de sopa.

— Não sei onde estou e não me lembro de você, mas vagamente sua imagem me ajudando a levantar do banco e me conduzir até esta confortável cama me recordo e sou grato.

— Ora, é o mínimo que posso fazer pelo senhor, respondi-lhe.

— Qual seu nome? Desculpe, mas minha memória está me deixando!

— Não tem problema, o senhor está doente. Eu sou o Antony, trabalhava também na Burton's Gentleman's Magazine, ajudava o senhor, já que era o editor assistente.

— Sim, consigo me lembrar, mas não de você.

— Virginia, Virginia, onde está?...

E a cada vez que pronunciava o nome da falecida mulher amada, o grande amor de sua vida, os delírios voltavam e a mente do grande escritor, poeta, editor e crítico literário, autor de tantas histórias de mistério e terror, encontrava-se refém do sombrio estado de espírito, da mente perdida após a morte da esposa.

E eu que sempre o admirei e compulsivamente lia e relia suas histórias passei a amá-lo assim mesmo com temperamento difícil e perdido em seu triste passado nas lembranças de quando a mãe faleceu após dar a luz sua irmã e o pai que os abandonou antes até do nascimento do bebê. Separado dos irmãos foi adotado por uma família cujo pai adotivo nunca o amou, mesmo dando seu sobrenome, contando apenas com o carinho da mãe adotiva. Se contarmos quantas pessoas têm vida parecida ou até pior, a conta perde-se de vista!

— Antony, gostaria de sentir um pouco o calor dos raios solares pela última vez, pois sei que não tenho muito tempo.

— Não diga isso senhor Poe, eu o admiro demais, farei tudo o que puder por sua melhora de saúde.

— Agradeço por sua gentileza, mas sinto não poder corresponder mais ao que esperam de mim, meu coração está despedaçado após a morte de Virginia e não tenho mais ímpeto em viver.

— Uma pessoa assim como o senhor, uma mente e intelecto de nível altíssimo, não se entregue, precisamos de seus escritos!

— Precisamos? Quem precisa meu caro, sou um fracasso e mal consigo viver de minhas publicações, Histórias Extraordinárias foi um insucesso financeiro.

— Mas tenho certeza de que no futuro será um marco da literatura norte-americana, o senhor será reconhecido pelo mundo todo!

— O futuro só a Deus pertence, eu precisava do sucesso agora, já e não consegui!

— Não diga isso, o senhor sempre será referência na literatura! Os Assassinatos na Rua Morgue, por exemplo, que foi publicado pela primeira vez em abril de 1841 na Graham's Magazine, pode-se dizer que é precursora em histórias de investigação, pois é um marco, o senhor é um gênio mister Poe!

— Mas nada disso adiantou e aqui estou sem sucesso e reconhecimento.

— Vamos, levante-se, ânimo! Quero que se cure e siga sua vida em frente.

— Virginia, Virginia! Venha meu amor, sinto a sua falta!...

E os delírios voltavam assim como a fraqueza espiritual abalando a saúde do grande autor.

Ví que realmente ele se entregara, que não haveria solução para alguém que deixou de querer viver. Um grande luto

para a Humanidade, pois sei que ele há de ser um dos melhores escritores já lido! E a doença se agravou de vez. Percebi que minha vontade não era soberana na saúde alheia e Edgar precisava de ajuda médica. Fui pedir socorro no Washington College Hospital, local onde ele faleceu, no dia 7 de outubro.

Mesmo assim tão fraco Allan Poe era um homem fantástico e sua brilhante mente literária me fascinava a cada vez que ele em momentos de lucidez ditava-me ideias de histórias no intuito de que eu as escrevesse, que continuasse seu legado, mas eu não tinha o seu talento e a sua perspicácia no sabor do mundo, no sentimento do bem e do mal, do estado da mente doentia e perversa. Eu era um iniciante na literatura, sabia que tinha muito a aprender.

Suas últimas palavras foram dedicadas à Virginia, um poema em que ele eternizou a amada ao doce sabor da beleza eterna, sentimentos tão apurados em seu leito de morte. E ditando cada sílaba da poesia

sua voz foi ficando baixa e fraca, mas ele continuou até o último ponto final. Consegui levar os versos à publicação em um jornal. Fiz uma cópia colocando no terno em que Poe foi sepultado, assim como a única foto de Virginia que ele carregava no bolso da calça, uma fotografia gasta, mas que ainda refletia a beleza do rosto angelical.

Ele não teve velório, mas consegui com que amigos e parentes fossem prestigiá-lo no enterro. Derrubei as últimas lágrimas ao ver o caixão ser coberto de terra. Minha mente divagava em não aceitar que se fora aos 40 anos de idade, com tanto ainda a escrever. A mente brilhante e invejável que conduziu milhares de seguidores a uma literatura rica e inovadora fechou os olhos para sempre, abaixando no palco da vida a cortina de sua trajetória na terra.

E cuidei para que sua memória e obra fossem levadas aos quatro cantos do mundo!

A história é uma singela homenagem ao grande e espetacular escritor Edgar Allan Poe. Berenice, O Retrato Oval, A Máscara da Morte Rubra e O Mistério de Marie Rogét são alguns de seus contos. Já dentre as poesias, destacam-se Silence, Alone, O Corvo e Eldorado, entre outras.

Miriam Santiago: jornalista e atua em assessoria de Comunicação. Desde que se formou também em Letras, publica livros de gêneros diversificados. Escreve contos, crônicas, minicontos e nanocontos. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, fotografia, cursos, antologias, livros e eventos, entre outros.
Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com



PORQUE ELES NÃO VÊM

Por Rogério Macedo

Conto

Em uma nave espacial em órbita da Terra.

— Arrrrrrgggghhhhhhh!!!!

— O que houve? — Perguntou Nand a Bjor.

— Estou cansado, cansado de ficar reavaliando esse planeta, tem certeza de que ele é mesmo candidato? — Disse Bjor.

— Sim tenho, o que acontece? — Disse Nand

— A cada porção do planeta que olhamos vemos uma realidade diferente, em poucos do que eles chamam quilômetros as coisas mudam, idiomas mudam, moedas mudas, leis mudam. Eles criaram “fronteiras” imaginárias e

todos as seguem. É surreal. — Disse Bjor cansado.

— Ele realmente tem mais pessoas que o normal, quantos habitantes sencientes?

— pergunta Nand.

— Mais de 7 bilhões. Se é que os pode chamar assim — responde Bjor.

— Por que essa observação?

— Eles se matam aos milhares todos os dias!

— Já vimos outros planetas com conflitos antes, sempre que chegamos ajudamos a resolver as diferenças.

— Certo, mas dessa vez são mais de 200 lados (nações) diferentes.

Com essa afirmação Nand vai até o lado

da cadeira de Bjor e olha para os dados no monitor do mesmo.

— Uau! Realmente é muita coisa.

— Separei as nações por suas extensões, cheguei nesse quinto agora.

— E as outras 4?

— No limiar da insanidade, se as coisas não melhorarem com essa acho que podemos desistir já.

— Esse é completamente diferente dos outros. Chama-se Brasil.

— E o que ele tem de tão diferente? Que coluna de fumaça é aquela ali?

— Estão queimando grande parte da vegetação nativa.

— Mas para quê?

— Enriquecimento de alguns.

— Eles ainda usam posses como indicador de importância?

— Sim, quanto mais se tem, mais bem tratado é, mais recursos e mais importância.

— E isso é só nesse Brasil?

— Não não, isso é global.

— Ah, mas eles têm religião então pelo menos são pacíficos. – disse Bjor

— Eeeee, na verdade não, as nações mais religiosas são as mais violentas.

— A religião deles prega a violência?

— Não, prega o amor e a paz. E são muitas que pregam isso, praticamente todas.

— São muitas religiões?

— Muitas é apelido, são centenas. O problema é que todas acham que estão certas.

— Mas não pregam a paz?

— Pregam, mas por exemplo, alguns deles desse quinto país, entram nos templos desses outros do “Candomblé” e quebram tudo. Atiram pedras em crianças também.

— Mas isso é de uma ignorância absurda!

— Sim, mas não é o pior. Veja, eles se organizam em um sistema de liderança por votos, escolhem seus representantes desde locais até chegar ao nível do representante máximo do país todo.

— Sim, mas isso é bom certo? Não é o que chamam democracia?

— Certo, é sim e seria muito bom se não misturassem a religião com a organização política.

— Espere aí, deixa eu ver se entendi, a religião prega o amor e os praticantes dela o ódio?

— Isso.

— Daí eles escolhem seus representantes pela religião, mas e aí? O que predomina o amor ou o ódio?

— O ódio é claro, os eleitos usam seus cargos para favorecer a sua religião e os integrantes dela, e tenta forçar os conceitos dela sobre os outros.

— Mas não são conceitos de amor? – Pergunta Nand

Bjor quase ri.

— Veja esse caso, estão usando a rede de comunicação deles para mostrar preconceito contra essa pessoa aqui, que pelo visto não tem as mesmas “preferências sexuais”.

— Eles tem isso? Preferências para o sexo?

— Sim, graças a religião eles condenam os que não tem os mesmos gostos que eles.

— Mas que absurdo! Que coisa atrasada, e isso é a religião do amor?

— Não viu nada, eles têm preconceitos demais.

— Tipo? – Pergunta Nand.

Bjor então olhada para Nand, respira fundo e começa:

— Classe, cor, credo, etnia, local onde moram, religião, preferências sexuais, etc.

— Me surpreenda que não se matem todos — disse Nand.

— Mas fazem isso, pelo menos contra os da preferência sexual, nesse país aqui morrem milhares por conta disso. Ah você vai rir agora – Disse Nand.

— O que foi? – Pergunta Bjor já curiosíssimo sobre esse povo.

— Eles acham que pessoas com a pele diferente são outra “raça”!

Nand e Bjor riem juntos.

— Imagina se encontrassem um boreliano? — Pergunta Nand rindo de sair lágrimas nos olhos.

Os dois riem juntos mais um pouco e respiram fundo para continuar a análise.

— Pelo menos eles têm artes, não é? de acordo com o relatório um dos motivos pelos quais o planeta foi indicado, foi por terem captado uma “expressão artística maravilhosa”. Acho que uma música foi enviada em uma sonda. — Disse Bjor explicando a Nand a análise.

— Eles têm milhões dessas! — Exclamou Nand surpreso.

— Sim eles enviaram uma antiga, de Beethoven e Chopin se não me engano.

— E conseguiu captar algo do tipo?

— Sim algumas, mas consegui muitas outras, porém nesse país a qualidade da arte está decaindo.

— E tem indicações do porquê?

— Algumas, a cada ano que passa eles dão menos valor a arte.

— Volto a perguntar, por quê?

— Adivinha? Uma causa atual são os preconceitos, pelo visto agora estão espalhando que arte é coisa de “esquerda” e de “comunista”. Poesia, literatura, quadros, tudo está sendo menosprezado.

— “Comunista”? E o que é isso? — Pergunta Bjor.

— Comunismo é um tipo de movimento político, que tenta distribuir as riquezas para que todos tenham acesso a uma qualidade de vida melhor.

— E por que seriam contra isso?

— Não sei te dizer, mas parece que no último ano convenceram uma grande massa a lutar contra os próprios direitos, em nome do Deus que prega o amor que eles não seguem direito também.

— Mas tem que ter um motivo, qual é a oposição dessa “esquerda”? A “direita”?

Pergunta Bjor sorrindo.

— Exatamente, criativos não? Essa direita tem como posição que favorecendo os donos dos meios de produção eles favorecerão os que trabalham nela – responde Nand.

— Faz sentido se isso for histórico, se eles estão sendo favorecidos então acham que não precisam mudar – disse Bjor.

— Mas não é o caso, a divisão de rendas é extremamente desigual. – disse Nand.

— O que acontece nesse lugar?

— Me deixe concluir sobre a arte, o segundo motivo para a desvalorização dela é que o povo está ocupado demais sobrevivendo, nem nas escolas se consegue ensinar a apreciar um bom texto, ou admirar um quadro. Salvo raras exceções.

— Certo, isso é demais para a minha cabeça. Vamos ver outra coisa, tem que haver algo aí que seja bom, se não valorizam a religião ou a arte então eles devem estar próximos de desenvolver a tecnologia de motores trans-luminares. – disse Bjor.

— Vamos ver as pesquisas deles então – disse Nand.

Os dois ficam olhando para tela enquanto Nand manuseia os controles.

— Isso é real? — Pergunta Bjor surpreso.

— Sim, é sim.

— Eles não só estão muito longe da tecnologia como estão cancelando as pesquisas? — Bjor estava absolutamente surpreso.

— Veja bem, não é o corpo científico que está abandonando. O governo deles cortou o chamado “financiamento” necessário para que prossigam — explicou Nand.

— Bem então encerramos, ou vai querer continuar?

— Ia examinar os sistemas educacionais, mas parece que o mesmo fenômeno das pesquisas se repetem ali também.

— Os outros povos compensam a ignorância desse?

— Não, o primeiro examinado tem um governante ignorante igual a esse, a diferença é que o do primeiro é mais inteligente.

— Ok, requisição de contato negada. Vemos o próximo depois do almoço?

— Sim, o próximo planeta é de uma raça assexuada. Olha só, parecem as mulheres desse planeta aqui.

— É verdade, será que são a evolução natural da espécie?



Rogério Macedo, nascido em 1976 em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, formado em tecnologia, perambulou por alguns estados e agora mora na cidade do Porto em Portugal. Trekker com formação em tecnologia. Fã de Neil Gaiman, Eduardo Spohr, Isaac Asimov, Richard Morgan, Stephen King, José Saramago e muitos outros.

Autor do livro: Nossos Mundos, disponível na Amazon em <https://amzn.to/2kwFlb9>

Email: rogerio.macedo.autor@gmail.com

Página do Facebook sobre o seu livro:
<https://www.facebook.com/rogerio.macedo.autor>



A MAÇA DE INVERNO

Por Roberto Schima

Conto

Por mais que o Sol brilhe, em verdade, o céu é frio e escuro.

Era de manhã, o último dia de um Outono particularmente melancólico, permeado por muitas chuvas, vento e até granizo.

O Sol despontara fazia pouco tempo de trás do horizonte. Era como se tivesse guardado o melhor de si para esse momento a fim de anunciar o início de uma nova estação. Fez brilhar os velhos telhados e as paredes encardidas. Trouxe a promessa de esperança para as ruas estreitas, tortuosas e sem pavimentação.

No interior do quarto pequeno e imundo, o ar frio penetrava pelas frestas da janela. Mas fazia frio lá dentro, não importasse se fosse Primavera ou Verão.

Entre aquelas quatro paredes, era sempre uma mistura de Outono e Inverno. Todavia, friagem vinda de lá de fora trazia um sentimento de vida, alegria e renovação que, no interior do pequeno sobrado, não existia.

Como fazia quase todos os dias, o menino ergueu seu corpo esquelético da cama, sentiu o gelado do piso nos pés, bateu com a ponta dos dedos pelos chinélos e, após encontrá-los, caminhou silenciosamente até a janela e abriu as venezianas. Fez uma careta de medo quando elas rangeram nas dobradiças devido a falta de lubrificação. Pôs-se a ouvir. Não escutando nenhum barulho

dentro de casa, suspirou aliviado e abriu mais um pouquinho, o bastante para que pudesse colocar a cabeça para fora e debruçar-se.

Sentiu o frescor inundar seu peito e substituir o ar gasto e abafado.

O Sol, ainda frio, iluminou-lhe o pequeno rosto de nove anos.

O vento esparramou algumas mechas de seus cabelos.

Uma fileira de casinhas - todas iguais, sisudas e gastas — saudaram-no do outro lado da rua estreita.

Então, olhando o quintal do vizinho à esquerda, sua fisionomia tornou-se radiante.

Lá estava ela, sempre bela e maravilhosa:

A macieira.

Cristiano era o seu nome — escolha do pai para homenagear a mãe, D. Cristiana — e ele não saberia dizer por que gostava tanto de mirar aquela árvore todo santo dia. Decerto não conseguiria colocar em palavras, pois, além de atrapalhado, desinibição não era o seu forte. Na escola, era um suplício ser chamado pela professora para responder qualquer coisa. Ir até o tablado, então, em frente à lousa, equivalia a uma sentença de morte. Mal conseguia entender as aulas, quanto mais resolver os exercícios em casa. Os outros alunos evitavam-no, jogavam-lhe bolas de papel, riam dele por errar nas contas e por suas redações incompreensíveis.

Faziam gestos insinuando que ele teria um parafuso a menos, quicá dois ou três.

— Ei, filho da mãe sem mãe! — zombavam numa impensada crueldade típica da idade.

Um belo dia, D. Cristiana fugira com o vizinho da direita, largando tudo para trás. Maricotas de plantão disseram que ela não suportara mais as bebedeiras do marido. Outras argumentaram ter sido por causa das surras, sendo os gritos ouvidos até do outro lado da calçada. Uma delas discordara, afirmando que fora por causa das outras mulheres com as quais o marido flertava; havia um malicioso brilho de conhecimento de causa em seu olhar. Umhas poucas simplesmente falaram que D. Cristiana não passava de uma sem-vergonha que não aguentara as responsabilidades da vida doméstica, tanto que largara o filho. Que mãe faria isso?

Para Cristiano, em vez de respostas, ficara somente uma pergunta: Por quê? De resto, era tudo nebuloso demais para sua mente de criança poder enxergar. E ele nem tinha certeza se gostaria de ver.

Chorara ruidosamente na primeira noite sem ela.

Fora a primeira e última vez.

— Cale a boca, moleque!

Sob a cinta do pai, este fizera-lhe ver que não havia tristeza nisso, somente frustração, rancor e raiva.

O menino não sentia nenhuma dessas coisas, apenas o vazio da amargura, como se tivessem arrancado seu coração do peito. Assim, aprendera a chorar baixinho, para dentro do travesseiro, quando o ronco do pai ecoando na escuridão da pequena casa avisava-lhe que era seguro.

Seu nome deixara de ser ouvido lá dentro, pois fazia o pai lembrar-se da esposa. Como se já não bastasse o garoto em si, cujos traços eram os traços da mãe escritos.

"Moleque" tornara-se o seu segundo nome.

Os pensamentos de Cristiano eram simples, lineares, mas também confusos feito uma pipa enroscada no fio de eletricidade. Agitavam-se ao vento, presos e, simultaneamente, sem rumo.

Seus únicos momentos de satisfação eram aqueles de manhã, quando podia abrir a janela e admirar a beleza daquela árvore.

A macieira.

Entretanto, não era necessário ser nenhum grande sábio, poeta ou filósofo para compreender a admiração do menino por ela.

Ficava no quintal do vizinho a esquerda, cuja casa era muito parecida com a sua, porém, ao contrário do cinza antigo e desbotado, as cores das paredes eram vivas e brilhantes. A árvore era frondosa, bem adubada, inúmeros frutos pendiam de seus galhos. As maçãs, muito vermelhas, redondas e tenras eram lindas e cintilavam sob o Sol da manhã. As folhas, sem serem grandes e nem propriamente pequenas, traziam a umidade do orvalho da madrugada. Tão diferente de sua própria árvore, em frente de casa: sem folhas a orvalhar, raquítica, tronco enrugado, seca, triste. Cristiano sequer se lembrava do dia em que a vira florir ou de que espécie seria.

E da janela de seu quarto defronte à rua, o garoto observava o quintal do vizinho.

A última manhã de Outono.
— Bonita — disse, baixinho.

A macieira respondeu através de sua fragrância, um aroma adocicado de

primavera a persistir através das estações, que chegou às narinas do menino.

E ele sorveu vagarosamente, inebriado.

Lá, naquele quintal e naquela casa, era sempre Primavera.

Os galhos mais finos balançavam e balançavam, entregando-se ao sabor da brisa.

Ah, como eram belos aqueles momentos, a quietude, os feixes de luz a atravessar os ramos ao amanhecer. A simplicidade de um mundo que, para Cristiano, tornava-se aconchegante e compreensível.

Em contraste, na sua casa reinava o peso do Inverno e jamais amanhecia.

Os frutos tenros pendurados fragilmente pareciam estar prestes a cair e, de fato, no gramado abaixo, alguns haviam se desprendido, fazendo pensar em uma história que a professora contara sobre um estrangeiro chamado Newton e uma outra maçã, muito longe dali.

Sua própria árvore, pelo contrário, nunca vira fruto algum que pudesse despencar.

E Cristiano ficou absorto naquela contemplação. Ele costumava ficar o máximo de tempo que conseguia.

Oh, como era belo!...

... E fugaz.

Nessa manhã, em particular, foi fugaz demais e nada silenciosa.

A porta do quarto abriu ruidosamente:

— O que está fazendo aí, moleque? Vadiando, é claro!

O garotinho, de tão embevecido com a macieira, não percebera os passos pesados e incertos na escadaria do

sobrado. Tampouco sentira o cheiro forte de cachaça, suor e sujeira.

Mais bêbado do que nunca, seu pai surrou-lhe quase ao ponto de fazê-lo desmaiar.

Ao perceber que o menino não se levantava, o pai — em meio ao oceano ébrio no qual, à deriva, julgava navegar — resolveu ir até a farmácia para comprar iodo, gaze e esparadrapo.

— Não sai daí! — gritou. — Só dá trabalho!

Cristiano sequer ouviu, afundado na dor.

A custo o homem cambaleou escada abaixo.

A porta da sala fechou-se com estrondo.

A casa aquietou-se.

No caminho, teve de passar em frente ao sobrado do ex-vizinho que roubara-lhe a mulher. Amargurado com a lembrança, esqueceu-se completamente do filho e da farmácia, indo refugiar-se no fundo do bar da esquina, cujas portas já se abriram para oferecer o primeiro trago do dia.

Quando conseguiu finalmente pensar, uma recordação assaltou Cristiano.

Um dia cedinho, ao abrir a janela, ficara surpreso em ver a mãe do outro lado da rua. Ela estava atrás de um carro e acenara-lhe. O coração da criança enchera-se de cor e felicidade. Pretendia retribuir o aceno num agitado erguer de mãos, quando, dentro do carro, vira o rosto impaciente e alarmado do ex-vizinho. Então, acabrunhado, olhara uma última vez para o rosto de D. Cristiana e fechara a janela até perceber que o carro havia ido embora. Fora, de fato, a última vez que a vira.

A custo, o menino ergueu seu corpo marcado. Trôpego, retornou a janela e admirou a macieira por muito e muito tempo.

As maçãs balançavam: doces, vermelhas, suculentas.

Escutou barulhos vindo daquela casa e escondeu-se por trás da veneziana. Através das frestas, viu o garoto do lado sair com o pai a caminho da escola. Sorriam de um assunto qualquer. As roupas do menino eram limpas; seu aspecto, vistoso. Lembrou a Cristiano uma das maçãs. Pai e filho entraram no carro e sumiram ladeira abaixo, sob a luz da manhã.

O derradeiro amanhecer de Outono.

Cristiano não foi estudar nesse dia. Sua atenção prendeu-se novamente à árvore.

A macieira.

E percebeu.

E decidiu-se.

O pai demorou a retornar naquele dia. Sem remédio. Sem comida. Dormiu pesado para esquecer.

O restante do dia passou numa lentidão de sonho.

A tarde findou.

A noite chegou.

Era o término da madrugada quando Cristiano levantou-se da cama.

Dessa vez, o menino não chorara para o travesseiro.

Ele foi sorrateiro até o quintal, junto à árvore encarquilhada. Acariciou a aspereza de seu tronco e a fragilidade quebradiça de seus galhos. Tão recurvada. Tão triste. Tão sem propósito. Sentiu pena por ela. Inspirou

profundamente, trazendo a friagem da noite e o aroma da macieira para dentro de si.

O silêncio seria completo não fosse o vento na copa da árvore do vizinho fazer seus ramos farfalharem.

Apanhou a escada e encostou-a ao tronco da velha árvore, a sua árvore. Subiu. No último degrau, percebeu a claridade do sol ensaiando brotar no horizonte.

O amanhecer do primeiro dia de Inverno.

Novamente, o vento agitou a macieira do vizinho e, mais uma vez, Cristiano encheu seus pulmões do frescor do orvalho. Os braços curtos e finos arrepriaram-se.

— Obrigado — agradeceu.
Era isso o que ele desejava.
Era isso que ele queria.
Queria o alento da brisa.
Queria sentir o calor da aurora.
Queria ser a doçura tenra das

maçãs.

As maçãs sob o sol da manhã.

As maçãs que o garotinho diariamente contemplava.

Cristiano decidiu ser uma delas.

Assim, após observar as derradeiras estrelas no céu, fitou brevemente a janela de seu quarto. Em seguida, lançou um longo olhar para o quintal do vizinho.

A silhueta da macieira destacava-se na tênue claridade.

Suspirou.

Amarrou a corda no galho mais alto que suas mãozinhas alcançaram.

Por fim, deu um pontapé na escada para ela cair.

Pendurado na árvore, Cristiano tornou-se seu fruto; suas lágrimas, o orvalho; o grito de seu pai ao abrir a janela, o riso que o garotinho jamais ouvira.

— Cadê você, moleq...

CRISTIANO!!!

A primeira maçã de Inverno.

Vermelho.

Molhado.

Tenro.

Livre.

Foi uma manhã ensolarada como havia tempos não se via: muito azul, poucas nuvens e uma brisa úmida no ar. Bandos de pássaros sobrevoaram as ruas. Ventos fortes espantaram a poeira dos telhados. Roupas secaram depressa nos varais.

Havia a promessa de esperança para as ruas estreitas, tortuosas e sem pavimentação.

O Sol caminhou tranquilo e seguro pelo céu, afinal, reservara o melhor de si para esse dia. Fez brilhar os velhos ladrilhos e as paredes encardidas. Secou o suor e a lama. Trouxe o sorriso para inúmeros semblantes que, por ele, deixaram-se iluminar.

Até para aqueles que sorriram... sem sorrir.

*Encontro mais respostas na penumbra do que à luz do dia.
O que as sombras dizem, a claridade não consegue mostrar.
Uma pincelada em preto-e-branco é direta, rude e pungente,
naquilo que um belo arco-íris pretende tão somente enfeitar.
As silhuetas reveladas pela bruma,
um céu azul não consegue revelar.*

*E é por isso que na única lágrima que principia,
há mais luz do que mil sorrisos pretendem ocultar.*



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br



CAÇADA NO PLANETA DUPLO

Por Roberto Schima

PARTE II

Conto

Leia a primeira parte de Caçada no Planeta Duplo, na edição nº 51

20 - SINAIS DE INTELIGÊNCIA

O carcereiro ficou entusiasmado.

— Uma trilha?

— Sim.

— Uma estrada?

— *Lembrava* uma estrada.

Jonas 01495 esfregou as mãos.

— As coisas que mencionou são interessantes: pedras voadoras, cobras espinhudas. Porém, a existência de vida em Orfeu era de conhecimento geral desde a *Colombo*. Não sabíamos detalhes, a forma, os hábitos, somente que existiam. Mas, agora, estradas...

— Lembrava estrada — repetiu.

Se o homem de uniforme escutou, fez-se surdo. Animado, indagou de supetão:

— Acharam as cidades?

Rodney 00023 franziu a testa.

— "Cidades"?

— Cidades, vilas, aldeias... Dê o nome que quiser. Ah, ruínas, sim, ruínas! Acharam alguma? Artefatos?

— Como assim?

— Claro! Se há estradas, só podem indicar vida inteligente, uma sociedade... Civilização!

O jovem mostrou-se surpreso ante o devaneio e interesse do carcereiro pelo assunto.

— Interessa-se por vida alienígena?

— Deve estar no sangue. Meu antecesor foi um explorador. Eu deveria ter sido também. Tenho sede de aventura. Nesse ponto, dentre as opções que havia, fiz mal em optar pela área de segurança. — Balançou a cabeça. — Aqui, a maior emoção que eu tenho é apartar briga de prisioneiros... Quando garoto, antes de dormir, passava um bom tempo na cama, observando Orfeu do outro lado da janela. Povoava seus mares de tritões, sereias e serpentes marinhas. Imaginava povoados submarinos... Atlântida! E, nos continentes, via homens de seis braços e corpos de cavalo, galopando pelas encostas e praias, guerreando entre si. Eu viajava sem precisar de *somnia*.

Rodney 00023 ergueu as mãos, interrompendo o outro. Foi taxativo:

— Nada de cidades, vilas ou aldeias. Nada de civilização. Sequer ruínas.

O homem mais velho murchou. Seu rosto tornou-se a personificação do desapontamento.

Rodney 00023 arrependeu-se de imediato. Vinha criando um certo vínculo, uma camaradagem dentro das limitações de uma cela, capturado e captor. Destroçar o sonho de infância do outro fora idêntico a dar-lhe um tapa no rosto. Pensou depressa.

— Por outro lado — falou cautelosamente —, há sim vida inteligente em Orfeu.

Viu a reação do carcereiro, enquanto este acendia um cigarro. O rosto iluminou-se.

— Jura?

— Juro. Não vi construções — o que não significa que, em algum lugar do planeta não possa existir —, porém, percebi claramente sinais de raciocínio.

— Como? Quando? Conte!

— É o que pretendo fazer. Só peço mais paciência. Eu disse: sou metódico. Preciso começar do começo, senão eu me perco.

— Tudo bem, tudo bem. Fale!

— Vou falar.

O homenzarrão fardado deu um largo sorriso, exibindo o amarelado de seus dentes.

21 - A GRANDE REVOLUÇÃO CIBERNÉTICA

Não sei dizer ao certo por quanto tempo caminhamos por aquela trilha.

Não havia nenhum desvio lateral ou encruzilhada.

Avançávamos sempre em frente. Só de vez em quando a trilha mudava de direção por causa de uma árvore de tronco particularmente largo — quando digo largo, refiro-me a algo de cinquenta metros de diâmetro para mais — ou alguma formação rochosa.

Eu podia sentir os vegetais a nossa volta, seus apêndices, galhos, tentáculos, folhas serrilhadas, pedúnculos, estruturas em espiral. Moviam-se todos lentamente, ora numa espécie de bailado, ora desordenadamente. E sempre o burburinho e o sentimento de ser vigiado. Embora eu não possa provar, acredito que aquelas coisas comunicavam-se entre si, cochichando sobre nós, tramando, planejando...

Embrenhamo-nos cada vez mais para o interior.

Eu não estava gostando nada daquilo.

Se as plantas cismassem de fechar a trilha atrás da gente e sobre nós...

Eu continuava atento, mas tudo era suspeito.

Não era bom pensar demais.

A imaginação poderia facilmente voltar-se contra mim.

Ergui a cabeça, procurando enxergar o arco de Eurídice. Não consegui. As copas mais elevadas — setenta, oitenta metros de altura — obstruíam minha visão. Às vezes ocorria o que eu temia, os ramos de um lado entrelaçavam-se aos do outro. Divisei tão somente a claridade leitosa do nosso planeta e uma porção de estrelas brilhantes. Relembrei meu estúdio, a centenas de milhares de quilômetros. Quase desejei estar lá. Todavia, meu rosto envelhecido e de barba por fazer — na verdade, o rosto de Vinte e Dois — surgia de tempos em tempos feito um fantasma. E eu esforçava-me por afugentar o temor e a fadiga diante da misteriosa jornada.

Subitamente, como se lesse meu pensamento, o brutamontes perguntou:

— Como é ele?

— Quem?

— O clone... Seu irmão. Fale-me algo dele.

Busquei na memória aquilo que sabia a seu respeito ou, pelo menos, o que ele me deixara saber.

— Pense em mim dezoito anos mais velho; rugas na testa, no canto e sob os olhos. Cabelos grisalhos e em desalinho. Em vez da pele pálida, amorenada de sol e mais seca. Mas, principalmente, um comportamento mais ativo, desinibido e boa conversa. Ele vestia-se de um jeito desleixado, largado. Vinte e Dois não se incomodava em fazer a barba todos os dias e gostava de uma cerveja bem gelada.

— Ou seja, tudo aquilo que você não é...

— Pode-se dizer que sim.

— Hum, acho que me daria bem com ele. E ele gosta de pegar na brocha também?

Calei-me, encarando Petrus, embora seu rosto não fosse visível naquele momento devido ao reflexo de Eurídice no capacete. Precisei dobrar o pescoço para trás, dada a sua altura. Foi um atrevimento de minha parte, todavia, estava exausto, imundo, os nervos a flor da pele, medroso até os ossos. Um mínimo de dignidade seria bom.

Ele poderia esganar-me e exigir uma resposta. Felizmente, o gigante ruivo foi condescendente dessa vez e, ao contrário de sua grosseria habitual, disse:

— Ei, moleque, eu não falei por mal. Foi só o meu jeito. Ele pinta?

Saturara-me fazia tempo da estupidez do caçador, contudo, ele detinha a faca e o queijo na mão. Eu precisava dele, e o contrário... Inspirei profundamente, aceitando aquilo que era o melhor que ele poderia fazer em se tratando de um pedido de desculpa, e, enquanto respondia a sua dúvida, recomeçamos a andar.

— Não, ele não pintava. Nossa série fora criada para serviços leves atrás de uma tela, de uma escrivadinha, de um computador ou num laboratório. Vinte e dois foi programador de computadores. Era fascinado pela história da Grande Revolução Cibernética.

— Foi há muito tempo.

— Meio milênio. Para ele, fora um imenso desperdício terem desativado todos os autômatos e, principalmente, *Jade*, a inteligência mestre. "Era uma outra forma de vida", falava. Conforme ele, *Jade* poderia nos ter auxiliado muito

na colonização. Calando *Jade*, perdemos contato com as demais astronaves que deixaram a Terra. Não soubemos de seus sucessos ou fracassos. Não dividimos experiências. Paramos no tempo, ou pior, retrocedemos. A história da civilização humana ficou truncada. Agora, séculos depois, ignoramos o conhecimento sobre a construção de autômatos, o funcionamento de sua rede neural, suas diferentes formas e aplicações.

— Havia autômatos militares...

— E para outras aplicações.

— Os modelos militares devem ter sido da hora. Como se chamavam... "Cortez"?

— Esse não era do Conglomerado *Vespúcio*. O nome era de uma série de outro conglomerado, o *Esperanza*, se não me engano. Eram fuzileiros. Nossos fuzileiros chamavam-se "Trovão".

— Como sabe tudo isso?

— Meu irmão ensinou-me a acessar arquivos de modo não convencional.

— Sei. Também aprendi alguma coisa com uns contrabandistas.

— Foi como soube dos "Cortezes"? — indaguei.

Balançou a cabeça negativamente.

— Nas minas. Alguém me contou. Queria ter visto uma dessas máquinas.

— Quem sabe? Mitos mencionam autômatos desgarrados, vagando pelo deserto profundo ou escondidos em grutas.

Petrus ficou quieto por um tempo, na dúvida, pensativo.

— Balela... — falou, enfim. — Acredita nisso?

— Improvável. Depois de tantos séculos sem manutenção ou energia... Mas gosto das lendas.

— E o que tudo isso a ver com seu irmão?

— Vinte e dois sonhava em criar uma nova inteligência artificial. Nada que os dirigentes da colônia incentivassem, mas tampouco atrapalhavam. Não acreditavam ser possível dada a complexidade. As informações sobre *Jade* e os autômatos haviam sido perdidas. Quando muito, ele recuperou fragmentos. Seja como for, ocupava-se disso a título de *hobby*.

— Quer ouvir outro mito?

— Qual?

— O de que o contato com essa *Jade* não está de todo perdido. Há nos meandros da rede traços de sua inteligência. Sua origem seria o mais complexo computador do planeta.

— Vinte e Dois nunca me falou disso. Onde fica esse computador?

— Eu falei, pentelho: é lenda. Seu irmão só saberia se frequentasse o Nível 8. Porém, não deixa de ser interessante pensar. Onde está o melhor computador de Eurídice? Você já se perguntou por que a Metrópole das Dunas se tornou tão avançada? Por que é tão fechada e não compartilha seus conhecimentos e tecnologia?

— Será que...

— É apenas história para crianças. Só jogando conversa fora — disse num tom arrependido. — Mudando de pau pra cavaco, você deu-se conta?

— Conta do quê?

— Durante toda a conversa, referiu-se ao seu irmão no passado...

22 - JEANE

A observação de Petrus, apesar de rude, fora pertinente.

No íntimo, eu já dava Vinte e Dois por perdido.

— E ele parou com o *hobby*?

— Sim — respondi acabrunhado.

— Por quê? — quis saber o brutamontes. — Pareceu-me interessante.

— Meu irmão conheceu Jeane.

— Jeane? Você mencionou esse nome na nave...

— Sim, rapidamente. Ela vivia no Nível 2.

— Nível 2... — assobiou. — Corajosa. Conheço bem. Há muitos foras da lei, fugitivos, gente sem coragem para descer até o Nível 4, mas atrevidos o bastante para burlarem as leis e esconderem-se no labirinto.

— Jeane e Vinte e Dois começaram a relacionar-se.

— Fornicavam.

— Se gosta do termo. Prefiro pensar que se amaram.

— Amor... que bicho é esse?

Juntaram-se sem uma designação legal?

— Se dependessem da lei, não haveria designação alguma.

— Entendo, fedelho... A cabeça debaixo falou mais alto. Ei, cuidado! Essa moita tem espinhos.

Desviei-me daquilo que Petrus apontara. Era enganosa e chamativamente colorida.

O caçador acrescentou:

— Mas...

— "Mas"?

— Toda história tem um "mas".

— Jeane era uma induzida, viciada em *somnia* — respondi. — Vinte e Dois fez o que pôde para afastá-la daquilo, porém, ela dizia que as visões do indutor virtual eram tudo o que tornava o seu dia suportável. Então, numa tarde, Jeane viajou demais. Vinte e Dois encontrou-a

morta na cama: olhar vidrado, afogada no próprio vômito... sorrindo. Ele ficou transtornado. Isolou-se. Não atendia aos meus chamados. Perambulou algum tempo pelos túneis. No final, enfiou-se em seu aposento e não saiu da frente do computador durante meses. Quando o fez, arranjou uma carona e veio para cá.

— Por quê aqui?

Dei de ombros.

— Não sei. Vinte e Dois só me disse que viria atrás de respostas. Despediu-se de um jeito esquisito, como se nunca mais fôssemos nos ver. — Hesitei, antes de prosseguir. — Posso fazer uma pergunta?

— Você consegue deixar de fazê-las? Valha-me!... Faça.

— Não se ofenda. Qual é o "mas" da sua história? Por que deixou de ser minerador?

23 - A HISTÓRIA DE PETRUS

— Por que se tornou pintor? — retrucou o gigante.

— Eu quero dizer... Não existe uma série para formar caçadores ilegais.

Petrus fez uma pausa.

— Quietos! — advertiu.

Pusemo-nos a escutar. Além do burburinho inquietante da vegetação de ambos os lados não ouvimos mais nada de diferente.

Ele prosseguiu.

— Acho que foi só impressão minha.

— O que ouviu?

— Foi só impressão — repetiu. —

Um silvo diferente... Minha história? Você me achou no Nível 4. No começo, pensei em arrancar seus miolos do crânio, sabia? Espremer sua cabeça de

boneca nas mãos para ver quanto aguentava até arrebentar. Já se aventurou alguma vez até as jazidas de vulcanite e petzita do Nível 8?

— Não.

— É claro que não! Se a mocinha tivesse afundado suas mãos de seda naquele buraco, não me faria esse tipo de pergunta. Aquelas profundezas e aquele serviço são o mais próximo que alguém pode ficar do diabo. Somos durões, sabe? Qualquer minerador é capaz de arregaçar pelo menos dez molóides de outras séries, inclusive os da segurança.

Suportamos muito: altas temperaturas, poeira, clausura, desidratação, asfixia, desmoronamentos, trabalho duro, outros colegas... Chegou um momento que pensei comigo: "Esse lugar será minha tumba". Um dia, acabaria sufocado por falha na máscara, devido às explosões, esmagado numa avalanche ou alguém me mataria. O fundo da terra treme demais por causa de Orfeu. Perdi diversos amigos. Tudo o que os dirigentes sabem fazer é substituir os mortos por vivos como quem troca uma meia furada. Nem se preocupam com os funerais. Não somos nada. Sei que não fomos criados para ser instruídos. Apenas houve um momento em que eu disse: basta. Caçar faz-me sentir vivo, livre, desafiador. Os lucros são muito maiores do que eu jamais teria nas minas. E, com tantas armas, nenhum dirigente ou segurança virá encher meu saco, não cara a cara, pois só matam pelas costas.

Então, ergueu-me o indicador em sinal de advertência.

— Não me venha com discursos moralistas sobre a morte de minhas presas. Largo você aqui e agora!

— Eu não ia falar nada...

— É bom! Levo espécimes vivos, porém, se não for possível, eu mato. Não liquidei mais exemplares do que os nossos antepassados fizeram na Terra. Todo homem é um matador — até você —, a questão é dividir entre francos e mentirosos, corajosos e covardes.

Concordei, num gesto apaziguador, guardando minhas opiniões para mim.

— Só me interessa saber do meu irmão — disse.

O enorme caçador limitou-se a grunhir.

Não obstante o exoesqueleto, sentia-me exaurido da caminhada.

Os pés continuavam a afundar alguns centímetros, dificultando cada passo. O ruído desagradável de sucção fazia o estômago revirar.

Num determinado trecho, a trilha voltava a aproximar-se da margem do rio.

Senti alívio ao ver aquele volume de água, sem saber explicar ao certo o motivo. Talvez por deixar a sensação claustrofóbica da floresta.

Naquele ponto, o rio alargava-se e suas águas passaram a fluir de modo pachorrento. Em seu centro, sob o brilho de Eurídice, avistei os contornos de uma ilha de onde se destacavam vários picos tão altos quanto o platô de onde viéramos. Perfuravam uma camada de nevoeiro como pontas de lança em um tecido fino. O brilho do planeta na água formava uma trilha tremeluzente e pensei de novo sobre o quadro que uma cena daquela não daria.

Apontei.

— É para lá que vamos?

— Na Ilha Fantasma? Não, não é lá. Vamos em frente... pela trilha.

— "Ilha Fantasma"?

Petrus ignorou a pergunta implícita.

Isso só aumentou a minha curiosidade. Se eu pretendia sobreviver naquele meio, quanto maiores as informações que eu tivesse, melhor.

— Por que tem esse nome?

— Cacete, pára de fazer perguntas!

Preparei-me para o chacoalhão, porém, ele não veio. Em vez disso, apesar de contrariado, o gigante ruivo falou:

— Você não quer ir até lá.

Senti-me imediatamente inquieto.

Teria percebido um tremor em sua voz? Aquele colosso? O que poderia intimidá-lo?

— Reparou naquele nevoeiro? — apontou.

— Reparei.

— Não é um nevoeiro comum.

— Não?

— Só escute, porra! Aquilo é uma coisa viva. Se observar o suficiente, verá que não é levado pelo vento. Forma redemoinhos por conta própria. Engole as coisas em seu caminho...

Voltei o rosto na direção da ilha. Eu pretendia diminuir o passo, entretanto, o caçador não fez menção alguma de parar — pelo contrário —, assim, um tanto a contragosto, todo dolorido, acelerei o meu a fim de acompanhá-lo.

— Ninguém que pisou lá conseguiu sair — completou. — Felizmente, a neblina permanece naquele lugar, pairando sobre à ilha... feito um fantasma.

24 - EMBOSCADA

A emboscada ocorreu algumas dezenas de metros adiante.

Caiu sobre nós tão repentinamente quanto um relâmpago num pára-raio.

Chamei de emboscada.

O que mais seria?

Foi organizado, deliberado, só esperando uma oportunidade.

As pétalas gigantes ergueram-se do solo lamacento sob o caçador, envolvendo-o completamente.

— Por Zeus... Petrus!

Simultaneamente, centenas de "aranhas" verdes e outras criaturas surgiram das árvores mais próximas, voando, saltando ou rastejando.

— Petrus! — gritei novamente, em choque. — Petrus!

— CACETE! — berrou o gigante.

Eu não podia atirar, receando atingi-lo.

Pude ouvi-lo chutar e socar a coisa.

Eu quis rasgar uma das pétalas através das garras do exoesqueleto. Era dura e levaria tempo.

— Petrus!

— Se eu tiver que morrer, não será na barriga dessa coisa!

De repente, alguns tentáculos rastejaram de dentro da mata. Um deles agarrou uma de minhas pernas. A força era tremenda. Não fosse pelo exoesqueleto, juro que seria desmembrado. Gritei de tudo um pouco. "Feito mulherzinha", diria o gigante ruivo. Outros tentáculos aproximaram-se. O pavor tomou conta de mim. A pressão na perna aumentou. Os dois pares de braços retráteis do exoesqueleto ocupavam-se em atacar as criaturas menores sobre meu corpo. No desespero, atralhei-me todo para reagir. Outro tentáculo enrolou-se na

minha cintura. Demorei a raciocinar, apertar o gatilho de minha arma multifuncional — ajustada na opção padrão, rifle — e, quando o fiz, atirei a esmo. Sorte não haver atingido a "flor" que engolira Petrus. Clarões azuis explodiram diante de meus olhos. Fiquei momentaneamente cego. A floresta guinchava. Várias aranhas despencaram em nuvens de fumaça, coisas rastejantes despedaçaram-se, alguns tentáculos partiram-se.

Do interior de meu capacete, escutei:

— TOOOME!

Pelo canto dos olhos, vi as pétalas estourarem à queima-roupa. O enorme caçador saiu cambaleando, completamente coberto por um muco esverdeado.

— Nojento! — repetiu ele, enquanto tornava a disparar. — Nojento!

Mudara a opção de sua arma multifuncional para microbazuca, mandando o restante da "flor" pelos ares.

Uma forma oculta debaixo do solo aproximou-se. Formava uma onda sob os detritos a medida em que avançava. Essa onda quase alcançava a largura da trilha. Fosse o que fosse, era grande.

Petrus disparou contra ela.

Houve uma nova explosão de matéria viscosa.

Ouvi um rugido gorgolejante de dor.

A coisa se ergueu. Era coberto de filamentos. O corpo achatado e segmentado movia-se por meio de centenas de patas articuladas. Animal? Quem poderia afirmar?

O caçador não pensou duas vezes. Tornou a atirar, alternando a microbazuca com a metralhadora.

O monstro agitou-se no ar. Procurou em vão atacar e escapar. Foi despedaçado em milhares de fragmentos menores, prontamente atacados pelos bichos menores.

Qualquer discricção quanto a nossa presença fora por água abaixo.

Quanto a mim, via-me em apuros. Meus reflexos eram imprecisos, frutos do medo e da inexperiência, embora não precisasse fazer pontaria em se tratando dos projéteis teleguiados. Mais tentáculos apareciam. Agora, meu tronco estava sendo envolvido. Temi que as asas fossem danificadas. Apesar do auxílio dos braços retráteis, as malditas aranhas eram muitas e cobriram-me por inteiro. Pensei em ratos roendo uma batata. De tão apavorado, nem consegui gritar por socorro. Em algum ponto, ouvi uma das juntas do exoesqueleto estalar. Já me considerava morto, estripado, estraçalhado naquele planeta para, depois, servir de refeição para um milhão de criaturinhas asquerosas.

— Ligue as asas, moleque! — gritou Petrus. — Ligue as asas!

Eu suava em bicas. Custei a entendê-lo. Apertei os botões e senti o corpo todo estremecer.

— Isso! — continuou o caçador. — Tire essa bunda do chão!

O dispositivo elevou-me e os tentáculos, ainda presos a mim, retesaram-se. Apesar do traje e do exoesqueleto, gemia de dor. A qualquer momento, minha perna direita seria arrancada. Eu queria estar em meu estúdio, qualquer canto longe daquele pesadelo. Nunca fui um artista de destaque, entretanto, ao pintar, desligava-me da realidade e, principalmente, dos períodos de tormenta em Eurídice. Viajava para o meu mundo interior. Meu

somnia. Quem eu pensava que era? Vinte e Dois estava morto... Morto! Nada mais restara dele. As criaturas do inferno provaram isso. Insanidade a minha acreditar que poderia encontrar um vestígio que fosse de seu paradeiro. Que presunção! Agora, pagaria o preço da arrogância, da burrice. Não conseguia mais gritar, apenas gemer.

Petrus disparou várias rajadas contra os tentáculos.

Senti as explosões propagarem-se dos tentáculos para a minha perna. Vi-me livre... Livre! Por pouco não caí nas garras de outros monstros se Petrus não acionasse seu próprio equipamento e me resgatasse de meu vôo cego. Matamos o restante das criaturas e outros nas redondezas. O perigo maior passara e, dessa vez — eu confesso —, disparava por puro prazer. Queria causar dano, fazê-los sofrer.

A mata toda sibilou. A folhagem estremeceu e zunidos em várias frequências propagaram-se floresta adentro. Sons de troncos se partindo, patas correndo, asas agitando-se, ramagens a farfalhar.

— Morram! — gritei.

Quando, por fim, acalmamo-nos, estávamos rodeados por uma densa fumaça. Para maior segurança, optamos por seguir voando, sacrificando o precioso combustível.

Quando consegui falar, agradeçi-lhe:

— Obrigado.

— Sem discurso moral sobre matar? — provocou.

— De jeito nenhum!

— Nem sobre caçadas?

— Não...

— Todos nós temos um matador dentro da gente. É só surgir uma brecha.

— Grato por...

— Esqueça, moleque.

— Estranho o radar não ter avisado.

— Foi rápido demais. Só emitii os bipes quando eu estava preso. Porra! Isso nunca me tinha acontecido.

Ele não precisava colocar em palavras o restante de seus pensamentos. Ambos sabíamos: eu era um estorvo, uma perigosa fonte de distração.

25 - ESTORVO

Voávamos a média velocidade, seguindo a trilha lá embaixo a qual parecia jamais terminar.

Agora, o burburinho da floresta soava mais alto.

Procurei recobrar meu autocontrole.

— Já estive aqui antes, não é? — indaguei.

O silêncio prolongou-se e eu repeti a pergunta.

Pude perceber a tensão em sua voz.

— Não quero falar sobre isso.

— Mas eu preciso saber! — insisti.

— Minha vida pode depender disso. Esse tempo todo você se comportou como se conhecesse bem a região e soubesse para onde ir. Não diga para eu não fazer perguntas!

Houve uma nova pausa.

Tive receio de ter ido longe demais.

Não seria nada difícil livrar-se de uma pedra no sapado nessa selva.

— Sua vida que vá pro inferno, mulherzinha! Não sou babá. — Rosnou. — Trouxe você aqui, não? Não te devo mais nada. Nada! Se quiser se virar por

conta, às ordens! Se sobrou algo do seu clone está lá embaixo. Vá procurá-lo!

— Mas...

— Vá! Suma!

Não arredei o pé. Dei um tempo, porém, não desisti. Precisava saber.

— Você já esteve nessa região.

Dessa vez, não foi uma pergunta, ao menos, não diretamente.

— Já, já... JÁ! — esbravejou. — Feche essa fossa que chama de boca. A última vez foi mais ou menos há um ano. Íamos colher o maior número de amostras. Um colecionador de Eurudike pretendia pagar uma fortuna. Eu estava endividado por causa da CDF. Se tudo corresse nos conformes, acertaria minhas contas, terminaria a nave e ainda desfrutaria um tempo antes de me tornar caçador independente.

Fiquei quieto, segurando a língua.

O gigante ruivo olhou bem para mim. Bufou e, depois sorriu de dentro do capacete e da barba. Porém, seus olhos não acharam graça.

— Vá a merda, tagarela. Não, as coisas não saíram como planejamos... Pois bem, escute! Será o primeiro a saber. Se abrir o bico, arranco suas bolas!

26 - A EXPEDIÇÃO CLANDESTINA

A nave em que viemos pertencia ao tal colecionador. Sua forma era a de um tridente. Tinha um nome oficial, claro, mas "Tridente do Capeta" foi o apelido que demos.

Levava uma tripulação dos oito homens mais fortes, brutais e destemidos das profundezas: Sony, Diego, Hans, Duke, José, Garganta, Ratisbone e, claro, eu. Todos rebeldes das minas dos Níveis

6, 7 e 8. Todos procurados pelas autoridades, que, não tinham peito para descer e nos enfrentar.

Como agora, era noite quando chegamos. A atividade dos bichos era maior nesse período.

Eurídice não estava no céu. Tava tudo escuro e silencioso feito perereca de virgem. Um ciclone tinha arrasado o lugar dias atrás. Uma neblina rastejava pelo chão da floresta.

Perto do desembarque, comemorávamos por antecipação.

— Vamos fazer fortuna, cambada! — gritou Sony. Era careca e tinha um bigodão que caia-lhe até o peito. Pendurava contas feita de ossos nas pontas. Uma cicatriz cruzava o seu rosto até o queixo. — Ricos!

Diego era o cara do tapa-olho, virou para ele.

— E o que fará com sua grana, Sony?

Tinha perdido a vista esquerda na explosão de uma mina. Uma farpa de quartzo furara seu olho. Ele próprio cuidara do buraco. "Foi como limpar dentro da casca de um ovo", dissera.

Sony virou-se. As contas bateram umas nas outras, produzindo um som seco.

— Vou viver no luxo que nem os maricas lá de cima — respondeu. — Eu mereço. Já você, podia arrumar um olho novo.

— E perder o meu charme? — riu o caolho. — É o que chama a atenção dos rabos de saia!

— Vai se acostumar a boa vida, Sony, e virar maricão também! — falou um terceiro, não lembro quem.

Todo mundo riu.

— Ah, é? — revidou o careca. — Vocês vão fazer o quê? Comprar britadeiras novas para usar nas minas?

— Eu terei meu próprio negócio

— Falei. — Vou ser dono do meu nariz.

— Vai montar um boteco, Petrus?

— perguntou Hans, o albino. Seu rosto era completamente tatuado e o corpo também. Canhoto, trazia no antebraço direito várias marcas, cada uma representando um confronto onde levou a melhor. Era um *sonhador*. Engoliu dois cartõezinhos de uma só vez. Ficou chapado e, depois de alguns minutos, tornou a focalizar os olhos em cima de mim. Hans era desse jeito, capaz de usar as ilusões a seu favor, em vez de ser dominado por elas. — Tô nessaaa... Ei, por que está com duas cabeças?

A voz saiu pastosa. O hálito de capim-limão esparramou-se pelo Tridente do Capeta.

— Nada disso, Brancão. Minha nave está quase pronta. Serei caçador por conta própria. Quem quiser trabalhar pra mim, depois a gente conversa.

A maioria ficou animada, inclusive o albino.

Ergui o punho cerrado.

— Afinal, macho que é macho faz coisa de macho!

Todos socaram o ar e voltaram-se rindo para Sony.

O careca levou na esportiva.

— Qua, qua, qua... Estou me cagando de rir procês. Quando eu estiver montado na grana, uma franguinha de cada lado, apalpando a pele de veludo, quem será o mais macho? Vocês, que só terão outros machos fedorentos ao lado?

— E você saberá o que fazer? — gritou Diego.

— Seus merdas!

Rimos novamente.

Voltei-me, então, para o caladão do grupo.

— E você, Duke, o que pretende fazer? — perguntei.

Os risos terminaram de repente. Duke...

Ele era o mais forte entre os fortes. O mais alto e de ombros mais largos também. Sua altura era de dois metros e dez centímetros. Esmigalhava as rochas mais duras com apenas uma marretada. Dizíamos que injetaram fermento na proveta dele. Sua testa era a de neandertal; o queixo, quadrado feito um pára-choque. Inventávamos de brigar com ele por brincadeira, apostando sobre quem seria nocauteado mais rápido. Eu não vi, mas comentavam que, certa vez, ele perdera a paciência e enfiara o maxilar de um sujeito no cérebro com um único soco. Não gostava de tocar no assunto. Não se orgulhava disso. Era um camarada de poucas palavras, porém, quando o grandalhão resolvia falar, todos prestavam atenção.

E ele falou:

— Vou comprar livros.

O silêncio caiu pesado por um momento.

— O quê? — veio o vozeirão de Garganta mais a frente, atuando como piloto.

— Ouvi direito? — indagou outro; Hans, eu acho.

Alguém engasgou no meio de um trago.

Se Duke dissesse que iria se vestir de bailarina, o espanto não seria menor.

— Livros? — falou Ratisbone. Demorei para guardar esse nome. Seu braço direito e perna direita eram artificiais. Outra perda nas minas. Adorava fumar um estoura-peito e sua

boca fedia tanto quanto seus sovacos. — Livros, Duke?

— É pra ter papel pra limpar a bunda? — provocou José, o espadachim, orgulhoso de seu gene ter uma distante ancestralidade espanhola. — Só perguntando na boa, Duke...

Sorrimos meio de pé atrás.

José sempre fora um desmiolado.

— Livros — repetiu o gigante entre os gigantes, sem sorrir. — Vou estudar e derrubar o governo.

Ninguém fez piada dessa vez.

Havia uma determinação tão forte em suas palavras que isso calou todo mundo.

Rebeliões individuais não era coisa rara, cada um de nós estava lá para provar. Porém, revolução era um assunto pouco comentado até nos níveis mais profundos, tampouco algo a ser dito assim, na cara dura. Os euridicianos que se manifestaram ganharam passagem grátis para o deserto profundo.

— Por ora — falou Sony —, vamos pegar uns bichos e fazer o pé de meia.

Seu indicador acompanhou a linha da cicatriz e terminou numa das pontas do bigode, um gesto que fazia quando estava ansioso.

A Tridente do Capeta pousou em uma área aberta, próxima a floresta...

... Foi o primeiro grande erro.

Garganta gritou de supetão:

— Preparam-se para o desembarque!

Todo mundo se mexeu, colocando seus capacetes e dando uma última verificada no equipamento.

Não havia exoesqueleto...

... Foi o segundo maior erro.

Descemos em meio à neblina.

Pouco tempo depois do último saltar da

nave, ela avolumou-se, tornando-se um nevoeiro denso.

Xingamos, mas não nos preocupamos nesse particular...

... Foi o terceiro.

Planejámos tudo. Pegaríamos o máximo de vida selvagem, viva ou morta, e sumiríamos dali antes que algum satélite não estacionário passasse sobre nossas cabeças. Simples e rápido.

Só que nenhum plano era perfeito.

Não houve oportunidade para um quarto grande erro.

Grotescos.

Os malditos! Atacaram de surpresa, aproveitando-se da noite e da neblina. Não, não era o nevoeiro da Ilha Fantasma, mas serviu para escondê-los da gente.

Mal conseguimos reagir. Não foi um combate justo!

Expeliam uma gosma ácida.

Escutei gritos desesperados.

Meus amigos estavam dissolvendo até os ossos!

O primeiro a ser abatido foi justamente o careca e bigodudo Sony, afoito por fazer fortuna e pegar mulheres. Foi praticamente sugado. Berrou de agonia e tudo o que pudemos ver foi um punhado de gelatina fumegante. Hans, o albino, e Diego, o caolho, perderam um antebraço ou uma perna. A dor e o choque fizeram-nos cair no meio das plantas e sumiram.

O pior foi Duke, o gigante de mais de dois metros, o forte entre os fortes, o revolucionário. Sua força física de nada serviu diante dos grotescos. Enfrentou-os com bravura e abateu um ou outro. Porém, a estatura avantajada, fez dele um alvo fácil. Dois grotescos cobriram ele de uma vez, um de cada lado. Assim, seus ideais de liberdade morreram mal tendo

nascido. Não mencionei antes: ele era o meu melhor amigo.

O espadachim José espetou um dos monstros, ao mesmo tempo em que disparava sua pistola.

A meleca vazou.

Falaram de um cheiro esquisito, depois outro, familiar.

Eu não pude saber, pois mantivera o bloqueador de cheiro ativo.

A coisa não morreu. Achatou-se e esticou-se feito um lençol, depois, avançou.

José e seu orgulho hispânico se foram.

Três sobreviventes alçaram vôo.

Procurávamos alvejar os grotescos do alto, usando explosivos. A porra da escuridão e do nevoeiro não nos deixavam vê-los. Os radares foram inúteis. Toda a floresta agitou-se. Tudo se mexia. Tudo fazia barulho. Tudo confundia...

Os grotescos enfiaram-se mata adentro. Foi inacreditável. No começo, cortaram as árvores como se não estivessem em seu caminho. Elas... derretiam. O terreno limpava, ficando uma trilha enfumaçada, pegajosa e fedorenta.

Uma hora eu gritei:

— Acertei um!

Foi verdade.

A besta explodiu numa bola de luz e consumiu-se no próprio ácido.

— Morre, filho da puta!

— Eu vi — disse alguém.

— É você, Garganta? — Conhecia pouco ele. O apelido era por causa da voz muito rouca, tipo cantor de ópera. "Voz de Macho", gabava-se.

— Sou. Você é o Petrus?

— Isso. Quem mais sobrou?

— Eu — ouvi a voz. —

Ratisbone.

— Ratis... o quê? Hã, Ra-tis-bo-ne... Ratisbone! Ah, o da gargantilha!

— Colar! — corrigiu nervosamente. — Colar de presas de *goblin*.

— São tão terríveis quanto dizem?

— Pra que essa conversa agora, porra?

— Diz pra mim, idiota! — berrei.

— Falar ajuda a colocar a cabeça no lugar.

— Se sairmos dessa, a gente vê quem é o idiota.

— Às ordens!

Garganta intrometeu-se na conversa:

— Talvez por isso o Duke perdeu a cabeça dele, quietão que era.

Fora a primeira coisa a dissolver no infeliz.

— Coitado do desgraçado — falei. — Então, Ratis-sei-lá-o-quê, e os *goblin*?

Ele contou rapidamente, a medida em que sobrevoávamos o lugar e disparávamos.

Plantas eram despedaçadas. Luzes explodiam. O nevoeiro agitava-se.

Pelo que contou, os *goblin* eram criaturas enormes, muito raras — nunca vi um —, cavavam túneis nas rochas abaixo das dunas. Por um lado, facilitava o trabalho de mineração. Por outro, topar com um *goblin* nunca terminava sem morte.

— São bastante perigosos — disse o Ratis-qualquer-coisa. — Mas nada comparado a essas coisas aí embaixo!

— Pode ser — retruquei. — Mas o que matei não fará mais mal a ninguém.

— Vocês escutaram o som daquilo ao morrer? — falou Garganta. — Só eu

pensei no uivo da tempestade? Parecia o grito de milhares de vozes!

— Ouvi. Também lembrei da lenda — disse Ratis. — Um maldito coro do inferno. E o cheiro? Sentiram?

— Ah, você percebeu também? — falou Garganta. — Fedia pra bedéu no início, mas depois...

— É... Era como...

— ACORDEM! — berrei.

Mal tiveram tempo de terminar o papo.

Ouvi os zunidos.

Garganta e Ratis berraram e, em seguida, despencaram.

Algo os acertara.

— Queima por dentro! — berrou o matador de *goblin*. — QUEIMAAA!...

Ouviu um zunido do lado esquerdo, rente a minha cabeça. Acelerei meu vôo. Subi, enquanto projéteis continuavam a surgir de baixo para cima. Dei uma saraivada de tiros no modo microbazuca e tudo o mais que tinha.

Dezenas de explosões ocorreram na floresta.

— FODAM-SE! — gritei um montão de vezes. — FODAM-SE!

Descarreguei quase toda a munição sem enxergar os grotescos.

Os projéteis pararam.

Dera algum resultado.

Esperando ter matado os monstros e afugentado os sobreviventes, localizei o sinal do Garganta e pousei ao seu lado. Fora atingido várias vezes. Tentei erguê-lo. Mas...

Sim. Eram, de fato, pesadelos ambulantes.

O que vi por trás do capacete me fez soltá-lo imediatamente.

O Voz de Macho não possuía mais ossos e *escorreu* entre minhas mãos!

Eu, Petrus, fui o único a retornar à Tridente do Capeta. Mal tive tempo de ativar os controles. A nave foi cercada pelos grotescos, muitos deles. Um pudim gigante. Começaram a subir no casco. Acionei os motores ao máximo. Eu não sabia se o ácido derreteria o metal, nem estava disposto a pagar para ver. A Tridente deu um solavanco e subiu, deixando tudo para trás.

Pentelho, eu tive muita sorte: um dos projéteis fincara-se no meu traje, bem perto da jugular.

Era um tipo de dardo.

27 - O FIM DA TRILHA

— E chega! — concluiu Petrus. — Preciso de água.

Escutei um ruído de sucção. Reparei em seus olhos: brilhavam por trás do vidro do capacete.

Ele falara sério.

Não se tratava de um conto de assombração para me meter medo, como se isso fosse preciso...

Grotescos.

— Agora, você voltou.

— É o que parece, não? Voltei, melhor preparado, espero.

— Não compreendo.

— Não compreende o quê? — foi a vez dele perguntar. — Para alguém de sua série, você não entende muita coisa, não é? Entende, pelo menos, o motivo para fechar a boca?

Ignorei o sarcasmo. Insisti:

— Por que retornou? Depois de tudo que contou, arrisca novamente o pescoço. Para quê? Só dinheiro?

— Pelo jeito, continua sem entender. Burrice maior são das dondocas que, em vez de serem pagas,

pagam para vir junto... Ficou com essa cara de peixe morto por quê? Burrice sim, e das grandes. Acha que encontrará qualquer sobra de seu irmão? Uma sopa? Um mingau? Uma mancha de cuspe? Se as plantas não devoraram tudo, as ondas gigantes e as tempestades varreram há tempos.

— Pare! Como eu ia saber? Não conhecia o planeta. Você não me avisou...

— E perder uma grana a mais? Por que avisaria?

Engoli o xingamento.

— Quais motivos de ter voltado? E o que tem a ver o cheiro?

Petrus voou rapidamente para baixo de mim, pôs-se de costas em relação ao chão e chutou-me na virilha.

— Ei! — senti o solavanco, indo meio metro para a frente. Gritei.

Um calafrio na espinha avisou-me: não fosse pelo exoesqueleto, agora, os testículos estariam no lugar dos olhos.

Petrus tornou a voar mais adiante.

— Avisei! — gritou, e, em seguida, apontou. — Ali!

Engoli meus protestos.

Após um longo tempo, a trilha chegou ao fim.

Na sua extremidade, a floresta terminava abruptamente e cedia lugar a uma ampla clareira cercada por morros rochosos e despídos. Estava banhada por uma luz alva e fantasmagórica numa maciez de veludo.

Pousamos cuidadosamente no cume do primeiro e mais alto morro que alcançamos.

Agora, Eurídice brilhava bem alto no céu, iluminando as bordas das nuvens.

Levantamos dois finos anéis de poeira que rapidamente sumiram, soprados pelo vento do mar.

Era um morro liso, muito sólido e inspirava segurança.

Ficamos ocultos atrás de umas rochas, tendo uma boa visão dos arredores e, conseqüentemente, alertas a quaisquer tipos de movimento.

Sem contar a trilha por onde viéramos, avistei mais cinco ou seis que divergiam do centro formado pela clareira e perdiam-se em diferentes regiões da selva.

Petrus advertiu:

— Arrebento você aqui mesmo se abrir a boca.

Estava tudo quieto. Talvez devido ao sibilar das asas. Talvez a distância que, agora, separava-nos do oceano e do troar da rebentação. O rio também ficara para trás. Ou talvez fosse por causa da presença de algo que amedrontasse os vegetais-animais da floresta.

Apoiei o joelho direito no chão, arrependendo-me de imediato. Ondas de dor se esparramaram, voltando a concentrar-se no cérebro. Gemi. Sentia-me frustrado e furioso. "Mingau"? Minha vontade era a de gritar o nome de meu irmão e sumir dali. Completa estupidez, bem sei. Havia tempos, qualquer esperança de encontrá-lo esvaíra-se. Nem sei o que fazia. Deveria ter retornado à nave e aguardado pelo caçador. Paradoxalmente, o silêncio que traria alívio deu-me nos nervos.

Hesitei um instante, pensei e, no final, comentei sem efetuar uma pergunta direta, como se pensasse em voz alta:

— Parece um local de encontro. Os caminhos terminam aqui.

— É... — concordou Petrus, mordendo a isca. — Nunca me embrenhei tão fundo na floresta. Não é preciso ser gênio para perceber que esse lugar tem importância. Vamos aguardar.

Assenti, aliviado, não acreditando ter conseguido chegar até ali. Estava morto de cansaço, morto de medo, morto de morto. Uma pausa era mais que bem-vinda.

— Tomara que não leve muito tempo — disse o caçador consigo. — Onde terão se metido?

Por mim, que não viessem nunca.

Ele não esperava resposta, porém, apesar de sua ameaça, não me contive.

— Caçando, talvez. Cedo ou tarde, surgirá algum.

— É com isso que estou contando.

Permaneci sentado, procurando recobrar as energias. Precisava digerir melhor o aterrorizante relato de Petrus sobre seus amigos e os grotescos. Meu coração insistia em pular dentro do peito. A tremedeira tomava conta de meus membros. O medo e a dor faziam coisas estranhas. O puro horror, então, nem se falava. Talvez por isso que, na hora e meia seguinte, eu simplesmente... adormeci.

28 - AGUARDANDO A PRESA

Uma hora e meia depois de havermos chegado, o vento continuava a soprar.

Por haver acionado o bloqueador de cheiro do filtro, eu não podia sentir seu frescor. Se por um lado isso era ruim, por outro, poupou-me dos odores da floresta, particularmente da trilha pantanosa, composta por matéria morta. Imaginei um fedor nauseabundo, enjoativo, a penetrar pelas narinas feito um rato entranhando-se num pedaço de queijo.

— Bem-vinda, Bela Adormecida — falou Petrus ao ouvir-me bocejar.

— Ficou tudo bem?

— Não graças a você...

Passei os momentos seguintes verificando meu traje, o exoesqueleto, a arma multifuncional, minha mochila, constatando estar tudo em ordem. Só havia um amassado aqui e ali no exoesqueleto — tributo aos criadores da liga metálica —, mas os quatro braços retráteis nada sofreram, apenas limpei a sujeira das aranhas. Revisei os manuais em minha tela interna do capacete. Eu havia gasto muita munição, mas o restante — esperava, sem querer pôr em prática — seria suficiente para arrasar quaisquer grotescos e uma mata traiçoeira. Posicionei a perna direita da melhor forma a fim de amenizar a dor.

Os minutos passaram lentamente sem que nada acontecesse.

Vimos bandos luminescentes sobrevoarem a região. Ao contrário das pedras voadoras, seguiram seu caminho.

Petrus instalara um sensor de movimento direcionado para a clareira. Ainda assim, às vezes, debruçava-se sobre o rochedo, faces tensas, buscando por algum sinal. Não repousara. Demorou a relaxar. Sentou-se e ficou quieto por algum tempo, olhar perdido na direção de uma cadeia montanhosa. Supus que pensasse nos companheiros mortos. De repente, principiou a falar, talvez tão nervoso quanto eu em relação ao silêncio. Começou a contar algumas histórias de caçador.

Eu não saberia distinguir a verdade do exagero, a fantasia da realidade, tampouco importava.

E Petrus tachava-me de tagarela...

— ... e o búfalo blindado da Floresta de Pedra avançou a todo galope,

enfurecido pelo arpão que cravara em seu lombo, no vão da armadura. Um bicho arretado... Valente até o fim. Faria o seu fi-o-fó arrepiar-se todo! Deu gosto enfrentar um animal daquele. Já viu um?

— Não.

— Nunca?

— Nunca.

— Ah, por que não estou surpreso? Os búfalos blindados têm oito patas em forma de disco para não afundarem nas dunas. Meu búfalo apontou sua coroa de chifres pra mim. Vi as chispas. Ela estava carregada de eletricidade estática e faíscas pulavam de um chifre para o outro. Só o choque derrubaria qualquer um. Avançou a todo galope. No último momento, desviei-me e ele atingiu um rochedo. A fera chacoalhou a cabeça e preparou-se para uma nova investida. Eu não conseguiria desviar-me a vida toda. O controle do arpão tinha caído e afundara na areia. Decidi. De repente, corremos um na direção do outro. Foi questão de segundos. Cai de joelhos, cavei a areia, alcancei o controle e girei o dial. O búfalo já estava a uns cinco metros de mim; sofreu um curto-circuito e desabou, sistema nervoso em colapso. O corpo arrastou-se alguns metros. Seus chifres pararam a um palmo da minha cara... Um palmo! Se eu tivesse cavado no lugar errado...

— Escapou por pouco.

— Verdade, pivete. No final, tive dó de abatê-lo. Uma criatura formidável vencida por uma pequena descarga elétrica. Pus minhas luvas e serrei seus chifres para vendê-los no mercado negro. A cauda bifurcada e a língua também renderam. Mas eram os chifres que contavam. Diziam ser seu pó afrodisíaco...

— Tenho uma dúvida. Posso fazer uma pergunta?

— Acabou de fazer.

— Eu... Hã... Duas perguntas, então, *senhor*.

— Para variar... Você não desiste! Deve ter nascido fazendo perguntas: Por que me bateu na bunda? Por que tenho que usar fraldas? O que tem na mamadeira? Por que meu cocô fede? — Soltou uma gargalhada. — Vixe! Pior que mulherzinha! E o diabo é que estou quase — eu disse "quase" — me habituando, e não sei se gosto disso. Anda logo, desembucha!

Em vez d'eu me sentir ofendido, acabei rindo.

— E quanto ao resto do corpo do bicho?

— Não houve desperdício, se é o que quer saber. A carne alimentou-me durante semanas e a outros também.

"Menos mal", pensei. Falei:

— Tem sorte de estar vivo.

Ele sorriu, porém, não havia alegria em seus olhos.

— Nesse caso, sorte teve pouco a ver. Determinação, foco e experiência fizeram a diferença.

Supus que os amigos dele, durões que eram, também tivessem determinação, foco e experiência, no entanto... Dei uma rápida olhada nas trilhas abaixo. Continuavam desertas.

Petrus hesitou um momento e, depois de refletir, acrescentou:

— Mas eu tive sorte, digamos, quando encontrei uma escultura na Ravina da Perdição.

Franzi o cenho.

— Escultura?

— Pois é. Lembrei-me disso enquanto você falava de seu irmão. Fiquei na dúvida se deveria contar ou

não. Mais tarde houve a cilada das plantas e deixei pra lá. Acho que gostará de saber... A Ravina fica na altura do equador, no deserto profundo. Ninguém vive por lá. É terra de ninguém. Eu procurava algumas aves de areia. Diziam viver nas fendas dos penhascos. Sequer um ninho achei. Contudo, no fundo de uma das cavernas nos pináculos, lá estava a estátua. Quem teria feito? Por que ali? Pesava toneladas. Retirei a areia que a cobria. Estava tombada e partida em vários pedaços. Havia pouca luz além daquela presa a minha testa. Olhei... e não acreditei. Quase morde a língua.

Fez uma pausa.

Impaciente, reclamei:

— Conta logo!

— Não era de uma pessoa. Nem de animal...

Eu começava a pensar em outra civilização. Não em Orfeu, conforme você pensou, mas aqui mesmo, em Eurídice! Uma civilização não humana, de habitantes originais do planeta antes de chegarmos. Contudo, Petrus atirou-me um balde de água fria. Mas não foi de todo uma decepção... Não foi decepção alguma.

— Era a estátua de um autômato!

Fiz uma careta, incrédulo.

— Autômato? Sumiram há séculos! Por que alguém faria a estátua de um deles? E como sabe?

— Não é preciso ser tão esperto para adivinhar o que seja a figura de uma máquina, mas de contornos humanos. Era um autômato.

— Mas por que...

— Recorda-se do que falou das lendas, moleque? Dos autômatos desgarrados? Pois acredito que alguns fugiram para a Ravina da Perdição,

montaram um refúgio nas cavernas e esculpiram a estátua.

— Não é possível!

— Dei uma geral no interior da caverna até onde pude. Não encontrei nenhum pedaço de autômato, placa de circuito ou couraça. Porém, as paredes na parte mais larga tinham sido raspadas, arredondadas. Formavam um tipo de salão com a estátua no centro. Acredito que foi obra de autômatos. Quem sabe, a estátua representava um autômato de destaque entre eles.

— Falou que não acreditava na lenda, que era tudo balela!

— Por que entregar o ouro de uma vez? Além do mais, de concreto, só a estátua. O resto não passa de teoria minha, palavras ao vento... balela. Meus suprimentos estavam no fim e precisei voltar para a colônia.

— Em que parte da Ravina fica a caverna?

A Ravina da Perdição abrangia milhares de quilômetros.

Ele sorriu ironicamente.

— Não vou entregar o ouro de mão beijada. Se quiser saber, terá que ir lá comigo, sob meu comando. Agora, você também é um criminoso. Porém, sendo da série que é, onde buscará refúgio? Sozinho, será morto nos níveis inferiores.

Até então, eu não pensara a respeito de meu futuro após Orfeu.

Petrus continuou:

— Quer saber mais? Antes de sair de lá escutei uns ecos diferentes. Não eram de meus passos. Pareciam batidas de metal.

— Impossível! Foram séculos! Sem manutenção. Sem reposição de peças...

— Só estou contando o que vi e ouvi.

— Deveria ter contado aos arqueólogos ou retornado lá para verificar melhor.

— Sabe quantas cavernas existem na Ravina? Milhares! Pensei de voltar algum dia, mas, por enquanto, não podia trocar o certo pelo duvidoso. Quanto aos arqueo-sei-lá-o-quê, autoridades e o diabo-a-quatro... Vão pro inferno! Tomariam tudo para eles. Quem sabe, a gente não descobre a verdade?

— Não tenho espírito de aventura. Sou um empecilho.

— Até um calo no pé tem utilidade. Seu irmão iria gostar.

A menção a Vinte e Dois trouxe-me de volta a realidade. A contragosto, deixei os autômatos de lado.

Algo intrigava-me. Nas palavras de Petrus, mudei de pau para cavaco.

— Vou pensar. Quanto aos grotescos...

— O que tem eles?

— Eu li um texto decodificado.

Um antigo caçador descreveu-os como criaturas pavorosas, porém, tímidas. Mas, pelo que me contou há pouco, dá a entender que são ousados e agressivos. Eu diria quase inteligentes.

Petrus afiava um facão cuja bainha ficava na perna. Sem interromper o que fazia, falou:

— Ouvi sobre essa mensagem.

Acho que não se trata dos mesmos monstros. Talvez seja uma espécie parecida de comportamento diferente ou diferenças dentro da própria espécie.

Repentinamente, ouvi algo dentro do capacete.

O caçador também percebeu.

Disse:

— O sensor de movimento!

Fiquei completamente tenso.

O gigante ruivo consultou seu radar. Não distinguiu nada.

— Será... — sussurrei.

— Pssiiuuu!

O murmúrio da floresta retornou.

As copas das árvores moverem-se a semelhança de uma plantaçã hidropônica sob os ductos de ar. Era difícil definir uma direção. Todavia, não foi necessário depender do radar ou do sensor. Observando detidamente, reparamos que havia uma harmonia naquelas ondulações. Portavam-se feito um corpo de dança, abrindo passagem para alguma coisa, balançando, afastando-se, revelando...

— Por Zeus! — exclamei, sem acreditar em meus olhos.

Meu coração falhou uma batida.

A tremedeira retornou, incontrolável.

Senti a bile disparar em direção à boca.

Eram eles:

Os pesadelos ambulantes...

... Os grotescos!

29 - SEDE DEMAIS AO POTE

A voz exageradamente grave emergiu através do filtro acústico:

"... E o que tem a ver o cheiro?..."

Na pequena sala secreta do presídio, cravada no subsolo, o homem de ventre saliente, esmurrou o encosto da cadeira de seu subordinado.

— MALDITOS VAGABUNDOS! — gritou a plenos pulmões.

Os ecos reverberaram por algum tempo nas grossas paredes.

O homem sentado diante dos monitores e painéis estremeceu.

Não era comum o outro perder as estribeiras. Geralmente, a frieza ditava seus atos, meticulosamente calculados, fossem eles quais fossem. Tudo e todos não passavam de instrumentos ou trampolins em sua ascensão. Já fora um Dirigente Supremo da Cidade de Areia, experimentara nas mãos o poder quase absoluto, e gostara disso. Pretendia voltar a qualquer preço... e mais.

— Eu ouvi direito? — prosseguiu.
— O detento fez menção a "cheiro"?

— Sim, senhor. Os caçadores ilegais sentiram o odor durante a luta que travaram em Orfeu.

— Vagabundos! Isso é o que eles são... VAGABUNDOS! Sabe o que isso significa, não sabe?

— Creio que sim, senhor.

— Bem como as suas implicações perante as outras colônias, especialmente os setentrionais.

— Sim, senhor.

O homem de terno marrom passou a andar de um lado a outro no recinto pouco iluminado. Cerrara os punhos até os nós de seus dedos perderem a cor.

"Algum dia isso iria acontecer", refletiu. "Algum dia... Mas tinha de ser agora, tão perto de meus objetivos? Por que não na geração seguinte? Não bastou aquele comunicado imbecil do Rousseau 00033? Droga! Estou perto, muito perto. Preciso de meu exército particular, falta pouco para o laboratório concluir sua série. E esses caçadores... Vagabundos miseráveis! Pelos menos, foram mortos, destroçados, dissolvidos... E já foram tarde! Poupe-me bastante trabalho. Por causa da oposição, está cada vez mais

difícil explodir naves em vôo ou soterrar os níveis."

Serviu-se de mais café amargo, mal sentindo o gosto. Continuou seu vai-e-vem por mais alguns minutos. Vez ou outra, observou numa das telas o prisioneiro e o homem fardado, odiando-os. Então, mais senhor de si e procurando ser autocrítico disse:

— Fomos com sede demais ao pote. Nossa euforia nos fez descuidados. Agora, a sujeira terá de ser lavada o mais depressa possível antes que respingue para todos os cantos.

O homem sentado girou sua cadeira. Não saberia dizer quando temia mais seu superior: ao agir friamente ou no impulso da fúria. Esforçando-se por soar neutro, perguntou:

— Quais suas ordens, senhor?

O homem de terno marrom respirou fundo e ajeitou o paletó. Falou:

— Envie-me relatórios minuciosos dessa gentinha: Petrus, Sony, Diego, Hans, Duke, José, Garganta e Ratisbone. — Sua memória era prodigiosa. — Eu sei que são pseudônimos. Investigue. Autorizo-o a contactar nossos informantes nos níveis inferiores, bem como o acesso a todos os arquivos. Não deve ser tão complicado peneirar algo, principalmente sobre o tal de Duke, dado seu porte. Descubra o que puder sobre a Tridente do Capeta e o colecionador de Eurudike, embora fuja de nossa jurisdição. Certamente a nave foi desmantelada, contudo, isso deve ter acontecido em algum lugar. Quero saber em qual desmanche, o que sobrou e onde foram parar seus computadores!

— Entendido! — Voltou-se para o painel e passou alguns comandos.

— Também verifique o que temos sobre a Ravina da Perdição: topografia,

localização das cavernas, relatório histórico de expedições, mapas 3D. Tudo. Fiquei interessado na tal estátua. Tampouco me esqueci da menção à inteligência artificial, *Jade*. Veja se nossos programadores detectam traços de raciocínio próprio na rede.

- Farei o possível, senhor.
- O impossível igualmente.
- Sim, senhor!
- Investigou o diretor?
- Investiguei, senhor. —

Apanhou um minúsculo cristal de memória, entregando-o ao outro. — Está tudo aqui... E tudo é como se fosse nada.

- Explique.
- Não há nada de

comprometedor. Seu prontuário e as informações sobre sua carreira são irrepreensíveis. O pouco tempo reservado à vida privada é rotineiro e sem máculas. Nunca recebeu uma multa. Nunca foi usuário do *somnia*. Não há queixas de qualquer natureza. É portador de títulos, diplomas e condecorações. Como sabe, senhor, ele está sendo fortemente cotado para ser um dos próximos dirigentes.

O homem em pé pestanejou.

— Eu sei. Nossos inimigos estão mexendo os pauzinhos. Se não há nada que o recrimine, forjaremos. E, se não der resultado... Infelizmente, o diretor adoecerá por intoxicação alimentar, o que o levará a óbito. Providencie.

— Sim, senhor.

— Ah, e o quarto do desaparecido, Rodney 00022, passaram o pente fino como ordenei?

— Sim, senhor, trouxemos tudo

— confirmou, e, sem conter o alívio. — E encontramos o mapa!

— Muito bem.

— Todo o material foi escaneado e encontra-se no cristal, senhor, bem como dados sobre o desaparecido e sua companheira autodenominada Jeane.

— A vagabunda! E quanto aos...

— Os dois satélites foram devidamente reposicionados, senhor.

O homem de terno marrom fitou seu subordinado. Ficou admirado. Nenhum questionamento. Nenhuma contrariedade. Eficiência. Aprendia depressa.

"Bom para mim e para o seu pescoço."

Apesar dos novos contratemplos, se as coisas corresse no mesmo ritmo e resultado, tudo acabaria bem. Cansado, só desejou retornar ao seu aposento particular, deitar-se no sofá e ingerir mais um cartãozinho de *tutti frutti*. Sentia-se curioso por saber que nova e maravilhosa visão o indutor virtual lhe traria.

— Ótimo! — disse. — Quisera ter outros como você. Qualquer novidade, avise-me.

— Certamente, senhor.

A abertura oculta na parede apareceu, contudo, antes do homem sair, virou-se e acrescentou:

— É bom que entenda. Antecipar os passos é chegar à frente na linha de vitória. Eventualmente, você assumirá o meu lugar. É o destino de sua série. Veja. Ouça. Aprenda. Aplique.

Pela primeira vez, a questão da sucessão era mencionada.

O homem na cadeira não soube o que dizer.

A abertura fechou-se.

Do outro lado, o homem de terno marrom caminhou até o monotrilha que o levaria ao seu aposento.

Uma lâmpada solitária iluminou a tatuagem na base de sua nuca. Lia-se:

"SIBA 00171 - @10D08m19"

O ex-Dirigente Supremo da
Cidade de Areia.

30 - O MAIOR SEGREDO DE ORFEU

Petrus virou-se para mim, furioso.

— CALE-SE!

— Desc...

— O que eu faço com você?

Deu-me um tapa no braço e fez
um sinal abrupto, exigindo silêncio.

Eu não pudera evitar. Não diante
daquilo.

Apesar da história horripilante que
ele me contara e apesar da radiofoto mal
tirada, não estava preparado para ver o
que surgiria da floresta.

Pesadelo ambulante fora um nome
tão apropriado quanto grotesco.

As criaturas saíram pelas laterais
das trilhas e seguiram por estas,
convergindo para a clareira.

Assemelhavam-se a montes de geléia
esverdeada, translúcidas, emitindo névoas
esbranquiçadas. Moviam-se a princípio
sozinhas e, já nas trilhas, uniram-se em
grupos de quatro ou cinco, lado a lado,
parecendo até trocar material plasmático
entre si. Cada vez que uma delas na
extremidade tocava em um galho ou
arbusto, este se desfazia num como
parafina à alta temperatura. O vegetal em
questão gania e contorcia-se de dor,
afastando-se o máximo possível do
caminho da abominável procriação.

Como seria o contato dessas
coisas em um ser humano? Rostos e
corpos derretendo numa agonia
indescritível, sendo consumido,

absorvido. Uma visão não privilegiada do
inferno.

Pela forma como se tocavam e
fundiam-se, não dava para dizer se se
tratavam de indivíduos distintos ou de
uma imensa criatura coletiva, capaz de
dividir-se em porções menores, ainda
que, por "menor", se tratasse de algo cujo
diâmetro oscilava em torno de cinco
metros. Centenas ou milhares de
filamentos de uma polegada de diâmetro
pendiam de seus corpos, cada qual
mexendo-se de um jeito diferente. Seria
através deles que disparavam os tais
projéteis?

Observava os grotescos num
fascínio mórbido. Um lado de mim — a
maior parte, quero crer — desejava
desviar a vista e enfiar a cabeça num
buraco, entretanto, o outro prosseguia
olhando, hipnotizado, sádico e
aterrorizado. Essa dúbia atitude
assemelhava-se a das pessoas que se
amontoavam diante de uma tragédia:
lastimosas, chocadas, mas, fofoqueiras,
procurando não perder o menor detalhe.
Medo e repulsa fundiam-se a uma
irracional curiosidade. Meu estômago
revirava-se e receei vomitar dentro do
capacete. Devia ser uma das piores
experiências dentro de um traje espacial,
perdendo somente para a disenteria.

Aquelas medusas ácidas não
tinham um contorno fixo; ora se
expandiam, ora se contraíam em uma
pulsção irregular. Percebi, porém, que,
quando um grotesco fundia-se a outro, as
pulsções de ambos entravam em
cadência, a exemplo das células de um
coração ao tocarem-se. Aquele
protoplasma — ou fosse o que fosse —
era salpicado por manchas coloridas que
ora diminuía, ora inflavam,
independentemente das expansões e

contrações do corpo todo. Lembravam-me manchas de tinta num copo d'água.

Os grotescos continuaram a emergir da mata de três trilhas diferentes e juntavam-se em grupos, um grupo atrás do outro. Eram vários, muitos. Demorou até a mata acalmar.

De que maneira Petrus pretendia capturar um deles?

Os montes de geléias foram chegando e alterando as suas formações no centro da clareira. Compuseram círculos concêntricos, ficando os primeiros no meio. Simultaneamente, passaram a caminhar nesses círculos, no sentido horário. Não entendi o significado daquele comportamento. Os círculos foram girando e girando, fechando e fechando. Mais trocas de materiais foram ocorrendo, tanto lateralmente quanto dos grotescos dos círculos interno e externo, até todos eles fundirem-se numa só massa gosmenta, exalando vapor. Tornaram-se um único ser, um gigantesco disco gelatinoso a ondular sob a luz esmaecida de Eurídice, agitando seus repugnantes filamentos.

Ergui as mãos para o caçador, numa indagação muda.

Petrus respondeu com um erguer de ombros. Tampouco compreendia o que estava se sucedendo.

Uma névoa esbranquiçada elevava-se do solo até quase o topo do morro onde nos encontrávamos.

Estreitei os olhos e apontei.

Petrus observou e assentiu.

Ao menos parte da neblina era gerada pelos grotescos. Outra vinha da matéria morta. A restante devia-se ao vapor d'água daquele planeta dominado pelos oceanos.

Será que foram os grotescos que criaram intencionalmente o nevoeiro

quando Petrus e seu grupo apareceu? Se foram, teriam feito isso propositalmente para confundi-los? Planejamento? Inteligência?

Agradei intimamente pelo filtro. Ele impedia a percepção de qualquer odor.

Porém, malgrado a mãe das coincidências, escutei um sussurro no interior do capacete.

— Está sentindo?

— O quê?... Medo? Muito!

— O cheiro, mariquinha... O cheiro!

— Não quero sentir fedor algum.

Bastava-me meus próprios odores corporais no interior do traje.

Petrus virou-se para mim.

— Seu bloqueador de cheiro está ligado?

— Claro! Mais de uma vez estive a ponto de vomitar.

Olhou-me como alguém cujo mascote acabasse de urinar na cama.

— Desligue o bloqueador um instante — mandou.

— Por quê?

— Obedeça.

Minhas entranhas, antevendo o perigo, protestaram.

— Não quero sentir a fedentina!

Petrus calou-se. Cautelosamente, chegou mais perto.

Senti a pressão de sua mão enorme e da garra do exoesqueleto em meu braço. Virei-me para ele. Tornei a ouvir sua voz:

— Desligue ou arrancarei seu capacete. Trata-se do maior segredo deste lugar diabólico. Da vez anterior, quando meus companheiros foram mortos, eu acionara o bloqueador também. Assim, a princípio, eu não percebi. Um dos dardos dos grotescos

danificou meu filtro. Então, eu reconheci: adocicado e penetrante feito uma cueca imunda. E soube. Toda a desgraçada história deste sistema solar fez sentido: o sofrimento nas minas, a sede, a fome, a doença... Tudo.

— O quê?

Ele não respondeu. Tirou sua mão de meu braço e colocou-a no topo da minha cabeça.

Relutante, ainda pensando no tumulto em meu estômago, obedeci.

"Cueca suja"? "Sofrimento"?

Petrus insistiu:

— Só por um momento desligue o filtro, depois, pode tornar a acioná-lo.

Ainda hesitei.

A pressão de seus dedos aumentou.

— Deixe de ser cagão uma vez na vida! — desafiou.

Fiz conforme mandou. A princípio, prendi a respiração.

"Não vomite! Não vomite! Não vo...", repeti a mim próprio.

Em seguida, inspirei muito lentamente.

Sim, havia um cheiro pútrido naquilo, oriundo da floresta e do terreno esponjoso das trilhas.

Tossi, repugnado.

Xinguei em pensamento todas as gerações de Petrus.

"NÃO VOMITE!"

Porém, reparei em algo mais, um odor leve a princípio que, de repente, sobressaiu-se.

O contraste era flagrante.

Espantado, arregalei os olhos ante o reconhecimento.

Petrus, vendo minha expressão mudar do nojo para o assombro, murmurou:

— Tantas mortes dentro de um sorriso...

E eu falei:

— Capim-limão!

31 - AGITAÇÃO

O ex-Dirigente Supremo, Siba 00171, não se encontrava nesse mundo.

Uma dosagem tripla de *somnia* levava-o a um paraíso multicolorido cercado de riquezas, luxo e muitas mulheres. Sua mulher e filho não estavam presentes conforme caberia a uma boa "viagem". Ele desfrutava de todos os atos libidinosos que, no mundo real, apenas uma assessora horrorosa lhe proporcionara, pendurando-se em seu pescoço. Era feia, mas fazia de tudo, visando a uma ascensão pessoal.

Não conseguiu atender as insistentes chamadas de seu subordinado. Sequer teve noção disso.

No recinto pouco iluminado, a agitação tomara conta do homem de terno cinza diante dos monitores. Suava em demasia sob seus impecáveis trajes sociais, embora o ar fosse renovado constantemente e mantido a uma temperatura confortável.

Conforto era o que menos sentia naquele instante.

Aquilo que, a princípio, fora uma forte suspeita, condensara-se em realidade.

— Ele sabe!

Se havia alguma dúvida quanto a eliminação do detento, dissipara-se por completo. Agora, a questão tornara-se acadêmica e limitada a uma pergunta: quando?

A tempestade, a solidão e o medo abriram seu bico conforme o pretendido.

Abriram até demais. Escancararam na verdade.

Isso também selou o destino do guarda.

Sim, lá estava o homem de farda no monitor, o olhar de espanto tão grande quanto o seu. Braços erguidos, digeriu a informação em seu cérebro pouco instruído, procurando transformar o surpreendente em compreensível.

A voz exageradamente grave saiu do microfone:

— "... *Você está de brincadeira comigo!...*"

Formava as conexões de fatos que atravessaram séculos, desde que os primeiros dirigentes na astronave *Colombo*, originada do Conglomerado *Vespúcio*, na Terra, atingiram o sistema solar de Zeus a meio milênio. Foram eles que descobriram as criaturas amebóides, a substância alucinógena e os lucros fabulosos que poderiam obter de seu refino e comercialização, bem como garantir a própria manutenção no poder. Para isso, Orfeu precisou ser trancafiado, vetado, censurado.

O guarda era um repassador de *somnia*. Fazia parte da intrincada rede estabelecida desde os primórdios na colônia matriz, a Cidade de Areia. Era um aliado, por assim dizer. Infelizmente, um aliado situado no escalão mais baixo e que, agora, sabia demais. Poderia dar com a língua nos dentes às pessoas erradas ou chantagear esse conhecimento para obter benefícios. Afinal, como o ex-Dirigente Supremo Siba 00171 deixara claro, repassadores existiam de sobra.

Assim, retornava-se a questão: carcereiro e prisioneiro não deveriam ser eliminados imediatamente?

Por que seu superior não respondia aos chamados?

Sua cabeça explodia de tanta preocupação e devidos as inúmeras tarefas que lhe foram incumbidas, além daquelas já corriqueiras de seu ofício.

Continuou gravando a conversa entre o guarda e o detento.

Expirou o ar de seus pulmões audivelmente. A cabeça latejava. Estreitou os olhos diante do monitor.

— Termine a sua história, Rodney 00023, para sabermos tudo o mais que tiver para ser sabido. Vocês dois não irão a parte alguma depois disso.

Tentou chamar novamente o ex-Dirigente Supremo.

"Atenda!"

Sem resposta.

Talvez devesse tomar a iniciativa própria nesse sentido também.

32 - HIPOCRISIA HEREDITÁRIA

O vento ainda soprava forte na longa e antecipada noite do lado de fora.

Jonas 01495 fez uma careta incrédula. Ergueu os braços.

— *Você está de brincadeira comigo!*

O prisioneiro meneou a cabeça. Serviu-se de outro copo d'água para aplacar a secura na garganta.

— Não, eu não estou de brincadeira.

— "Grotesco"?

— É o nome que Petrus inventou.

O homem de preto agitou as mãos sobre a cabeça. A imprudência tomou conta de si. Era um misto de incredulidade e inconformismo.

— Cheiro... Capim-limão? Não pode ser o que estou pensando que é.

— Também duvidei. Graças ao Petrus, eu aprendi.

— Aprendeu o quê?

— O porquê dos primeiros dirigentes terem escolhido Eurídice para criar a colônia, embora — e apesar de suas criaturas — Orfeu se mostrasse mais propício a uma ligeira terraformação. Virtualmina. O planeta é rico dessa substância. Mais do que isso: é a sua origem!

— A virtualmina vem de Orfeu?

— Ah, não me diga que não suspeitava.

— Juro que não! Sou só um repassador... Por isso é proibido ir até lá.

— É o que parece.

— Caraca! Não é a toa que os dirigentes vivem no luxo, bem nutridos e alegres, apesar de todas as carências que enfrentamos.

— Pois é. Em verdade, Orfeu é a fonte que, após as pesquisas preliminares, propiciou aos dirigentes da astronave *Colombo* os meios não somente de criarem os protótipos dos indutores virtuais, mas também de fazerem fortuna através de sua comercialização. Desse jeito, mantiveram sob controle uma parcela substancial dos habitantes da colônia matriz, conservando-se no poder geração após geração. A proibição de acesso a Orfeu tinha muito menos a ver com ecologia do que em proteger o próprio poder.

— Tem uma coisinha que não bate — disse o carcereiro, coçando a barba por fazer.

— O quê? — perguntou Rodney 00023.

— Acabou de dizer que os dirigentes estão no poder durante gerações. Mas seus números de série, ao contrário do meu, são baixos.

O jovem admirou-se da perspicácia do outro.

— É verdade. Pensei nisso também. Você acha que eles manteriam os nomes originais durante quinhentos anos sem despertar suspeita? Na viagem de volta, usei o computador da CDF e pesquisei. Não existem imagens das primeiras gerações de dirigentes. Sumiram dos registros assim como as informações sobre Orfeu e os autômatos. Há trezentos anos e durante as gerações seguintes, dez séries distintas de Dirigentes Supremos alternaram-se no posto. Porém, a partir de um dado momento, em torno de cento e sessenta anos atrás, novas séries surgiram. E, interessante: não se sabe de onde.

— Como assim, de algum lugar eles vieram!

— Eu sou o 23º de minha série: Rodney. Posso acompanhar sua origem desde o primeiro número, a partir do momento em que foi criado do banco de óvulos e esperma, geneticamente alterados para um certo fim. Contudo, não há registro dos primeiros números da série Rousseau ou da série Siba, por exemplo. A série Rousseau iniciou-se no número 00025; a Siba, no 00163. Percebe algo em comum?

O homem mais velho deu de ombros.

— Diz pra mim — pediu.

— Os últimos de suas séries são 00033 — o atual Dirigente Supremo — e 00171: um intervalo de nove indivíduos. E isso ocorre com as outras oito séries atuais de dirigentes. Exatamente nove! Coincidência demais.

— O que isso significa? — perguntou o carcereiro, curiosidade aguçada.

— Todas essas dez séries que compõem a sede do governo iniciaram-se simultaneamente, sem começar do 00001

para não dar na vista. Seus indivíduos já estavam previamente destinados a assumirem o posto de dirigentes, revezando-se entre si no cargo de Dirigente Supremo.

— Duvido. As dez séries anteriores não permitiriam!

— Creio que foram eles que fizeram isso...

— Por quê?

— Não tenho certeza. Talvez como meio de fingir uma democracia que nunca existiu. A liderança nunca seria aberta a quem não fosse do círculo. Precisavam de novos rostos de tempos em tempos. Mas, fica a pergunta: como fazer isso sem dispersar o legado genético?

— É isso aí... Como? — perguntou o homem mais velho.

— Reproduzindo-se sexuadamente!

O carcereiro riu.

— Ahá! Confesse, está sob influência do *somnia*! Que viajada...

— Será? Seria interessante fazer um exame de DNA dos dirigentes e compará-los com os DNAs das séries anteriores que ocuparam o poder.

O carcereiro ergueu a mão subitamente, afugentando um pensamento ruim.

— Trepar por prazer é uma coisa, mas fazê-lo para gerar uma prole feito animal... É impossível! Sem contar que é nojento. Somos esterilizados ao nascer. É lei! Os dirigentes não podem procriar.

— Apostaria um braço? Eu não me surpreenderia ao saber que os dirigentes foram os primeiros a burlarem essa lei. Ademais, para eles, as leis são as mais frouxas possíveis.

— Não pode ser — disse Jonas 01495, sem convicção.

Rodney 00023 respirou fundo. Observou a luminária de soslaio e prosseguiu:

— Aqueles que promulgaram leis contra o comércio e a utilização do *somnia*, na realidade, eram os seus financiadores, produtores e fornecedores. Criavam leis dúbias e driblavam aquelas aparentemente mais rígidas. Sou capaz de apostar que os mandados de soltura já estavam prontos antes mesmo que as prisões, quando ocorriam, fosse efetuadas. Naquela floresta, diante dos grotescos, não obstante o medo, o ódio tomou conta de mim. Pensei em Jeane, a companheira de meu irmão, morta pelo vício. Pensei nele e em seu desaparecimento ao buscar a verdade. Por ter ido a Orfeu, estou certo de que Vinte e Dois, pelo menos, suspeitava e queria a confirmação. Agora, essa verdade descortinara-se diante de meus olhos. E certos fatos misteriosos, repentinamente, esclareceram-se. Lacunas em branco foram preenchidas. Informações entrecruzadas fizeram sentido.

Observou a expressão do homenzarrão.

O carcereiro aguardava, olhar confuso.

— Pois bem — disse Rodney 00023 —, ouviu falar em Kratau?

— Kratau? Lógico! Quem não ouviu? Um dos maiores repassadores da colônia. Foi preso na Metrópole das Dunas faz dois ou três anos.

— Três anos. Foi capturado enquanto contrabandeava dez mil *somnia* para lá.

— Não sei como foi cair nessa — censurou o homem de uniforme preto. — Um cara tão experiente... Só pode ter

sido excesso de ambição. Arriscou demais. E perdeu.

— Que seja. Sei que você é repassador e nós dois sabemos que isso é contravenção. Ambos estamos cientes do mal que o indutor virtual faz às pessoas. Não, não precisa fazer essa cara! Não o estou julgando, afinal de contas, o prisioneiro sou eu. — Rodney 00023 sorriu amargamente. — Fatos são fatos. É só pesquisar sobre o número de mortos e aqueles cujo cérebro foi danificado permanentemente. Não é esse o ponto que quero chegar.

— E qual seria?

— O episódio do protesto formal do Dirigente Supremo Rousseau 00033 à condenação de Kratau.

Jonas 01495 assobiou.

— Prisão perpétua e trabalhos forçados em suas minas.

— Sim, conforme reza a lei na Metrópole das Dunas. Rousseau 00033, em seu comunicado, disse: "... *O povo da Cidade de Areia está profundamente indignado com a severa punição aplicada a um de nossos concidadãos. Exigimos sua imediata extradição a fim de que seja julgado de acordo com nossas leis...*" Ora, essa "indignação" foi em razão do quê? Daquela colônia haver condenado um homem por um crime que este cometeu? Todos estão sujeitos à legislação da colônia em que se encontra, seja nativo de lá ou não. É uma premissa básica do Direito Intercolonial cuja ignorância foi estrondosamente demonstrada por Rousseau 00033. Por Kratau haver nascido na Cidade de Areia? Se alguém de nossa colônia cometer qualquer delito, ele não deverá estar sujeito à lei — daqui ou de outras colônias — apenas pelo fato de ser da Cidade de Areia?

— Mas ele foi gerado aqui. Vivia aqui. — interveio o carcereiro-repassador.

— Mas o crime e a detenção ocorreram na Metrópole das Dunas. Se Kratau tivesse sido preso aqui, nós dois sabemos muito bem: logo seria libertado ante a corrupção e a brandura de nossas leis. Sabe disso melhor do que eu.

— Não sei de nada.

— Claro que não, ninguém nunca sabe... E mais: a indignação do Dirigente Supremo foi devida ao rigor da penalidade aplicada? Será a Metrópole das Dunas a única colônia a ter tal punição? Por que não protestar contra a Jóia do Deserto por adotar medida semelhante? O protesto seria menor se a pena fosse mais amena? E quanto aos reiterados protestos de outras colônias em relação as mazelas ocorridas na Cidade de Areia? Ah, e um ponto de seu interesse: a indignação do Dirigente Supremo teria sido pelo fato de Kratau ser repassador? Se foi, por quê e com qual objetivo? Faça uma pesquisa nos canais clandestinos.

— Não tenho acesso a isso. É crime!

— Está bem, é crime. E ser repassador não é? Hum, suponhamos que soubesse pesquisar. Está bem assim? Colocaria o nome de um dos dirigentes junto a palavra "repassador" ou "*somnia*" e verificaria os resultados. Ainda que a maior parte das informações fosse falsa, o que sobrasse seria assustador.

Jonas 01495 ficou acabrunhado. Mas os ouvidos continuaram atentos.

O prisioneiro foi novamente apanhar água. Sua cabeça rodava. Tinha muita coisa presa na garganta e, agora, os nós desatavam-se. Sorveu devagar. Deu tempo a si, apesar do tamborilar de

dedos na grade do outro. Respirou fundo e retomou o fio da meada, lembrando Vinte e Dois e Jeane:

— Por fim, e não menos importante, por que Rousseau 00033 nunca — eu falei: NUNCA! — fez qualquer comunicado a favor das milhares de vítimas da virtualmina, dos seguranças mortos no combate ao comércio de *somnia*, daqueles que sofreram em razão da perda? POR QUE NÃO??? Afinal, qual é a razão, de fato, por trás dessa "indignação"? A quem queria agradar? Como se manifestou o Dirigente Supremo da Colônia Metrópole das Dunas: *"Se a sede do governo da Cidade de Areia deseja dar uma lição de moral às outras colônias, deveria começar limpando a sujeira de seu próprio domo e manter seus repassadores dentro das próprias fronteiras"*. A infelicidade de Kratau foi ser apanhado em uma colônia de leis severas e menos corruptível. Kratau não é herói, nem mártir. É um criminoso. A indignação acirrada do Dirigente Supremo, aliada ao seu silêncio face as vítimas, foram, para mim, as maiores demonstrações dos valores defendidos por essa gente e o porquê da circulação de *somnia* ter aumentado tanto nos últimos anos. O que foi descoberto em Orfeu sacramentou tudo isso e revelou que o envolvimento da sede do governo é muito maior, mais profundo e duradouro do que qualquer um poderia imaginar.

O carcereiro ruminou as palavras do jovem, armazenando-a em um canto da memória. Apanhou mais um cigarro e o odor de tabaco esparramou-se. Sua mão estava trêmula.

— E em Orfeu, o que houve depois? — perguntou.

33 - PACHELBEL

Procurei observar com interesse de artista aquelas mutações de manchas e de cores. Fiz de tudo para não pensar nas criaturas em si e no perigo que representavam. Doce ilusão... Era como fitar o interior do cano de um rifle engatilhado e fingir que o resto não existia.

Não nutria mais qualquer esperança de encontrar Vinte e Dois vivo, sequer algum vestígio dele. Se ele se perdera naquela floresta...

Como falei antes, pensava, agora, no cheiro de capim-limão e suas implicações. Jeane, a mulher de Vinte e Dois morrera diretamente pela ação do *somnia* e, indiretamente, isso também o matara. Indo mais além, todos os colonos de Eurídice foram afetados desde os pioneiros havia quinhentos anos, quando os dirigentes optaram por esse planeta em vez de Orfeu. Todo o tormento vivido pelas populações em razão das tempestades sazonais e a escassez de recursos foi e tem sido responsabilidade daqueles que se beneficiaram das ilusões provocadas pelo indutor virtual.

Apesar deles contarem com a faca e o queijo na mão, precisavam ser denunciados. Podia ser que nada acontecesse, afinal, geração após geração de manipulação genética das séries e a pasmaceira incutida nas pessoas desde o berço, tal qual uma segunda natureza, eram forças muito poderosas. Mas devia ser tentado. No final das contas, o gigante entre os gigantes, Duke, estava certo.

Lá embaixo, na clareira, ocorreu uma completa fusão de material. Toda a essência que fazia de cada criatura um

indivíduo foi compartilhada entre as demais. Eram células separadas, todavia, simultaneamente, faziam parte de uma única e imensa manifestação coletiva.

De repente, uma luminosidade diferente atraiu minha atenção para o céu.

Entre as estrelas, uma daquelas criaturas semelhantes a pedras porosas surgiu, desgarrada de seu bando.

Cutuquei o velho caçador.

Prontamente, ele ergueu sua arma.

Imitei-o.

Disparar, porém, atrairia a atenção dos monstros abaixo.

Felizmente, nossos receios foram infundados.

A criatura luminosa sequer se importou com nossa presença. Seu vôo era errático. Preocupava-se mais em saber qual rumo seguir. Ao chegar mais perto da clareira, todos os seus dramas se encerraram numa rapidez fulminante. Se ela não reparara no que acontecia na clareira, os grotescos — unidos em uma só massa gosmenta —, avistaram o retardatário.

Escutamos diversos sons sibilantes a medida em que inúmeros dardos foram disparados.

Um deles atingiu o alvo e a desafortunada criatura guinchou. Começou a cair e percebi outros dardos cravarem-se no seu corpo irregular. Ela tentou recuperar o vôo, mas foi inútil. O ácido surtiu efeito, consumindo-a de dentro para fora. Despencara feito uma rocha, todavia, no caminho, seu corpo mudou, dissolveu-se em uma chuva amarronzada que banhou o pudim protoplasmático mais embaixo.

Num misto de choque e repulsa, eu acabara de presenciar a alimentação coletiva dos grotescos. Indaguei-me

sobre o que Petrus teria visto por trás do capacete de seu companheiro, Garganta quando tentara resgatá-lo da morte.

Estremeci.

A superfície viscosa agitou-se numa confusão de filamentos, enroscando-se entre si. Manchas pulsantes vieram e se foram de seu interior. O líquido castanho infiltrou-se, dissolveu e espalhou-se por toda aquela massa. Mais névoa foi expelida.

O gigante ruivo não abandonou suas mãos da arma multifuncional.

Eu mal me atrevia a respirar. O coração batia feito um tambor e temi que o monstro escutasse. Por mim, jogaria toda a nossa carga de explosivos lá embaixo e acabaria com tudo. Mas Petrus pretendia capturar um deles... De que jeito? Convidando para ir a bordo da CDF? Era loucura!

A criatura de pedra estava acima de nossas cabeças quando fora atingido e isso não tornava a nossa posição tão segura quanto a princípio dera a impressão de ser. Se fôssemos descobertos e eles cercassem o morro... E se soubessem escalá-lo? Engoli em seco. Eram esses os meus pensamentos a medida em que, cuidadosamente, prosseguia a observação. Rezava para que, a exemplo do ocorrido no platô, não fizesse rolar nenhuma pedra morro abaixo.

Ouvi a voz gutural de Petrus em meu capacete:

— Olhe.

Uma nova transformação começou a ocorrer.

Percebi novas membranas se formando no interior da criatura coletiva. Iniciou-se pela periferia, migrando depois para o centro. Pouco a pouco, os grotescos desprenderam-se uns dos

outros em gomos distintos. Os que estavam na borda afastaram-se, enquanto observavam seus irmãos se partirem. Embora eu empregue a palavra "observar" ou "avistar", não percebi qualquer órgão responsável pela visão.

Por fim, a transformação completou-se e, novamente, havia na clareira um monte daquelas coisas horrorosas. Os grotescos do centro, pelo visto, tinham algum destaque, pois surgiu uma abertura a partir do círculo externo e eles se encaminharam na frente dos demais para trás de um rochedo, na base de um morro vizinho ao nosso, sendo, então, seguidos por estes.

Nosso ângulo de visão não nos permitiu ver para aonde se dirigiam.

Um a um, eles foram desaparecendo, deixando atrás de si um rastro fumegante até o último sumir mais de uma hora depois.

Respiramos aliviados.

A própria floresta murmurou entre si.

A tensão amainou.

Olhei para o meu guia e ele fez sinal para que, por precaução, permanecêssemos quietos por mais algum tempo, atento ao sensor de movimento, agora calado. Teria sido torturante contar os minutos que se passaram não fosse por algo absolutamente inesperado: do interior de meu capacete emergiu uma música. Era baixa e suave. Maravilhosa. Reconheci-a de imediato por estar entre as minhas favoritas: *Canon em D Maior*, de Johann Pachelbel, um dos raros compositores da Terra cuja obra sobrevivera através das eras. Voltei-me para Petrus tão ou mais surpreso quanto seus amigos ficaram diante da afirmativa do gigante Duke em adquirir livros. Era um mundo de

absurdos e a beleza fazia parte da loucura. Jamais poderia supor que ele...

A voz de Petrus sobrepôs-se à melodia:

— Estereótipos são uma merda, não são?

Diante de tantos horrores, os instrumentos de corda prosseguiram, acariciando as partituras de nossa alma através da música dos milênios. Isso terminou de acalmar-nos, o que era a intenção desse homem rude cujo coração de pedra mostrava-se cheio de surpresas.

Tão serena quanto surgiu, a melodia se foi, deixando um eco melancólico no interior do capacete.

Quisera nunca acabasse.

Permanecemos no alto do morro por mais meia hora.

Procurei me alimentar, apesar do estômago embrulhado. Retirei o frasco nutricional de minha mochila e rosqueei-o ao meu capacete. Usando os dentes, arranquei a tampa do tubo e suguei aquela papa insossa tão recomendada pelos projetistas. Eles não tiveram nunca aulas de culinária ou gastronomia. Evitei pensar no que aquilo fazia-me recordar: sopa, mingau, vômito, gosma.

— Agora podemos descer — falou Petrus, voz rouca e cansada.

Meu corpo ficara entorpecido. A perna direita ainda doía. Eu também estava exausto, muito mais do que Petrus, desabituaado a tanta ação, mas o breve cochilo fora providencial. Busquei Eurídice e veio-me à lembrança os olhos de Melina. Quem é Melina? Curioso haver pensado nela somente naquele instante. Talvez porque, ao contrário de Vinte e Dois e Jeane, não houvesse amor, apenas aceitação mútua. Foramos designados um para o outro no fim da adolescência. Demo-nos bem. Era

confortável estar com ela. Melina posara para mim em vários trabalhos. Retraturei seu corpo jovem, firme e nu. Naquele momento, eu bem gostaria de tê-la em meus braços ao lado da fonte, no centro do estúdio, sentir seus cabelos longos em meu peito, afundar minhas mãos no calor de seu corpo. Costumávamos admirar o globo azulado de Orfeu, imaginando sua beleza e seus mistérios. E, sob o som da fonte, eu a penetrava. Quase imediatamente, fui atingido pela dor da lembrança na forma de uma pressão na virilha. Agora, com o que sei, a magia em relação a Orfeu perdeu-se completamente. Reprimi a recordação dela, do desejo e, igualmente, do arrependimento por estar ali, naquele mundo, naquele morro, a cumprir uma missão impossível.

Enquanto nos movíamos, escutei Petrus em meus ouvidos:

— É, fedelho... O maior monte de meleca do mundo! De todos os mundos. Um gigantesco catarro ou ranho que...

— Pare com isso! — implorei, sentindo a inconstância daquela papa no estômago. — É asqueroso!

O caçador riu, entretanto, logo em seguida, ficou sério.

— Seres amaldiçoados...

Aproveitei a abertura e indaguei:

— Como pegará um troço daquele?

— Tenho um plano.

— Qual? Mandar um convite?

O gigante ruivo ignorou-me. Em vez disso, instruiu:

— Dê-me cobertura enquanto eu vou até aquele morro — apontou. — Se vir algum movimento lá embaixo, atire. Dispare tudo o que tiver direito.

Empunhou sua arma, acionou as asas e voou. Cruzou a clareira até o outro

morro. Ficava próximo àquele em que os grotescos haviam se refugiado. Acenou um "ok" e, tremendo feito uma vara verde, fez o mesmo.

Já ao seu lado, ele apontou para baixo.

— É uma gruta ou caverna, está vendo?

— Estou. A abertura é estreita.

Mal passava de uma rachadura vertical na rocha.

— Aquelas merdinhas devem se espichar para se enfiar naquilo.

Era uma abertura irregular, cujo interior encontrava-se às escuras. As bordas não exibiam sinais de corrosão.

— O ácido tem ação limitada — sugeri.

— Sim. A Tridente do Capeta foi pouco atingida... É pena.

— Pena?

— Claro! Esses monstros poderiam derreter o chão e afundar até o inferno.

Acabáramos de descobrir o abrigo dos grotescos.

34 - O AMANHECER

Faltava pouco para Eurídice alcançar o horizonte.

Em breve, do lado oposto, Zeus surgiria para exibir os primeiros raios da aurora.

Senti um alívio indescritível ao pensar no alvorecer.

Luz!

Representava calor, vida, esperança.

Fitei a clareira deserta.

— São criaturas noturnas — sugeri.

— Está ficando esperto. Só pode ser a companhia. Eu desconfiara disso. Vamos pôr mãos à obra.

— O que pretende?

Vi seu rosto iluminar-se em resposta.

— Verá. Conforme eu falei, tenho um plano.

Cuidadosamente, instalou sensores acústicos e de movimento na fissura da gruta.

Na hora seguinte, ajudei-o a colocar várias bombas na entrada da caverna, tanto sob o solo quanto o mais alto que pudemos alcançar, ocultando-as dentro de buracos e rachaduras. Cheguei a subir em seus ombros. Francamente, eu nunca senti tanto medo na vida quanto naqueles instantes, mergulhado na penumbra sinistra e silenciosa, sabendo que, escuridão adentro, dezenas de abominações cochilavam. Rezava para que tivessem um sono profundo e nenhum sofresse de insônia. Minhas mãos pareciam ter perdido o tato. As garras do exoesqueleto e as luvas do traje espacial atrapalhavam. A todo momento eu precisava lembrar-me daquilo com que estava lidando: bombas, explosivos, a morte na forma de pequenos cilindros.

Eu mal dera conta da passagem do tempo. Encontrava-me num limbo, um outro mundo muito diferente, subterrâneo, feito de frio, sombras e pavor; um mundo de ecos amplificados e odores envelhecidos a evocarem o sobrenatural. Sobressaltava-me diante de qualquer coisa que pudesse ser diferente.

— Não vá atirar na sua sombra — avisou Petrus, tentando me acalmar. — Nem na minha.

Os minutos se transformaram em séculos intermináveis.

Finalmente:

— Vamos dar o fora daqui.

— Não precisa falar duas vezes — respondi.

Suspirei de alívio.

A manhã avançara.

Zeus iluminava a clareira, os morros e a floresta.

O sol estava quinze graus acima do horizonte e o céu cintilava de um turquesa vivo, tão diferente do firmamento alaranjado de Eurídice.

Foi um bálsamo ver-me banhado de luz.

Fui tomado por uma alegria intensa a ponto de querer gritar.

Mas não o fiz. Acho que chorei.

Só então eu pude apreciar de fato a doçura daquele amanhecer.

35 - O ANOITECER

Repousamos em turnos de quatro horas.

O longo dia de Orfeu passou sem incidentes.

Escutei diversos sons vindo dos vegetais, atento aos seus movimentos que poderiam denunciar a presença de novos grotescos e o erro quanto a suposição de serem noturnos. Nada aconteceu. Ouvi alguns animais e, lembrando-me das pedras voadoras, talvez até minerais. Não havia uma divisão rigorosa entre animal, vegetal ou mineral naquele planeta.

Todas as criaturas de Orfeu evitavam a clareira, inclusive de dia.

Eu é que não iria censurá-las por isso.

Avistei alguns répteis gigantes — pareciam répteis —, com seus longos pescoços sobressaindo-se das árvores — pareciam árvores. Vi satisfeito que eles mastigavam algumas das plantas que se

assemelhavam a aranhas aladas. Havia aves também em Orfeu — pareciam..., bem, já sabe —, porém, perdiam em colorido e beleza para as aves do deserto em Eurídice. Alguns bandos voaram sobre mim a grande altura, grasnando, fazendo-me sentir solitário.

Entre um turno e outro, Petrus tornou a levantar uma questão que eu adiar a pensar.

— Como espera encontrar pistas do seu irmão?

Meneei a cabeça, desolado. Não esperava mais nada.

— Pensei que você, como caçador experiente, pudesse me dar algum palpite.

— Sou caçador, não adivinho.

— Nem sei por onde começar.

— Sobrevoamos vários locais propícios ao pouso e não vimos sinal de outra nave, exceto os destroços da *Asabi Maru*.

A *Asabi Maru* era uma nave meteorológica, dada por perdida havia mais de dez anos. Restara apenas um esqueleto retorcido. O registro oficial ainda a considerava desaparecida.

Petrus continuou:

— Minha experiência me diz que à beira-mar, no alto dos penhascos, é o tipo de local menos arriscado para pouso, ao contrário do que a Tridente fez. Mas os locais propícios são poucos, vários picos são íngremes demais. Na proximidade do mar, a nave fica sujeita aos vendavais, às tempestades e às marés. Perto da floresta corre-se o risco de ser aprisionado pelas plantas. Se seu irmão pousou no interior...

— Eu sei, eu sei.

Não era necessário continuar a frase. Era procurar uma agulha num

palheiro. Só custava a aceitar estar passando por tudo aquilo à toa.

Vendo minha expressão, o brutamontes pousou sua mão pesada em meu ombro.

— Escute aqui, pivete, depois que terminarmos o meu trabalho, a gente patrulha a floresta o máximo que der. Tudo bem assim?

Que outro remédio havia?

Concordei sem ânimo.

O último turno foi o dele.

Zeus havia cortado a abóbada em duas e despencava serenamente depois de um entardecer abafado. A maré subira repentinamente e varrera boa parte da floresta. Uma ampla área fora inundada e, depois, as águas recuaram. Gradualmente, as estrelas surgiram. O arco silencioso de Eurídice emergiu pouco tempo antes de Zeus sumir atrás do horizonte. Estava ligeiramente maior do que na noite anterior.

A escuridão retornava e, com ela, o sentimento de inquietude, opressão e medo.

A noite era reservada aos monstros.

36 - ARMADILHA

Posicionamo-nos no topo do morro em frente à fissura no rochedo. Tínhamos uma boa vista da entrada da gruta.

Meia hora havia se passado após o crepúsculo.

A temperatura caía.

Os sensores acústicos começaram a dar o alerta em nossos ouvidos.

— Atenção! — exclamou Petrus.

A floresta iniciou seu burburinho, um misto de farfalhar e sussurros.

Era de dar nos nervos.

Depois, foi a vez dos sensores de movimento entrarem em ação.

O gigante acenou.

— Ai vem.

E veio.

O primeiro grotesco surgiu.

O nervosismo era palpitante, tão pesado que poderia ser fatiado. Eu queria morder a mão, porém, não havia como, então, mordi o lábio inferior. Também apertei a perna machucada. A dor ajudou-me a combater o medo. Nunca pensara antes na dor em termos positivos.

Para poder sair, o monstro retorceu-se, adaptando seus contornos ao formato da abertura. As centenas de filamentos ajudavam o corpo gelatinoso a mover-se. Lembrava aquela coisa viscosa que brotava de uma ferida quando a gente apertava.

Petrus, dando a impressão de ler meus pensamentos, sussurrou:

— É uma meleca gigante escorrendo de um gigantesco nariz de pedra.

Ele adorava falar essas coisas.

Não consegui sorrir da metáfora. Fitava a coisa fascinado e aterrorizado. Não queria olhar e, também, não conseguia desprender a vista daquele monstro.

Foi quando ouvi algo mais.

A princípio, julguei que fosse algum efeito do vento ou do burburinho da selva, mas, então, percebi que vinha do grotesco e de dentro da garganta de pedra, atrás dele. Lembrava o som de vozes, inúmeras vozes, murmurando simultaneamente, aumentando de volume.

"Coro do inferno".

Não fora assim que se manifestara um dos companheiros do caçador?

Meu corpo gelou. O terror esticou-se dentro de mim como cordas de um violino.

Por fim, a criatura viscosa saiu, produzindo o som de uma rolha de champanha sendo liberta. Rastejou mais para o centro da clareira.

Engoli em seco.

O segundo grotesco espremeu-se pela abertura.

Não obstante a friagem, eu voltara a suar. No interior do traje, o odor enjoativo era uma afronta às minhas narinas. Não, eu não podia culpar o planeta dessa vez. Minha mão estava tensa sobre o detonador.

O plano de Petrus, em tese, era simples: aguardar até o terceiro grotesco sair. Esperar seu sinal para, a seguir, eu acionar o dispositivo. As explosões matariam os grotescos mais próximos à saída da gruta e, ainda, provocaria um desmoronamento, aprisionando os demais logo atrás. Ele aproveitaria o caos formado para alvejar ao menos um dos grotescos, utilizando-se de um aparelho especial.

— É uma belezinha — falou.

Retirou de sua mochila. Era um espécie de cilindro coberto de reentrâncias e formas em relevo.

Recordou-me muito vagamente a uma agulha hipodérmica do diâmetro do meu braço.

Momentos antes eu indagara o porquê de três.

— Não basta um? Para que aumentar o perigo com mais dois?

— Se, por azar, o primeiro fugir para a floresta, terei outro para capturar.

— Mas, nesse caso, para que o terceiro?

Ele dera-me uma piscadela. Falara:

— Três é o meu número da sorte.

— "Sorte"? O risco é alto demais.

Se der certo logo no primeiro grotesco, teremos os dois outros para enfrentar!

— Conto com o elemento

surpresa. Vou agir como se fosse capturar os três. Alvejarei a todos o mais rápido possível. Se eu acertar logo no primeiro, acha que cruzarei os braços, aguardando a reação dos outros? E terei você para dar cobertura.

Não tornei a questioná-lo. Quanto ao seu número da sorte, sinceramente, só pude pensar nos seus três olhinhos infantis...

Agora, aguardava numa expectativa enlouquecedora, observando o segundo grotesco emergir. Seu corpo repulsivo agitou-se e saiu de todo, indo juntar-se ao primeiro. Ambos ficaram lado a lado.

Notei a expressão satisfeita de Petrus.

O terceiro grotesco forçou sua passagem.

Tornei a virar-me para o caçador.

Em resposta, ele ergueu seu indicador direito, continuando a olhar para baixo. Sua testa brilhava de suor e seus olhos eram duas fendas espreitando de dentro do capacete. Parecia tão tenso quanto eu. De sua experiência anterior, ele sabia muito bem com o que estava lidando.

Os dois grotescos esperavam pacientemente.

O terceiro demonstrava dificuldade em sair, como se fosse inexperiente. Movia-se bem mais devagar e desajeitadamente.

Minha ansiedade e nervosismo só aumentaram.

O indicador de Petrus ficou mais rígido e empinado. "Feito um pênis", pensei, não sei por quê. Creio que sua companhia e as obscenidades afetaram-me mais do que deviam. Podia ser somente um mecanismo de defesa, uma maneira do cérebro relaxar da tensão. Mas não era hora e nem lugar para especulações.

Metade do terceiro grotesco estava para fora.

"Vamos!", incentivei.

A expectativa era insuportável.

Os filamentos ou flagelos agarraram-se as bordas da caverna e fizeram força.

Faltava pouco.

As vozes de dentro da caverna gemiam baixinho num coral incompreensível e impaciente.

"Vamos, vamos... VAMOS!"

Houve um outro barulho de rolha saltando do gargalo.

Finalmente, Petrus baixou o dedo...

... e pressionei o botão do detonador.

37 - CAPTURANDO UM GROTESCO

Vários já pensaram na relatividade do tempo.

Para mim, naquele instante, o tempo congelara-se entre duas ínfimas frações de segundo.

As explosões sucederam-se num relampejar de fogos de artifício.

O chão passou a tremer a medida em que os rochedos despencavam no interior da gruta.

E o inesperado aconteceu: uma espessa nuvem de poeira foi expelida em jato pela abertura.

Não contávamos com isso. Acreditáramos em uma avalanche "limpa".

— Bosta! — gritou Petrus.

Para o gigante ruivo, deve ter evocado a lembrança do denso nevoeiro que ocultara os grotescos de si e de seus amigos no fatídico encontro.

Não obstante a claridade de Eurídice, a nuvem e a escuridão da noite encobriram o terceiro grotesco.

Simultaneamente, o enorme caçador disparou projéteis de sua arma especial contra os dois primeiros antes que estes tivessem a oportunidade de desaparecer.

— Bosta! — repetiu o gigante, descendo o morro. — Cuidado aí, moleque!

Na direção da entrada da gruta, dentro da nuvem que ainda persistia, vi uma sucessão de brilhos repentinos: grotescos morriam. Imaginei algum tipo de reação química. Que me importavam os efeitos pirotécnicos desde que as bestas fossem liquidadas?

As explosões e o desmoronar de pedras durou mais alguns segundos.

Mais poeira foi expelida da abertura.

Toda a clareira foi sacudida.

Ao longe, criaturas aladas de diferentes formatos dispersaram-se, assustadas.

Larguei o detonador e agarrei-me ao morro à espera de que tudo se acalmasse.

— Levanta o fi-o-fó daí! — gritou Petrus, já na metade do morro.

A poeira regurgitada da garganta de pedra alcançou-o. Pouco depois, fui

envolvido por ela também. Tossimos. Não pelas partículas em si, pois os filtros nos protegiam, mas em razão do odor irritante que as acompanhava e nem os filtros conseguiam deter: um fedor ácido e penetrante, um concentrado semelhante a amônia, muito pior do que aquele vindo do interior de meu traje, acompanhado do aroma semelhante ao de capim-limão.

Aguardamos sob o olhar atento de Eurídice e das estrelas circundantes.

Gradualmente, a nuvem de poeira dispersou.

O vulto do velho caçador surgiu ao pé do morro, imponente.

Retomei a descida.

Abruptamente, percebi algo.

— PETRUS!

Emergiu do nevoeiro antes deste baixar por completo. Era uma coisa esférica e fosforescente.

Apanhei minha arma multifuncional e preparei-me para disparar naquilo, fosse o que fosse.

O gigante nórdico ergueu o punho.

— Controle-se! — falou. E, apontando para a coisa: — Olhe!

A esfera fosforescente subiu cada vez mais, arrastando um fio atrás de si. Ascendeu e ascendeu até parar a uma centena de metros acima de nós. Então, ficou ao sabor do vento, impedida de ser levada embora por causa do fio que a prendia.

Alcansei o sopé do morro. Acompanhei aquele filamento até a sua outra extremidade.

— Sucesso! — exultou o velho caçador, entre o alívio e o triunfo. — Pegamos o desgraçado e todos os malditos dentro do buraco!

Na extremidade do fio encontrava-se um dos projéteis que Petrus disparara, fincado no primeiro grotesco. Por algum mecanismo que desconheço, ele injetara uma substância na criatura que a fizera solidificar-se num descomunal bloco de aparência acrílica. No alto, a esfera brilhante — um balão de gás —, sinalizava a sua posição.

— Pegamos você!

A voz rouca de Petrus destilava ódio.

— Pegamos...

Ele caminhou até ficar próximo à criatura imobilizada.

— Abaixese! — adverti. — Um dos grotescos fugitivos poderá atingí-lo.

— Tem razão — concordou. — É a emoção da vitória... e a idade. Bem dizia Duke: "Petrus, a velhice é uma merda!" Tinha dois anos a mais do que eu. Ah, vinguei-o e aos outros: Sony, Diego, Hans, José, Garganta e Ratisbone. Agora, seus espíritos estão livres para caçar nas dunas celestes.

— Vingança? Esse foi o motivo para você retornar além do dinheiro?

Petrus fitou-me gelidamente.

— Quando você passar por algo semelhante, entenderá. Se tivesse presenciado seu irmão agonizar, berrar e derreter na sua frente, saberia. Nós dos níveis mais inferiores sabemos: uma vingança cumprida é um mel a ser saboreado devagar, prazerosamente. É promessa e compromisso. Mas chega de besteira. Vigie desse lado. Eu verei este. Se notar algum movimento, já sabe.

— Atirar primeiro, perguntar depois.

— Isso aí.

Não havia nenhum sinal dos dois grotescos remanescentes. A vegetação aquietara. Eles deveriam estar muito

longe àquela altura. O radar não indicava nada de incomum.

Petrus voltou-se para mim.

— Vou instalar um receptor magnético no monstro. Através dele, erguerei a coisa até a CDF. Vigie.

— Olho vivo você também.

Melhor mantermos as asas em prontidão. E as armas.

— Ensinando a missa ao vigário, pivete? — retrucou o caçador. — Antenas ligadas.

— Certo, grande caçador branco.

— Mantenha alerta os seus três olhi...

— Sim, *senhor!*

O gigante riu. Ligou suas asas e estas zumbiram asperamente. Voou até o alto da criatura imobilizada. Logo, começou a ajeitar um objeto em sua superfície: uma placa dourada e prateada. Percebia-se o seu nervosismo. Mantinha a arma a postos em uma das mãos, o que prejudicava o manuseio do tal receptor, apesar de auxiliado pelos braços retráteis.

Ora eu observava Petrus, ora passava os olhos pela entrada da gruta obstruída de onde vinha uma fina névoa esbranquiçada. Meus sentidos estavam prontos a captar qualquer sinal no radar. O sensor de movimento utilizado a princípio do lado de fora havia sido desligado. Seria pouco útil agora, detectando a nós próprios, e confundir-nos-ia. A adrenalina corria livre, bem como o suor. Embora durante o dia tivéssemos sobrevoado toda a clareira, eu não me sentia completamente seguro quanto ao risco de haver uma outra saída da gruta. Queria livrar-me daquilo, sumir dali. Acreditava haver cumprido o meu dever moral para com Vinte e Dois.

Repentinamente, o radar disparou uma saraivada de bipes.

— Petrus!

Eram dois sinais.

O gigante ainda ocupava-se com a criatura petrificada.

Avistei um dos grotescos emergir de uma das trilhas.

— PETRUS!

Atirei contra a criatura.

Os primeiros projéteis confundiram-se diante dos movimentos de alguns ramos e das aranhas voadoras, desviando-se do objetivo. Mudei rapidamente de teleguiado para manual, contudo, antes que eu ou Petrus pudéssemos disparar, a criatura mergulhou novamente para o interior da selva.

"Por que as plantas não se agitaram a sua aproximação?", perguntei-me, confuso.

O segundo sinal chegou mais forte, contudo, vinha de trás do morro da caverna, fora da minha linha de tiro.

Hesitei.

Vi o caçador olhar para todos os lados.

— Atrás do morro! — avisei. — Terá outra saída?

Ele compreendeu, virou-se e, após um segundo de hesitação, voou do grotesco solidificado em direção ao sinal e abriu fogo.

Não pude ver se ele havia ou não acertado. Escutei o que me pareceu um bramido. Fiquei paralisado.

Petrus também se chocou.

Momentos depois acenou-me para eu me aproximar. Obedeci com a relutância medrosa de sempre.

— Não compreendo — ele foi dizendo, intrigado —, os dois grotescos... Eles tiveram a oportunidade de atirar seus dardos em nós, mas não o fizeram. Esse último, principalmente, ficou

parado próximo ao paredão. Um alvo fixo! Foi como se pedisse para ser atingido. Não precisou pedir duas vezes...

Aponte para uma poça vermelha.

Fumegava.

— É o que sobrou dele?

— Não... Isso também é esquisito. Você escutou o grito?

— Escutei.

— Em vez do desgraçado explodir feito uma estrela, contraíu-se, mudou de cor e começou a derreter enquanto fugia.

Petrus mostrou o rastro atrás do morro.

Foi quando me dei conta de que não havia somente uma poça, mas várias delas.

O gigante ruivo tornou a tocar no assunto:

— Por que ele não disparou os dardos?

— Tampouco as plantas ficaram com medo.

— Ah! Você também percebeu?

Balancei a cabeça afirmativamente.

De alguma maneira, movidas por instinto, as plantas sabiam que aqueles dois grotescos não representavam perigo, que eram incomuns, diferentes dos demais.

Recordei-me:

— Hum... Lembra-se daquela mensagem antiga do caçador?

— O que chamou as coisas de pesadelos ambulantes?

— Sim. Ele dizia que eles eram tímidos. Talvez uma subespécie tímida e sem dardos. Aquele caçador pode ter se deparado com um grotesco assim. Achou que seria fácil capturar um.

— Mordeu a isca e embrenhou-se na floresta, dando de cara com os outros. Retornamos para a clareira.

Petrus retomou a sua atenção para o monstro solidificado e a fixação do receptor magnético.

No interior do capacete, ouvi:

— Eu sempre digo: na dúvida, atire. Deixe as perguntas pra depois. Tímido ou não tímido, fogo neles! Melhor do que ser dissolvido.

Prosegui montando guarda, nervoso por me encontrar longe da proteção dos rochedos e estar tão perto de uma coisa daquelas, ainda que estivesse fora de ação. Muitos grotescos devem ter sobrevivido dentro da gruta. Outra abertura, ainda que distante, não estava fora de cogitação.

A floresta permanecia silenciosa. Os ramos balançavam, entrelaçavam-se e desenrolavam.

Não sou etólogo, mas era evidente que os grotescos eram noturnos. De o dia, o risco de desidratação seria demais para seus corpos gosmentos. Assim, buscavam a proteção da escuridão e das profundezas úmidas da terra. Não seria o fogo outra opção de arma contra eles? Seus ancestrais, acredito, vieram dos oceanos. Existiriam variantes aquáticas dos grotescos vivendo sob as ondas? O que uma nave submarina não descobriria? Mais uma vez, um dos grandes enigmas da vida era o porquê de criaturas vivendo harmoniosamente sob a placidez das águas terem aceitado o desafio de migrar para a terra firme.

Uma questão mais premente era quanto à virtualmina. Era um componente desses monstros. Eles a produziam. Como os fornecedores conseguiam obtê-la em quantidade o suficiente a fim de alimentar a indústria e o comércio de *somnia*? Como lidavam com os grotescos? Perguntei isso a Petrus.

— Os principais satélites de observação aglomeram-se numa órbita estacionária no hemisfério oposto a este — respondeu. — Há uma razão especial para isso...

— Já foi até lá?

— Tenho cara de besta? — respondeu. — Procuo justamente fugir a essa vigilância.

— De que jeito apanharão os grotescos?

— Quem sabe?

Toquei na ferida:

— Quem te encomendou um grotesco?

— Por que eu contaria?

— Não se preocupa dele ser usado em Eurídice na produção de virtualmina? Poderão fabricar muitos *somnia* e envenenar mais e mais pessoas.

Tal pensamento levou-me a outro muito pior: desde quando levavam grotescos para Eurídice? Existiria uma espécie de curral onde seriam ordenhados? E, se eles escapassem dentro da colônia?

Petrus retrucou:

— Entre suas tintas e pincéis, desde quando você começou a preocupar-se com os viciados? Só porque a namoradilha de seu irmão morreu? Porque ele sumiu? E antes, pensava nos *sonhadores*? Quer saber? Não estou nem aí! É o meu ganha-pão apanhar bichos deste planeta. Essa bosta é o meu primeiro grotesco. Se irão fazer experiências com ele ou enfiar no rabo, não é problema meu. Quer dar lição de moral? Olhe-se primeiro no espelho. E deixe-me terminar essa merda!

Não era, pois, um ponto de vista muito diferente da sua, *senhor* Jonas 01495.

Fiquei amuado.

Se os próprios dirigentes eram os cabeças na produção e comércio de *somnia*, de onde esperar justiça? Seria só um acaso, a legislação contra o crime ser tão frouxa no hemisfério meridional? Em vez de coibir e punir, por vezes, as leis favoreciam e estimulavam as infrações. Aliás, um protesto antigo, um famoso chavão, originado ainda nos escombros da velha Terra, dizia: "*Leis canalhas, feitas por canalhas, para proteger canalhas*". A coisa mudara muito poucos nos séculos seguintes, atravessara a imensidão do espaço e fincara raízes em Eurídice. O tumor não fora extirpado, somente transplantado. Os setentrionais não eram santos, contudo, sujeitavam-se menos à corrupção. Não por acaso nutriam desdém em relação à colônia mais antiga.

As mãos de Petrus trabalhavam rápidas nos fixadores da placa, moldando-os aos contornos do monstro. Inadvertidamente, um deles esbarrou num dos filamentos e este partiu feito um galho seco. O caçador praguejou, contudo, não interrompeu seu serviço.

Apanhei o fragmento do chão coberto de poeira. Era oco e cheio de fibrilas nas bordas. Sua superfície era rugosa e amarronzada. Guardei-o num compartimento em meu cinto. Ao reerguer a cabeça, eu vi pelo canto do olho...

... A coisa.

38 - O DRAMÁTICO REENCONTRO

Lá estava ele.

O último grotesco.

Havia quanto tempo nos observava?

As manchas multicores esparramavam-se em sua superfície gelatinosa, mudavam, sumiam e voltavam a aparecer. Eram acompanhadas por pequenas ondulações quase imperceptíveis em sua membrana. Quanto aos filamentos, moviam-se em cadência vagarosamente.

— Pe... Pe... Petrus!

— O que foi? Já disse: estou no fim.

— PETRUS!

— Que é, porra?!

Finalmente, o caçador terminou de instalar o receptor magnético. Virou seu rosto irritado para mim. Viu a minha expressão congelada e acompanhou os meus olhos.

— Dispare! — gritou. —
Dispare... RODNEY!

Era a primeira vez que mencionava o meu nome.

A criatura saiu de sua posição, abandonando seu aspecto sereno. Aproximou-se.

As folhas dos arbustos farfalharam.

Não gemeram.

Não derreteram.

A coisa era uma ameba translúcida e bamboleava a pouco mais de cinquenta metros.

Mantive meus olhos hipnótica e aterradamente presos a ela e seus filamentos. Meu corpo congelara.

"O terceiro grotesco... O grotesco atrapalhado!"

Alguma coisa em sua maneira de movimentar-se fez com que eu o distinguísse. Era ele, tive certeza absoluta.

— Não aprende o que eu digo?
Atire, idiota! Vai morrer!

Não consegui responder, nem agir. Estava paralisado pelo pavor... e algo mais. Senti o líquido morno escorrer pelas minhas pernas para serem chapinhadas lá embaixo, sob meus pés. E o fedor, ah, o fedor...

A criatura arrastava-se na minha direção. Desengonçada. Era a mim que ela queria, somente a mim e não ao enorme caçador ruivo. Havia algo mais que eu não pude entender, perguntas misturando-se em minha mente, mas sem consistência. Tantas questões para as quais não havia respostas. Respostas que eu não tinha certeza de querer ouvir.

O berro fez meus ouvidos doerem:

— DISPAREEE!!!

O grotesco encontrava-se agora a pouco mais de trinta metros; rastejava-se resolutamente, sem demonstrar receio. Cores mutantes. Bailavam, bailavam, bailavam.

Um tremor sacudiu meu corpo diante do último grito de Petrus.

Atirei.

Uma, duas, três vezes...

... Só atingi o vento.

Havia alterado a arma para disparos manuais e nenhum dos projéteis alcançara o monstro. A coisa era imensa, e eu errara. Petrus estava certo. Eu não passava de um maldito imprestável e morreria por isso.

O caçador empurrou-me para o lado.

— Vai ser grosso assim na casa do capeta!

Acionou a arma multifuncional e as balas teleguiadas rumaram infalíveis para o alvo.

A massa disforme urrou, um urro horrível e inesquecível. Contorceu-se toda. Urrou outra vez.

De dentes rilhados, meu guia prosseguiu, disparando e disparando em seu medo e ira vingativos.

— Morra! — gritou, atirando num frenesi de fera acuada. — Leve chumbo grosso no rabo!

Vi Petrus ajustar a arma para a microbazuca.

— Espere! Pare!

— Parar por quê? É mamão com mel. *Coup de grâce!*

— Pare, por favor! — Meu rosto ficou quente. — Não faça!

Ele riu.

Não consegui detê-lo. Naquele instante, não entendi por que agi assim, sabendo tudo o que sabia sobre aqueles monstros. Foi algo em meu subconsciente. Algo na atitude desajeitada da criatura. E, principalmente, algo oriundo do desespero transformado no som terrível que o grotesco emitira.

A criatura deixara de se arrastar e, agora, somente se contorcia. Vapores emanavam de seu corpo. As manchas coloridas e o aspecto translúcido de ameba desapareceram e cederam lugar a uma imensidão vermelha e opaca. Não urrava mais. O único som que soltava era um gorgolejar.

Petrus não me ouvira, recusara-se a ouvir. Preparava-se para disparar a microbazuca quando...

Apenas sentiu a fisgada e mudou o tom de sua voz da raiva para a dor.

— Diabo! — gemeu.

— Petrus!

— Ele também conseguiu...

A arma escorregou de suas mãos. O gigante desabou na lentidão de uma árvore a tombar. Formou-se um anel de poeira ao seu redor e, no chão, encolheu-se todo trêmulo numa posição fetal.

Como ele, pensei que o grotesco disparara um dardo certo antes de sucumbir. Minha visão periférica corrigiu-me a tempo.

Uma cintilação.

O pseudópode crescia mais e mais daquela fissura.

Um dos grotescos aprisionados na gruta espremera parte de seu corpo por uma abertura impossível entre as toneladas de rochas. Percorrera um labirinto, tateando feito um verme ou uma serpente, e, agora, esbarrava-se vagorosamente aos pés do morro num fio líquido muito espesso, procurando se recompor em um grotesco completo. Nesse meio tempo, reconstituira-se o suficiente para lançar seu dardo contra o caçador.

— Petrus! Petrus!

Atirei-me ao chão no mesmo instante em que alguns dardos sobrevoaram próximos ao meu capacete.

Petrus não mais se encontrava entre mim e a coisa na gruta.

Tornara-me o próximo alvo dela. Rastejei e busquei proteção atrás do grotesco congelado.

— Petrus! — Só ouvi gemidos e palavrões.

Eu não podia permitir o grotesco de formar-se por completo do lado de fora.

Agarrei a microbazuca.

Luzes explodiram na noite orfeana.

Um novo desmoronamento se formou, desta feita, do lado de fora. Uma avalanche.

Pedras rugiram e rolaram.

O solo voltou a estremecer e a bafejar poeira e vapor em todas as direções.

O coro do inferno ecoou pela floresta.

A proteção plasmática daquela porção de ameiba se desfez em um brilho fantasmagórico. A seguir, transformou-se numa névoa esbranquiçada que se desfez aos poucos sob a tênue luz das estrelas.

Arrastei-me até o gigante ruivo. Utilizando toda força hidráulica dos músculos do exoesqueleto, puxei o corpanzil para a posição em que eu me refugiara, atrás da presa imóvel.

Seu traje rasgara-se ao lado do corpo. Lá, vi fincado o dardo do grotesco. O sangue escorria da ferida, misturado a um muco amarelado.

Tentei arrancar o dardo e Petrus gritou, alucinado pela dor. Vi fios que saíam da extremidade do dardo e penetravam fundo na carne, enraizando-se.

Fiquei desesperado.

— Petrus, fale comigo!

— Porra... Que merda!

Seu rosto era uma máscara de dor. Rugas mais pronunciadas surgiram na testa e ao redor de seus olhos. Em meio à barba e bigode vermelhos, sua boca tornara-se um esgar.

— Quietos. Vou pegar o estojo de primeiros socorros na mochila.

Deixara-a no alto do morro. Preparava-me para acionar as asas, quando senti sua mão segurar-me a perna. A voz emergiu no interior de meu capacete.

— Acabou... Ficarei devendo a estátua na Ravina. Fique com isso...

Era um cilindro de cristal, um cilindro de memória que ele retirara de seu cinto, cujas dimensões equivaliam a metade de um cigarro.

— Tem tudo o que precisa... Pinte a nossa história... AI!... QUEIMAAA!...

A voz transformou-se num gargarejo.

Ergui sua cabeça e tentei olhar seu rosto novamente por trás do vidro. Estava embaçado. Em seguida, arregalei os olhos, tomado pelo terror. Soltei-a e ouvi o baque oco do capacete ao bater no chão. Era aquilo que ele vira em seu companheiro? Aquilo! O rosto desfigurado, desfazendo-se, explodindo em bolhas rubras; os olhos emergindo das órbitas; o nariz transformando-se num caldo, deixando em seu lugar somente as fendas cobertas de muco; os dentes desprendendo-se e afundando. Finalmente, o fedor enjoativo, escapulindo através de seu filtro e do buraco do ferimento: o cheiro de um corpo onde a humanidade deixara de existir.

Trêmulo, coloquei-me de pé sem saber o que fazer. Sentia-me só, perdido e desamparado. Assustado, dei-me conta de que, até então, durante todo esse tempo, eu ficara de costas para o grotesco atrapalhado, aquele que Petrus atingira. Devia estar morto, mas nunca se sabe.

Sobressaltado, virei-me rapidamente.

Lá estava o que restara dele: mudado, rodeado pela névoa. Diminuíra de tamanho.

Abalado pela perda, desorientado, deixei o caçador e, trôpego, fui examinar o que restara da infeliz criatura...

... Infeliz?

Infeliz dela e infeliz de mim.

Lá estava o monstro.

Alterado.

Metamorfoseado.

Seus contornos, agora, definidos.

Contornos... humanos!

— Por Zeus!

Eu viajara centenas de milhares de quilômetros, correndo todos os riscos. Viera com mínimas esperanças atrás de Vinte e Dois. Duvidava que fosse encontrar qualquer vestígio, uma luva que fosse. No caminho, toda e qualquer esperança evanesceu diante dos perigos de Orfeu. Entretanto, agora, eu acabara de ter a mais absoluta certeza: meu irmão estava morto.

— Vinte e Dois...

Abracei seu corpo nu, coberto de pústulas e chorei.

— IRMÃO!

39 - INICIATIVA

"Se quer uma coisa bem feita, faça você mesmo."

O subordinado estava lívido. Deixara de ouvir a conversa na cela. Dizer que escutara o bastante era pouco. Ouvira muito mais do que o suficiente para concluir que todo o sistema ao qual servira durante toda a vida estava em perigo. Excetuando-se um erro ou outro, o detento descobrira e deduzira tudo! O enigma era o porquê dele não ter mencionado durante os interrogatórios e nas audiências. Não, não era um mistério tão grande assim, a contar da avaliação que ele fazia dos três poderes. A questão era: por que foi confiar tudo o que sabia a um mero guarda de penitenciária? Não só um guarda, mas um repassador confesso, um zé-ninguém. Acreditava, por acaso, que este espalharia sua história ao mundo?

As repetidas tentativas do homem de terno cinza em contactar o ex-Dirigente Supremo, Siba 00171, resultaram infrutíferas.

"Viciado de merda!", pensou, sem deixar transparecer no rosto outro

sentimento além da aflição, afinal, crescera em um mundo em que os vigias também eram vigiados.

Desistiu.

Precisava agir urgentemente, antes da troca da guarda. O sistema não podia ser destruído, afinal, seu caminho até se tornar um dirigente fora aberto, e, quiçá um dia, Dirigente Supremo!

— Já basta! — falou, interrompendo a gravação.

Utilizou uma encriptação tripla para o arquivo, retirou uma arma da gaveta e saiu as pressas.

Quando, finalmente, o ex-Dirigente Supremo, Siba 00171, atendeu ao chamado, a ligação do outro lado caiu.

Levara mais tempo a retornar à realidade e, mesmo assim, poderia jurar que continuava a ver borboletas gigantes e multicoloridas a voar rente as paredes de seu aposento. Seus corpos eram de belíssimas mulheres; os movimentos lânguidos, pernas tonificadas, sorrisos convidativos. Chamavam-no entre risos e muxoxos, jogando a cabeça para trás e, assim, fazendo realçar os seios.

Era tão real quanto a realidade, porém, mais atraente.

— Não!

Chacoalhou a cabeça, aprumou-se e ajeitou o terno marrom irremediavelmente amassado.

Paulatinamente, as borboletas desapareceram, feições desapontadas.

Retornou a ligação da linha privada à sala secreta. Não foi atendido.

"Cadê você? O que terá sido agora?"

Sentia-se indisposto. Não poderia — e nem queria — ir até lá novamente, pois, em breve deveria comparecer a uma reunião num dos laboratórios, aquele que ficava mais perto do arsenal. Esperava ter

boas novidades quanto a produção de seu exército. Precisava de boas notícias. No íntimo, seus planos eram muito mais ambiciosos do que a sede do governo poderia ofertar.

Fartara-se do revezamento.

Cansara-se desse arremedo de democracia.

Enquanto se arrumava, pensou consigo: "O que mais aquele vermezinho terá dito ao guarda?"

40 - CRISÁLIDA

Pelas copas das árvores, percebi que o vento marítimo soprava forte.

Queria senti-lo em meu rosto: úmido, frio, revigorante. Mas não podia.

No céu, o arco amarelado de Eurídice trilhava lentamente as constelações.

Para as estrelas, todos os dramas ocorridos no planeta duplo ao longo de quinhentos anos não passavam de grãos de areia em um oceano sem fim.

Sem percepção.

Sem emoção.

Sem pesar.

Ao observar a tiara euridiciana, pensei na Cidade de Areia, nas demais colônias, nas cúpulas, nos toróides, nos despenhadeiros, nos pináculos, nas dunas, nas tempestades sazonais, nas profundezas onde homens brutos trabalhavam sem nunca ver a luz do sol, nos rostos amigos e não tão amigos que conheci. Pensei nos vastos desertos e os mistérios que ainda guardavam. Pensei no espaço e o longo caminho trilhado pelos seres humanos da Terra para outras estrelas.

"Voltar para casa", desejei, por mais que eu nunca me tivesse sentido em

casa em Eurídice, em lugar algum. Precisava retornar. Era um dever: por Vinte e Dois, por Jeane, por Petrus, por mim próprio, por todos aqueles que padeceram e padeciam nas mãos de criminosos hereditários e de uma vilania institucionalizada.

O império dos "sonhos" precisava acabar.

A floresta farfalhou. Um assentimento talvez. Um murmúrio para que eu partisse daquele lugar selvagem ao qual não pertencia e para o qual jamais deveria voltar.

Disso Orfeu podia apostar.

Contudo, a aventura — ou desventura — não chegara a um epílogo: havia mais.

De repente, escutei um som rasgante seguido ao de metal dilacerado. Virei-me. Vi intrigado, mas, agora, sem surpresa.

O traje de Petrus inchava feito uma bola e estourara. O exoesqueleto arreventara e o fluido das juntas hidráulicas espirrava feito sangue negro. A crisálida partiu-se

A coisa que, outrora, um gigante ruivo denominara de grotesco emergiu.

Vacilante, a nova criatura fitou-me por um longo tempo. Depois, mergulhou floresta adentro, seguindo por uma das trilhas já formadas para continuar a fazer o que melhor sabia: caçar.

— Petrus!

Fatigado daquelas noites de pesadelo e longe de estar livre de perigos, reuni as derradeiras forças que não tinha. Apanhei o que restava de combustível e bateria das asas destroçadas de Petrus, munição e tudo o mais que poderia aproveitar. De sua mochila, retirei mais um receptor magnético e instalei-o o

melhor que pude no corpo do meu irmão.

Dois balões presos por um longo par de fios flutuaram no ar alienígena.

A seguir, voei a toda velocidade em direção à espaçonave CDF, cujos contornos lembravam-me um assento de privada. Orientei-me por uma das trilhas abaixo, rezando para que fosse a correta. Agradei às estrelas ao ouvir o barulho das ondas na distância e, finalmente, avistar o brilho do casco da banheira velha no alto da coluna de diorito. No caminho, apanhei uma daquelas pedras voadoras que alvejáramos pouco depois do desembarque.

No interior da nave, inseri o cilindro de memória no computador.

Havia muita coisa, muitas informações. Parte eu conhecia. Já outras...

Arregalei os olhos.

— Não me diga!

Pretendia digerir melhor suas revelações durante a longa viagem.

O computador fez a maior parte do serviço. Tutoriais auxiliaram-me na execução de manobras específicas. Manuais cumpriram o seu papel.

Acredito que até Petrus iria orgulhar-se de mim.

O rugido do assento de privada espacial encobriu a fúria da rebentação.

A partida não poderia ter sido em momento mais propício.

A maré elevava-se subitamente, assim como a intensidade do vento. Um furacão se aproximava e eu não desejava sentir na pele a sua fúria ou das ondas colossais.

Por ora, o oceano surgiu belo, inquieto e cintilante a medida em que a nave ganhava altura.

Apesar dos pesares, era um belo cenário.

Não, não pensei em uma pintura dessa vez. Depois de tudo, meus quadros e pincéis tornaram-se irrelevantes diante do desenrolar dos acontecimentos.

Deixei o horizonte líquido para trás e, num vôo de ébrio, sobrevoei a clareira. Localizei os dois balões fosforescentes. Acionei o receptor magnético. O corpo de Vinte e Dois e o grotesco capturado levitaram silenciosamente e vieram a bordo até o hangar de carga, cada qual em um container.

Perguntei-me se a criatura em que Petrus se transformara estaria nas imediações, observando a cena.

Era o mínimo que eu podia fazer por ele.

O restante viria depois.

Assim, acompanhado pelas beldades nas paredes da nave, em suas poses pervertidas e olhares insinuantes, rumei para o negror do espaço.

Pelos próximos dias, sentiria novamente a CDF fazer jus ao seu nome.

— Adeus... fedelho.

41 - O BURACO É MAIS EMBAIXO

A tempestade de areia já havia partido.

Os relâmpagos e trovões se foram.

O berrar desesperado do alarme, finalmente, silenciara.

Orfeu não era mais visível no círculo da janela.

A noite antecipada se foi, dando lugar aos matizes alaranjados do céu euridiciano.

Rodney 00023 não precisava mais falar aos gritos fazia algum tempo no que a garganta agradecia.

Falou em tom de pesar:

— Aí está o seu sinal de raciocínio em Orfeu. Nada de civilização nativa, ao que se saiba, mas de inteligência: os grotescos. Eles foram humanos!

— Não entendo.

— Deve ter existido um grotesco original, natural de Orfeu, que absorvia outras formas de vida, tornando-as parte dele. Talvez ainda haja. Quando a *Colombo* chegou neste sistema solar, os humanos foram incluídos no cardápio, só que um ou outro foi atingido pelos dardos e, em vez de morrer, transformou-se. Não somente isso: apesar do que eu disse, algo de sua humanidade sobreviveu na nova criatura.

O carcereiro, de queixo caído, ficou sem saber o que falar. Andou de um lado a outro, digerindo as palavras do prisioneiro, pisoteando as bitucas de cigarro. Os cabelos pretos estavam em desalinho. Estacou.

— E o que você fez, garoto?

O jovem balançou a cabeça.

— Eu falei demais — respondeu, sentindo o alívio de, através da janela circular, finalmente poder vislumbrar a luz do sol. Um fecho de luz desenhou um oval no piso da cela. — O que sabe sobre os peixes?

— Peixes? São animais que vivem debaixo d'água. Sei que a *Colombo* trouxe ovas e embriões congelados da Terra. Seus descendentes ou clones são criados até hoje em tanques para alimentar os figurões. Eu nunca vi um pessoalmente. Sua carne, dizem, custa centenas de vezes mais do que qualquer cartãozinho da melhor qualidade. Ah, se eu colocasse as

mãos num casal de peixinhos... O que tem a ver com a história?

— Nada.

— Nada? Então, por que merd...

— Só recordando um provérbio antigo: *o peixe morre pela boca*. Falei demais, entende? E, quanto ao meu destino, nunca tive dúvidas. Estou detido; os dirigentes, livres. Mas não me arrependo. Tudo que tem um princípio, eventualmente, encontrará seu fim.

O homem fardado, Jonas 01495, ficou momentaneamente confuso. Em todos os seus anos lidando com detentos, nunca encontrara alguém como esse Rodney 00023. Cada preso tinha sua história, geralmente uma mais chorosa do que a outra, e ele gostava de ouvi-las. Ajudava-o a passar o tempo e, de quebra, desenvolvia um certo grau de intimidade através do que tornava-se fácil repassar os indutores virtuais. Normalmente, os prisioneiros levavam tempo para se abrir e quase nenhum para consumir. Esse aí, entretanto, quebrara qualquer regra. Não consumia nada por causa da alergia, porém, abriu-se quase imediatamente. E como! E que história! Ou era o maior criador de lorotas de todos os tempos, ou tinha o maior furo que qualquer repórter da colônia daria a alma para divulgar. Jonas 01495 ainda procurava assimilar todas as teorias e revelações do rapaz. Alguma coisa ele sabia; outra, suspeitava, contudo, a maior parte ele desconhecia. Era incrível demais para ser verdade. Mas, se fosse, que uso poderia fazer?

— O que quer dizer com "encontrará seu fim"?

Rodney 00023 inspirou fundo.

— Que horas são? — perguntou.

O carcereiro respondeu.

— Sim, agora eu posso dizer.

— Dizer o quê?

Rodney 00023 sorriu.

— O restante de minha história. O *grand finale*. E, quer saber? O buraco é mais embaixo...

O homenzarrão ficou confuso.

— Tem mais ainda?

— Quisera não tivesse coisa alguma...

— Então, conte!

— Pois bem. Sou artista plástico, como sabe. Eu não tinha experiência alguma em pilotar naves, embora a maior parte de suas funções fossem controladas pelo computador. No cristal de memória, Petrus, entre outras coisas, deixara um relatório completo de suas atividades — um diário, se assim preferir —, atualizado até o último momento, quando foi atingido pelo dardo. O que vimos e ouvimos, cada passo que demos, o que conversamos, suas impressões pessoais, registros diversos do planeta: pressão atmosférica, temperatura, umidade... Eu não sabia que ele monitorava tudo, inclusive através de câmeras e gravações em meu traje. Além disso, o cilindro trazia informações sobre a sua verdadeira missão, a que nunca me contou.

— Ele não tinha ido lá para caçar um pesadelo ambulante?

— Sim, mas não existia um cliente interessado no grotesco e tampouco ele receberia qualquer recompensa. Ao contrário do que dissera, não o fez por dinheiro, exceto o que paguei a ele para me levar. E, isso foi uma casualidade. Se eu não estivesse junto, ele teria ido do mesmo modo. Sua missão era pessoal: vingar a morte de seus amigos — o que eu soube —, mas não somente em relação aos grotescos. Sua intenção maior era provar o que acontecia em Orfeu, o porquê da proibição de acesso e a

realidade sobre o fornecimento de virtualmina.

— "Fornecimento"?

O prisioneiro confirmou.

— O conhecimento de Petrus ia muito além do que eu supunha. E eu me enganara...

— Como assim?

— Eu imaginara que houvesse um contrabando de grotescos para Eurídice, onde seriam criados às escondidas feito gado a fim de produzir a matéria-prima do *somnia*. Mas não. Eu falei: o buraco é mais embaixo. E pior do que eu poderia supor.

Rodney 00023 fez uma pausa, mal crendo nas palavras que diria a seguir.

— Há fábricas de processamento instaladas em Orfeu!

Jonas 01495 pensou não ter entendido.

— O quê? Fábricas?... Em Orfeu???

— Sim, enormes fortalezas autossuficientes. Utilizam mão-de-obra escrava. Situam-se no hemisfério mais vigiado por satélites, cuja finalidade maior não é observar o que ocorre na superfície, mas quem de fora aproximasse de lá. Nunca se perguntou para aonde foram parar os desaparecidos, aqueles que contrariaram o sistema? Quando não assassinados, tornaram-se escravos. Há mais: séries inteiras são criadas lá, em Orfeu, exclusivamente para esse fim. São orfanos legítimos: nascem, vivem e morrem por lá, movimentando as engrenagens da produção. O mais hediondo é quando são forçados a transformarem-se em grotescos.

— Isso é loucura!

— Mais do que isso: é monstruoso.

— Digo, loucura sua!

— Quem dera. Petrus coletara dados através de outros caçadores, mineradores e programadores. Obtivera acesso a arquivos proibidos retransmitidos por satélites. Uma parcela desse material viera de seu melhor amigo, Duke. Está tudo no cilindro de memória. Porém, ele queria a prova definitiva, palpável. Pretendia transportar um grotesco para o Serviço de Informações da colônia setentrional.

— Para a Metrópole das Dunas? Por quê?

— Ora, não me diga que também não sabe que a imprensa deles é menos tendenciosa e sujeita a manipulação do que a nossa. Aqui seria tudo adulterado, senão encoberto. Dariam fim às provas: no grotesco, no cilindro, nele próprio, Petrus. Em um mundo de mentiras, a única verdade é a própria mentira. Ao menos no norte haveria a possibilidade de alguma providência.

— E onde está esse cilindro?

O prisioneiro ergueu os ombros.

— Quem sabe?

42 - ATOS DE DESESPERO

O carcereiro esboçou um sorriso malicioso.

— Os setentrionais também têm repassadores.

— Sem dúvida, contudo, a corrupção é menos generalizada. A distribuição não está a cargo de seus dirigentes, muito menos a produção e fornecimento. Estão mais empenhados em colocar um freio nisso do que a nossa colônia jamais esteve. Petrus queria divulgar o conteúdo do cilindro em canais clandestinos. Por mais que nossos

dirigentes negassem, haveria aqueles interessados em investigar.

— E por que não o fez?

— Eu falei. Ele achava fundamental ter uma prova física, um grotesco.

O homem de uniforme preto alongou seus braços e pernas.

— Essas coisas estão no processo?

— Não.

— Por quê não? Então, você não tem nada, garoto, como seu amigo ruivo temia. *O que não está nos autos, não está no mundo*. Suas palavras não passam de uma odisséia solta no ar. Se aconteceu, seu caçador virou um monstro e você está encarcerado.

— Se eu começasse a contar no interrogatório, seria morto na hora e diriam que foi suicídio. Se falasse na audiência, provavelmente, ela seria interrompida e, no mesmo dia, seria assassinado nesta cela. Calado, ganhei tempo.

— E daí? Está preso!

— É um fato. Eu sei demais...

Demais é pouco. — Fitou o teto, em direção à luminária. — Agora, eles estão cientes disso. Bem poderá ocorrer um "acidente" ou alguma "doença" misteriosa em breve. Aliás, não só comigo: você precisa se cuidar.

Jonas 01495 enrijeceu seu corpo. Levou a mão direita à cintura.

— Está me ameaçando?

— Não, estou te precavendo.

Agora, você também sabe o que ninguém deveria saber.

Esperou o homenzarrão absorver o que fora dito. Acrescentou:

— Todavia, pode haver uma saída.

O carcereiro, testa enrugada, indagou:

— Qual?!

Rodney 00023 aproximou-se das grades. Sussurrou:

— Testemunhe contra os dirigentes. Você é um repassador. Embora negue, deve ter seus segredos. Reparei nas expressões que fazia. Às vezes, o que eu contava não era novidade pra você.

O homem de farda preta fez ar de pouco caso. Sim, ele sabia. Era café pequeno no meio dos repassadores, mas tinha bons olhos e ouvidos. Conhecia muita gente de ambos os lados das grades e dos meandros de Eurídice. Ouvira falar de alguém cuja descrição correspondia à de Petrus, assim como ao do gigante Duke. Havia um dossiê a respeito deste último. Também era de seu conhecimento a amizade entre o atual Dirigente Supremo, Rousseau 00033 — @617n716T, e o famoso repassador, Kratau. E outros detalhes mais. O prisioneiro era inteligente, mas não podia ler pensamentos. E Jonas 01495 não ganharia nada em dizer.

— Testemunhar?! Você é doido! Não tenho nada para falar, nem a seu favor e nem contra o governo.

Rodney 00023 ignorou o protesto do outro. Prosseguiu:

— Ainda no espaço, nos dias de viagem de Orfeu para Eurídice, não consegui retransmitir as informações do cilindro de cristal para a rede planetária ou os canais clandestinos. As instruções para o acesso eram complexas demais. Entretanto, obtive sucesso ao encaminhar o conteúdo para a Metrópole das Dunas, que era o que mais importava. Despachei para ela, ainda, o container contendo o corpo de Vinte e Dois... — A desolação tomou conta de seu semblante. — Infelizmente, incinerou-se na atmosfera. Falei com

representantes de seu governo. Terminei as tarefas no momento exato, pouco antes de ser abordado. A CDF, o grotesco, meu traje, o exoesqueleto, tudo foi confiscado. Na placa dourada e prateada instalada na criatura há um temporizador. Através dele, o grotesco pode ser dessolidificado. Ou farão isso ou destruirão o espécime, o que é mais provável. Preciso que você descubra o que foi feito do grotesco.

O homem mais velho riu.

— Testemunhar, descobrir o monstrengo... Algo mais? Uma xícara de chá talvez?...

— O pedaço de filamento que guardei. Está no cinto de meu traje. Se não souber do grotesco, preciso dele. É outra prova. Sem o fragmento ou o grotesco, tudo o que existe são dados armazenados por um contraventor.

— Você é doido varrido, essa é toda a verdade. O maluco mais criativo do planeta e, ainda assim, piradão. Por que eu faria essas besteiras?

— Acabei de explicar: vão nos matar pelo que sabemos.

— Ora, ninguém sabe que eu sei, exceto você. E o que sei é um monte de bobagem.

— Sua boca diz isso. Seus olhos não.

— Não vou ajudá-lo, garoto — disse, taxativo. — A Fobia da Areia te deixou louco.

O prisioneiro estreitou os olhos. Acenou o indicador para o outro chegar bem perto das grades.

— Ninguém sabe? Tem certeza? Não sou muito perspicaz, porém, aquilo ali em cima, junto à luminária, não é uma câmera? Não é um microfone? Quem você acha que está vendo e ouvindo tudo?

Exasperado, Jonas 01495 esticou seus braços por entre as grades e agarrou o prisioneiro.

— Não sei de nada! Você está ferrado e fez de propósito! Quer me meter na sua sujeira... NÃO SEI DE NADAAA!

Ficaram tão próximos que Rodney 00023 sentiu a respiração do carcereiro junto a sua. O hálito exalava um forte odor de tabaco e um ligeiro traço de *somnia*. Rapidamente, o jovem enfiou as mãos nos bolsos do uniforme preto. Cigarros esparramaram-se pelo piso. Tateou desesperadamente e achou o que queria: um comunicador. Em seguida, livrou-se das garras de Jonas 01495.

— Ei, devolva-me isso!

— Só um minuto.

O homenzarrão sacou sua arma.

— AGORA!

Nesse exato momento, o homem de terno cinza, subordinado do ex-Dirigente Supremo, Siba 00171, entrou de repente. Trazia sua própria arma em punho. Seu olhar estava vidrado, a cabeça latejava e o suor escorria-lhe pelas têmporas. Ao ver o homem de preto, ergueu sua arma.

Não teve tempo de apertar o gatilho.

Fora de si, Jonas 01495 atirou repetidas vezes.

Num baque surdo, o outro caiu de costas no chão.

Assustado, o prisioneiro correu para o extremo oposto, acreditando ter chegado a sua hora.

O carcereiro, boquiaberto, ficou momentaneamente sem ação. Depois foi verificar o cadáver. Revistando-o, descobriu as credenciais do sujeito. Ficou em choque.

— O-o-o que foi que eu fiz? —
balbuciou.

Nesse ínterim, Rodney 00023, apesar do susto e das mãos trêmulas, digitou um código no comunicador e enviou o sinal. Depois, repetiu a operação com outro código.

Estava feito.

Ainda aturdido, o homenzarrão, procurou a chave da cela. Entrou correndo e deu um murro no prisioneiro, recuperando seu aparelho.

Cartõezinhos amarelos espalharam-se pelo chão, fazendo companhia aos cigarros e bitucas.

Luzes pipocaram diante de Rodney 00023, seguidas pela dor. Lamentou a falta do exoesqueleto.

Enquanto chutava o corpo franzino, o homem fardado ouviu em meio aos gemidos:

— Vinguei Vinte e Dois, Jeane e Petrus...

Nesse momento, um alarme soou.

43 - MONSTROS A SOLTA

Não era o alarme da tempestade.

A essa altura, a tormenta encontrava-se longe da Cidade de Areia, cobrindo a sua rota ao redor do planeta.

Em vez de contínuo, era um guincho de altos e baixos, mas igualmente irritante e estridente.

Logo em seguida, o comunicador do carcereiro tocou.

Aflito, o homem de farda atendeu. Esforçou-se por não gaguejar.

— O que está acontecendo?

— Jonas 01495 — @EL3g2M3y?

Compareça à sede do governo imediatamente!

— O que foi?

— Nosso ex-Dirigente Supremo foi atacado!

— Quem?

— O Exmo. Senhor Doutor Honoris Causa Dirigente Supremo Siba 00171 — @10D08m19!!!

Boquiaberto, olhou fixamente o cadáver ensanguentado do assessor do ex-Dirigente Supremo.

— O que está acontecendo? — repetiu, sem compreender o que se passava.

A pessoa do outro lado da linha, acreditando que o outro falasse consigo, insistiu:

— Vá imediatamente! AGORA! A coisa reviveu... O pesadelo ambulante... Está vivo! Atacou todos no laboratório. Transformou nosso ex-Dirigente Supremo num monstro!... CORRA!!!

— Como pôde acont... — Não completou. Lembrou-se de algo dito pelo prisioneiro. — O temporizador!

— O que disse? — veio a voz do outro lado.

— Nada não. Estou indo! — Desligou. — Você fez isso! Usou meu comunicador e acordou o monstro... Você! — Deu outro pontapé.

O corpo mirrado teve um espasmo. Sangue saía aos borbotões do nariz de Rodney 00023.

Antes de deixar a cela, o carcereiro recolheu seus preciosos cartõezinhos. Tornou a trancá-la. Fitou o corpo do assessor do ex-Dirigente Supremo. Não podia deixá-lo assim. Cedo ou tarde, alguém apareceria.

— O que fazer? — disse angustiado. — O que fazer?

— Testemunhe, cretino! — disse Rodney 00023, procurando levantar-se. Estava um trapo. — É sua única chance. Tudo o que eu fiz após ser preso foi

ganhar tempo. O tempo passou e a hora chegou. Despertar o grotesco não foi o único sinal que mandei... Estão vindo me buscar!

— Cale a boca! O que fazer? O que fazer?...

Então, a solução surgiu e ele estacou.

Com o lenço, apanhou a arma do cadáver, fez um disparo na parede, descarregou o restante da munição e atirou-a dentro da cela. Qualquer exame de balística revelaria ser um plano tosco, porém, era o melhor que tinha para o momento e, quem sabe, em meio à toda confusão, pudesse colar...

— O assessor do ex-Dirigente Supremo, Siba 00171, veio falar com você. Você agarrou-o através das grades, tomou a arma dele e matou-o. Infelizmente, agi tarde demais, matando-o em seguida.

O carcereiro Jonas 01495 segurou sua arma com ambas às mãos e apontou-a para o jovem.

— Viram tudo, idiota! — gritou Rodney 00023, apontando para a luminária.

O indicador começou a pressionar o gatilho.

Perdido sob qualquer ângulo, e completamente fora de si, o carcereiro murmurou:

— Adeus, contador de lorotas.

Foi quando a parede explodiu.

44 - DESFECHO

Foi um tremendo escarcéu.

Por mais tendencioso que fosse o Sistema de Informações da Cidade de Areia, foi impossível evitar a divulgação das imagens da batalha contra as

criaturas. Centenas de pessoas estavam lá. Elas vazaram para toda a colônia, bem como as cenas do ataque das forças militares da MetrÓpole das Dunas à penitenciária. Um prisioneiro desapareceu e um guarda foi morto.

Depois do incidente, a MetrÓpole das Dunas exigiu a realização de uma conferência global de emergência, a imediata intervenção de todas as colônias na Cidade de Areia e o aprisionamento de seu Dirigente Supremo, Rousseau 00033 — @617n716T. Os dirigentes remanescentes não tiveram como resistir diante de um poderio superior — e nem o porquê, ante os próprios interesses.

— Isso é golpe! — queixou-se o deposto Dirigente Supremo.

O empacotador de sonhos foi empacotado.

Nem todos os grotescos em Eurídice foram abatidos. Boatos posteriores disseram que um ou outro conseguira escapar até os níveis inferiores, próximos a lençóis freáticos. Era como se soubessem o caminho. O acesso a esses níveis foi proibido e os seriados realocados. Histórias foram contadas e novas lendas surgiram no decorrer dos anos. Assustavam não somente as crianças.

O prisioneiro Rodney 00023 — @53YkM375 foi levado à MetrÓpole das Dunas. Seu depoimento, mais os dados que enviara do espaço, constituíram-se valiosos testemunhos no inquérito instaurado. Pelos serviços prestados, teve o privilégio de ser aceito como cidadão da colônia boreal. Era o sonho de sua "mãe", Maria 00098. Infelizmente, ela falecera dois anos antes. Quanto a Melina, designaram-lhe outro homem ante a deserção do antigo companheiro. Não houve lágrimas.

A rede de satélites ao redor de Orfeu foi desmantelada; as fábricas, destruídas; os grotescos, libertados. Aos ex-escravos foi dada a escolha de lá permanecerem ou migrarem para Eurídice. A maioria optou por ficar. Receberam todo o auxílio necessário a sua autonomia. Escolheram uma ilha continental sem grotostes e, lá, criaram sua própria colônia. Batizaram-na Atlântida.

Após meio milênio de chegada ao sistema solar de Zeus, foram iniciados os estudos visando a terraformização de Orfeu e o menor impacto que isso causaria aos colonos e à vida nativa. "Convivência" tornou-se a palavra de ordem. Paralelamente a isso, implementou-se estudos sobre a possibilidade ou não de reverter as pessoas transformadas. Um cientista adiantou que, infelizmente, as chances seriam mínimas.

A gigantesca coluna de diorito com o platô no topo recebeu o nome de Petrus.

O uso do *somnia* foi drasticamente reduzido, mas não terminou. A liberação de seu uso, aliada a uma campanha de informação, bem como as aplicações medicinais desenvolvidas, minaram os negócios ilícitos da venda de indutores virtuais.

Várias prisões ocorreram, todavia, a corrupção não acabou. Era uma chaga poderosa demais, virulenta, adaptável. Sempre arrumava um jeito para fincar raízes e prosperar. Porém, agora, teria de ser mais criativa e cuidadosa. Por um longo tempo, tornar-se-ia mais difícil ser corrupto do que honesto.

Em seu novo estúdio — a prova de som, amenizando a Fobia da Areia —, Rodney 00023 esforçou-se por registrar

em telas as paisagens de Orfeu. Agora, seu trabalho alcançava um valor considerável e pinacotecas disputavam suas obras. Os ferimentos foram tratados, porém, de vez em quando, a perna direita ainda reclamava.

Ele perguntara a um militar da Metrópole das Dunas, o que convencera essa colônia da veracidade das informações do cristal e, assim, autorizar seu resgate. Esse assunto fora tratado durante o retorno de Rodney 00023, enquanto efetuava a transmissão de dados. Na ocasião, não recebera qualquer garantia.

O militar, num sotaque carregado e inevitável pose *blasé*, explicou:

— Apesar da queda, vestígios do clone foram recuperados dos destroços do container. A análise bioquímica respaldou as informações do cilindro.

Embora tivesse morrido, Vinte e Dois cuidara de mim uma última vez. Um funeral simples foi posteriormente realizado em sua honra.

E, procurando soar casual, o militar acrescentara:

— Por falar nisso — estendera o braço —, ordenaram-me que lhe entregasse...

Era uma caixinha minúscula. Dentro dela...

... O cilindro de memória.

— A nave do caçador foi trazida para cá — justificara, ainda mantendo a postura pedante. — Se aquilo pode ser chamado de nave.

— Viu as mulheres? — disparara Rodney 00023, farto daquela pose de cheira-peido.

O militar fora desarmado. A rigidez do semblante caíra e, ante uma piscadela maliciosa do jovem artista, um esboço de sorriso surgiu. Rodney 00023

devolveu o sorriso. Existia algo de humano no milico, afinal.

O mistério que cercava os desaparecimentos fora solucionado; e o enigma quanto ao início da colonização do planeta duplo Orfeu-Eurídice, esclarecido.

A questão dos seriados e a lei de esterilização começaram a ser debatidas. A próxima geração veria nascer os primeiros bebês de relações sexuadas. Euridicianos e orfeanos.

Também iniciaram-se reuniões visando a uma prudente abertura da Metrópole das Dunas em relação às demais colônias.

A princípio, Rodney 00023 tinha pesadelos. Sentia estar deitado sobre o terreno pantanoso das trilhas, aquela mistura de matéria morta e fragmentos semelhantes a ossos. Chegava até a sentir o odor de putrefação. Via rostos derretendo-se e, por vezes, um deles era

o seu. Despertava aos gritos, levando uma das mãos ao peito a fim de tocar o cristal do cilindro convertido em pingente.

Muitas noites se passaram até decidir olhar para o céu.

Talvez um dia fizesse as pazes com Orfeu. Quem sabe, até retornasse para lá, para o mundo de vastos oceanos, onde a água caía do céu, o solo era fértil e a vida crescia em abundância. Se fosse o caso, seria para um futuro por ora distante. Perderia Orfeu a aposta? Só o tempo diria.

Muitos habitantes de Eurídice passaram a alimentar a idéia de migrarem para o planeta irmão. E, nesse sentido, os herdeiros do Conglomerado *Vespúcio*, da astronave *Colombo* faziam seus planos, fechavam seus olhos, sonhavam.

Nos séculos vindouros, chegaria o dia em que, não somente em mito, Orfeu e Eurídice ficariam juntos para sempre.

EPÍLOGO

Se me coubesse dar um conselho, eu diria: cultive seus próprios sonhos e não os dos outros.

Quando eu era pequeno, meus sonhos eram diminutos, embora, na minha cabeça, dessem a impressão de serem do tamanho do mundo, tão vastos quanto a extensão do céu onde traços de nuvens deslizavam ou na grandiosidade das dunas e seus eternos redemoinhos de areia.

Ao crescer, a maioria dos sonhos se foi, acompanhando o soprar das nuvens e as rajadas de vento. E o mundo tornou-se menor, mais sólido, embora não tão firme.

Perdi algum paradoxo pelo caminho, bem sei.

Mas a velhice, em sua lâmina de dois gumes, não somente nos toma: ela concede. Concede-nos uma porção da infância perdida quando os devaneios eram partes importantes da vida. E, com ela, permite-nos fazer retornar aqueles pequeninos retalhos de sonho, tornados novamente enormes diante de um mundo cada vez maior, mais complexo e conturbado. Um mundo no qual aqueles que conhecemos se foram e o nosso corpo, encarquilhado e diminuto, volta a buscar no efêmero aquilo que a solidez da realidade não conseguiu segurar.

Não obstante as atribulações, eu nunca deixei de sonhar.

E hoje, ao olhar-me no espelho, de um modo um tanto estranho, o rosto que eu vejo e revejo...

... é o rosto de Vinte e Dois.

Rodney 00023 - @53YkM375
Artista Plástico
Metrópole das Dunas
A61M02D01



Nasci na cidade de São Paulo em 01/02/1961, o que agora me parece muito distante. Passei a infância imerso nos anos 60, período de várias transformações. Tive a felicidade de sentir o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais - não obstante a Guerra Fria. Escrevi "Como a Neve de Maio" ("Isaac Asimov Magazine" nº 12, Ed. Record), "Limbographia" (contos), "O Olhar de Hirosaki" (romance), "Os Fantasmas de Vênus" (noveleta) etc. Participo da revista digital "Conexão Literatura", de Ademir Pascale, desde sua edição nº 37.

Informações: Google, Amazon, Clube de Autores, agBook ou nos links abaixo:

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html>

http://www.efuturo.com.br/pagina_textos_autor.php?id=671

<http://marcianoscomonocinema.blogspot.com/search/label/Roberto%20Schima#.XF1gdVVKjIV>

<https://www.clubedeautores.com.br/authors/97551>

<https://www.agbook.com.br/authors/97551>

Contato: rschima@bol.com.br

POR QUE DIVULGAR NA REVISTA CONEXÃO LITERATURA?

VELOCIDADE NA INFORMAÇÃO
ATUALIZAÇÕES DIÁRIAS
COMPROMISSO E SERIEDADE
LEITORES NO BRASIL E PORTUGAL

FANPAGE: + DE 83 MIL CURTIDAS
TWITTER: + DE 38 MIL SEGUIDORES
INSTAGRAM: + DE 5 MIL SEGUIDORES
SITE: + DE 1 MILHÃO DE ACESSOS

**ACESSE O NOSSO MÍDIA KIT:
[CLIQUE AQUI]**

Divulgação de escritores e editoras
Entrevistas, publiteditorial, capa da revista etc

Para mais informações, escreva para:
ademirpascale@gmail.com